



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO, PODER E DISCURSO:
A IMPRENSA ARACAJUANA E A AIDS NA DÉCADA DE 80.

ÉLCIO LUIZ SANTOS DA SILVA

São Cristóvão – SE

2025

ÉLCIO LUIZ SANTOS DA SILVA

**EDUCAÇÃO, PODER E DISCURSO:
A IMPRENSA ARACAJUANA E A AIDS NA DÉCADA DE 80.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de pesquisa Sociedade, Subjetividades e Pensamento Educacional, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Clívio Pimentel Júnior

São Cristóvão – SE

2025

É um homem que [...] forçosamente está numa solidão absoluta. Mas não é qualquer tipo de solidão, é uma solidão extraordinariamente povoada. Não povoada de sonhos, de fantasias ou de projetos, mas de atos, de coisas (Deleuze, 1992, p. 51).

Sobre o que somos. Ou sobre o que nos tornamos.



Foto: Arquivo Pessoal.

Nestes agradecimentos, a imagem acima guiará a narrativa. Sou a criança dentro da “caravela” que olhava atenta para a câmera e esperava a pessoa avisar que a fotografia havia sido tirada. Porém, não recordo o ano exato e nem a idade que eu possuía naquela época.

A foto registrou minha participação em um dos desfiles cívicos em alusão a Independência do Brasil na cidade histórica de Japarutuba, no interior do estado de Sergipe, onde passei a minha infância. Naquele ano, o tema da escola era representar uma linha temporal da invasão portuguesa até o império, sendo que meu irmão marchava logo atrás vestido de Dom Pedro I. Em uma mensagem distorcida da historiografia, as crianças fantasiadas de indígenas seguravam felizes os cordões das velas do navio como se aquela embarcação alegórica fosse um ritual de vitória. E apesar da imagem possuir vários erros

históricos, os quais eu gostaria de ter tempo para analisar, volto meu olhar para minhas experiências daquele momento.

Em um determinado trajeto do desfile, o carro alegórico, que era empurrado por cerca de seis homens, se tornou pesado para aqueles braços e à medida que descia uma das ladeiras da cidade, ele simplesmente bateu em retirada, sozinho. Como eu, as outras crianças que estavam dentro da caravela representando os invasores nos abaixamos com medo do alvoroço. O que me faz não ver quando retomaram o controle da “embarcação”. Por sorte, que eu saiba, ou lembre, ninguém chegou a sofrer nenhum dano.

Ironicamente, o acontecimento *desenhou* algumas narrativas que poderão ser interpretados em outro momento, em um futuro artigo, quem sabe, são eles: a História é pesada; ela é muitas vezes mal interpretada; e há pessoas, ou energias, que conseguem, em algumas ocasiões, serem suporte em momentos históricos sobrecarregados. Sendo este último o foco destes agradecimentos.

Apesar de não o ver, meu primeiro “obrigado” é ao meu mentor espiritual. O qual aguça minha intuição, aquele que me faz religar ao Sagrado pela oração, que me cerca de outros seres de luz e que me faz acreditar em um Deus amoroso.

Agradeço a minha mãe por nunca desistir de mim. Mesmo com minhas oscilações de humor, crises depressivas que me fazem ser outra pessoa e expõe toda a minha fragilidade. Espero que algum dia eu a recompense por todo o trabalho que teve e tem. Em, especificamente, conseguir dinheiro tentando dobrar suas vendas da revista Avon ou cuidando de outras crianças para que eu e meu irmão nunca ficássemos de fora dos desfiles cívicos pois acreditava em uma educação além das paredes da sala de aula.

Agradeço a Mestra em Educação e colega de sala Sindaya Belfort por compartilhar comigo, só pelo olhar, na primeira vez que nos encontramos, o medo que ambos tivemos de não sermos bons o suficiente para a banca examinadora enquanto esperávamos a entrevista na seleção do mestrado naquele vasto corredor solitário da universidade. Por, também, me ajudar a escolher o recorte temporal desta pesquisa por meio de mensagens que eu enviava em horários não convencionais e por aceitar ler o manuscrito deste trabalho, mesmo com as suas próprias demandas, antes de ir para a correção. Assim, seguindo nesta linha, agradeço ao doutorando em Educação Felipe Sena por se aproximar de forma tão espontânea e arrancar de mim sorrisos altos em momentos difíceis. Por ser uma voz experiente para mim tanto na representação discente quanto no

mestrado de forma geral. E a minha amiga Mestra em História Vitória Santana por ser apoio, inspiração e, literalmente, fazer história na universidade. E a todos os meus outros, que são poucos, amigos e amigas que me fazem ver as cores da vida nos meus dias mais cinzentos.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudo. Sem a qual eu não teria como, literalmente, escrever esta dissertação, mesmo sendo um trabalho desenhado desde a graduação, porque agora, no mestrado, tive que vê-lo através de outras perspectivas e novas fontes documentais. Sendo que, depois de mais de um ano na pós-graduação, tive que abandonar todo o meu projeto metodológico para me inserir em outro por conta da troca de orientação, situações que seriam bem mais alarmantes caso eu estivesse trabalhando oito horas por dia em uma escala seis por um. E foi também graças a esta bolsa que consegui realizar sonhos tão antigos, mas tão particulares: consegui comprar meu primeiro iPhone, viajar duas vezes em quase dois anos, ter uma conta no *Spotify Premium* me possibilitando escutar músicas durante todo o dia, sem interrupções, enquanto digitava este e outros trabalhos no computador até meus olhos arderem pedindo descanso. O que me faz, conseqüentemente agradecer, de forma especial, ao Governo Lula por acreditar na ciência e reajustar o valor da bolsa logo no início do seu atual mandato.

Agradeço a Guy Debord (2003) por sua obra “A sociedade do espetáculo”, que por algum sinal espiritual, enxerguei a referência do seu livro em um artigo e o li. O que se transformou quase em uma sessão de terapia. Visto que esta passagem terrena, para mim, é um espetáculo ruidoso que não gosto de estar e não faço questão que perdure. Problematização esta respondida por este autor e que me fez rir na hora que li pela certeza do que retratava: “Eis porque o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte” (Debord, 2003, p. 26).

Por fim, agradeço ao meu gato, Aladdin, por me fazer enxergar pureza no mundo. E por me fazer ainda ter um pouco daquela criança em seu barco desgovernado.

RESUMO

Esta pesquisa analisa as formas discursivas do modo como a aids foi narrada pelos impressos jornalísticos de Aracaju desde 1983 até 1988, sob a perspectiva de um poder educativo na sociedade local. Os periódicos selecionados, Jornal da Cidade, Jornal de Sergipe e Gazeta de Sergipe, foram analisados através da ótica pós-estruturalista, vendo-os como currículos não-escolares e como fontes de uma educação que ultrapassam as instituições tradicionais de ensino e permitem desenhar narrativas outras na memória social. Multifacetada, delineando trajetos diversos em um país plural, a aids foi narrada de forma particular pela imprensa brasileira, que passava por transformações naquele período e parecia correr contra o tempo para levar à sociedade informações sobre a “peste” exótica que acometia, principalmente, os homossexuais. As notícias foram selecionadas de maneira que traçassem uma narrativa cronológica no decorrer de cada ano. A escolha foi orientada inicialmente pelas presenças dos signos “aids” e “doença” em seus enunciados, conforme abordagem analítica de Hall (2016) e Silva (2011). Posteriormente foram reavaliadas sob a perspectiva da “repetição” de Deleuze (1992), o que definiu as reportagens que são analisadas nesta pesquisa. O estudo mostra, a partir da avaliação do modo como a imprensa aracajuana abordou a aids na década de 80, como os discursos são moldáveis aos poderes dominantes em um determinado momento histórico, como as imagens possuem “nervuras” (Foucault, 1987, p. 51) e como estas povoaram o imaginário da população. Por fim, foi possível observar que a mídia, em suas diferentes formas, mais especificamente a imprensa, conseguiu estruturar e captar a atenção dos seus espectadores em uma sociedade de espetáculos.

Palavras-chave: Educação; Currículos não-escolares; Aids; Imprensa; Aracaju.

ABSTRACT

This study analyzes the discursive forms through which AIDS was narrated by the print media in Aracaju from 1983 to 1988, from the perspective of an educational form of power within local society. The selected newspapers, *Jornal da Cidade*, *Jornal de Sergipe*, and *Gazeta de Sergipe*, were examined through a post-structuralist lens, viewing them as non-school curricula and as sources of education that transcend traditional educational institutions, thereby shaping alternative narratives within social memory. Multifaceted and tracing diverse paths in a plural nation, AIDS was narrated in a particular way by the Brazilian press, which, undergoing transformations during that period, seemed to race against time to deliver information to society about the exotic “plague” that primarily affected homosexuals. News articles were selected to construct a chronological narrative throughout each year. The initial selection was guided by the presence of the signifiers “AIDS” and “disease” in their headlines or content, in accordance with the analytical approaches of Hall (2016) and Silva (2011). These were later re-evaluated through Deleuze’s (1992) concept of “repetition”, which determined the reports analyzed in this study. The research reveals, through its treatment of AIDS during the 1980s, how the press in Aracaju reflected discourses shaped by dominant powers of the time, how images carry “striae” (Foucault, 1987, p. 51), and how these images populated the collective imagination. Ultimately, it was possible to observe that the media, in its various forms, and particularly the printed press, was able to structure and capture the attention of its audience within a society of spectacles.

Keywords: Education; Non-school curricula; AIDS; Press; Aracaju.

ANEXOS

Tabela 01 – Títulos das notícias referentes a aids nos impressos analisados entre 1983 e 1989	89
Tabela 02 – Diretrizes de terminologias para serem utilizadas na resposta global ao HIV	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ESTA É UMA PESQUISA DISCURSIVA PÓS-ESTRUTURAL	14
2.1 Cultura e Representação	21
2.2 Poder	28
2.3 Análise do Discurso	32
3 A EDUCAÇÃO EM CURRÍCULOS NÃO-ESCOLARES.....	38
3.1 O currículo não-escolar como fetiche	40
4 A IMPRENSA ARACAJUANA E A AIDS NA DÉCADA DE 80.....	44
4.1 1983	45
4.2 1984	48
4.3 1985	52
4.4 1986	57
4.5 1987	60
4.5.1 Gazeta de Sergipe	60
4.5.2 Jornal de Sergipe	65
4.6 1988	69
4.6.1 Jornal de Sergipe	70
4.6.2 Gazeta de Sergipe	77
5 OITO ANOS DEPOIS	83
6 ANEXOS	89
7 REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

Fevereiro de 2018. Carnaval. Havia poucos dias que minha mãe soubera por outras pessoas sobre a minha orientação sexual. Depois daqueles gritos iniciais típicos destas revelações, tudo passou a ser muito vigiado, silencioso. Porque “o suplício repousa na arte quantitativa do sofrimento. Mas não é só: esta produção é regulada. O suplício faz correlacionar o tipo de ferimento [...] com a gravidade do crime” (Foucault, 1987, p. 3). Porém, em uma tarde, sem aviso prévio, eu me arrumava para ir a um bloco de rua com alguns colegas. Uma afronta direta para um adulto que ainda precisava falar aos pais para sair de casa e com quem. Como que, inconscientemente, pedisse permissão. Minha mãe, desconfiada, com um olhar de repugnância, antes que eu atravessasse a sala e saísse, disse firmemente: “tome cuidado com a aids”. Eu não falei nada. Mas aquelas palavras foram afiadas, cortantes. Mas, éramos espectadores de um espetáculo que nem sabíamos que participávamos, conforme Debord (2003). Espetáculo este que será entendido no decorrer da pesquisa.

Analisando, superficialmente, o relato acima, visto que “as imagens têm também um *dentro*¹, ou, certas imagens têm um dentro, e são sentidas por dentro [...] que lhes dá o poder de estocar outras imagens” (Deleuze, 1992, p. 56), a mulher que pediu para seu filho gay tomar cuidado com a aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) foi ensinada, de alguma forma, a acreditar que a doença acometia, especificamente, ou, talvez, majoritariamente, homossexuais. A ideia, a representação (Hall, 2016) que ela tinha da aids, vinha de algum tempo-lugar. As sucessivas imagens acerca do tema que passavam em sua mente como um rolo de filme antigo já haviam criado, na perspectiva de Deleuze (1992), uma ação e reação sobre o assunto.

Voltando alguns anos nessa linha do tempo, ainda quando eu era criança, lembro de uma situação parecida. Morávamos no interior de Sergipe, em Japarutuba. Uma mulher, no final da nossa rua tinha vindo a óbito pelas consequências da aids. Lembro bem que eu e meu irmão fomos aconselhados por minha mãe a não passar pela frente da casa para não “pegar”. O interessante é que toda a rua falava sobre, mas aos sussurros.

¹ Na entrevista que Deleuze cedeu para a *Revista Cahiers du Cinéma* em novembro de 1971, o autor usou o termo destacado ao retratar imagens que já estão construídas na consciência imagética do indivíduo diante das suas vivências ou adquiridas por algum poder dominante (Deleuze, 1992).

Uma consequência vinda do século XVII, das “novas regras de decência, [que] sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados” (Foucault, 1988, p. 21).

A comunidade daquele bairro também foi ensinada sobre a aids. Talvez, não no sentido estrito de um ensinamento, sistematizado, mas a recomendação de “não passar pela frente da casa para não pegar” orientava a conduta, de alguma maneira. E ensinamento não tem um pouco de orientação de condutas, tomada de decisões e formação de habilidades e comportamentos (Brasil, 1999; Silva, 1999; Brasil, 2017; 2018)? Confesso que não me recordo se nas conversas com os vizinhos houve alguma relação com a orientação sexual daquela mulher. Porém, podemos destacar um olhar desejoso por saber: “a doença estava no ar”. Um fetichismo que incomodava e ao mesmo tempo atraía, conforme Silva (2001).

Retornando ao ano de 2018, quando eu cursava Licenciatura em História. A professora da disciplina de História do Brasil Contemporâneo pediu para que procurássemos algum livro que narrasse algum fato que tivesse ocorrido no período da Ditadura Militar (1964 – 1985). E como eu sempre tentei encaixar questões de gênero e sexualidade em pesquisas livres na graduação, procurei por alguma obra que abrangesse tais assuntos. Para minha surpresa, naquele mesmo ano, o historiador James Green havia lançado “Revolucionário e gay: A extraordinária vida de Herbert Daniel – Pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão”. O livro, baseado em diversas fontes históricas, narrava a vida de um militante da esquerda armada que lutou contra o sistema autoritário instaurado pelo Golpe Militar. Contudo, o protagonista era gay. Assim ele travava duas batalhas: uma contra o Governo e a outra contra ele mesmo, já que não podia revelar sua verdadeira essência. Herbert Daniel morreu em 1992 por consequência da aids. Mas o que não é comentado nas aulas de História ou em outras áreas científicas quando falamos sobre direitos de pessoas convivendo com HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) é que ele teve um papel fundamental para que o país encarasse o assunto com a seriedade devida, sem termos pejorativos ou estigmas. E que tentou reeducar a população com as armas que possuía no momento: a escrita e a oratória fascinantes, chegando até a ser entrevistado por Jô Soares. O grande problema é que a historiografia simplesmente esqueceu o nome daquele rapaz que tanto revolucionou².

² Sobre o motivo deste suposto esquecimento historiográfico, a resposta foi dada no prefácio da obra escrita pelo jornalista Jean Wyllys: “Se a memória é uma construção social, o fato de Herbert Daniel não ser conhecido entre as novas gerações, até mesmo de gays e travestis beneficiados por todas as conquistas pelas

Depois de apresentar o livro em formato de seminário, eu fiquei fascinado, confesso, pela história daquele personagem. E eu queria saber mais. Na verdade, nossas histórias se conectavam, estávamos em busca de autoafirmação.

Este trabalho é a consequência da junção de representações, tanto discursivas quanto culturais, que foram criadas em minha mente e na população diante das vivências ou discursos do fenômeno da aids, pois “as imagens não cessam de agir e de reagir entre si, de produzir e de consumir. Não há diferença alguma entre as imagens, as coisas e o movimento” (Deleuze, 1992, p. 57), o que, conseqüentemente, se construiu um currículo cultural não-escolar (Oliveira; Franguella, 2022) não só em mim, mas na sociedade através da mídia impressa aracajuana, que produz, até hoje, seus conceitos.

Esta dissertação tem como objetivo geral percorrer o trajeto da aids em Aracaju pelas vias dos jornais impressos da capital desde 1983, período das primeiras representações midiáticas acerca do tema no país até o início da adoção de estratégias locais de explanação e orientação sobre a doença, em 1988. Nisto, percebendo-os como currículos culturais que moldaram opiniões com base nos discursos de poder sob a perspectiva pós-estrutural. Importante assinalar que esta análise somente foi possível graças à parceria da Universidade Federal de Sergipe com o Instituto Histórico de Geográfico de Sergipe e com as Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe (SIBIUMS) que digitalizaram os periódicos e disponibilizaram para toda a comunidade de forma online³.

Preciso salientar que os três jornais pesquisados, *Gazeta de Sergipe*, *Jornal da cidade* e *Jornal de Sergipe*, foram selecionados por serem os únicos, na vasta lista de digitalização, a terem o ano de 1983 disponível. Período primordial para o trabalho, sendo o ano em que as primeiras notícias sobre a aids passaram a circular na mídia brasileira (Green, 2018).

Este trajeto será feito em etapas que se interligam no decorrer da escrita. Assim, no segundo capítulo, trarei explicações acerca dos estudos pós-estruturalistas e seus devidos autores para situar o leitor diante desta abordagem que nos permite percorrer

quais lutou em relação às políticas públicas de prevenção ao HIV e ao tratamento das pessoas portadoras de HIV/aids, esse fato expõe o quanto nossa sociedade é homofóbica e refratária à visibilidade de personalidades que dignifiquem a homossexualidade” (Wyllys, 2018. Prefácio. *In*: Green, 2018, p. 14).

³ JORNAIS DE SERGIPE. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/>. Acesso em: 1º de dezembro de 2024.

narrativas diversas e entender que atravessamentos de novos saberes analíticos são necessários para que haja mais espaço em formas tão concretizadas pelo formalismo europeu (Peters, 200), o que vai acarretar na explanação de Cultura, Representação, Educação através dos currículos não-escolares, Discurso e Poder como subtópicos do capítulo. No terceiro, será explorado a visão pós-crítica sobre enxergar o currículo como um artefato além da escola, como uma ferramenta política e social que também ensina, mas em meios e formas não convencionais. No quarto capítulo, depois de ter contextualizado a pesquisa, farei análises pós-estruturais em ordem cronológica dos impressos. Notícias estas que foram selecionadas, em um primeiro contato, com base nos signos da “aids” e “doença” em seus enunciados, conforme abordagem analítica de Hall (2016) e Silva (2011). Depois, uma nova seleção, sob a perspectiva da “repetição” de Deleuze (1992). Por fim, nas considerações finais, será discutida uma visão suscinta sobre como a aids, no término daquela década, 1989, foi narrada pelos impressos.

Saliento que usarei o termo “aids” em minúsculo, exceto quando o mesmo iniciar uma frase ou fizer alusão a alguma campanha, como aconselha o Manual de Comunicação da Secretaria de Comunicação Social (SECOM)⁴. Bem como evitarei terminologias ultrapassadas sobre pessoas convivendo com HIV conforme orienta o Programa Conjunto das Nações Unidas (UNAIDS)⁵, como mostradas na Tabela 02.

2 ESTA É UMA PESQUISA DISCURSIVA PÓS-ESTRUTURAL

Um estudo científico pode e deve procurar uma metodologia para desdobrar o que se deseja pesquisar, um modo para explicar a desordem do que foi encontrado, para entender que nada estava desorganizado, mas sim ignorado ou silenciado. Quiçá, criar um modo outro de entendimento da desorganização, um ordenamento provisório, uma chave de leitura e interpretação daquilo que busca compreender que permita produzir outros sentidos.

A experimentação, a análise, as fontes, os discursos, os jornais e tudo o que envolve um projeto precisa ser guiado por algo, como um ritual. E é assim que a metodologia se faz presente em qualquer pesquisa. Nesta, apresento um modo, não forma,

⁴ MANUAL DE COMUNICAÇÃO DA SECOM. **Estilo – Aids**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/aids>. Acesso em: 26 de maio de 2025.

⁵ UNAIDS. **Terminologia**. Disponível em: <https://unids.org.br/terminologia/>. Acesso em: 26 de maio de 2025.

de fazer ciência. Pois o pós-estruturalismo, como o próprio nome sugere, se beneficia daquilo que não está preso e fixado, do que é livre e daquilo que é diferente, do discurso nas entrelinhas, do poder não dito, como a magia, uma *coisa feita* (Silva, 2001).

Para contextualizar, usarei como referência Peters (2000). E não ironicamente, observa-se que a capa do seu livro confeccionada por Jairo Alvarenga Fonseca, que traz uma fotografia de uma escultura intitulada “Salto” (1979), do escultor argentino Juan Carlos Distéfano, pode nos revelar algo interessante a respeito da metodologia.



Fonte: <https://www.arte-online.net/Notas/Juan-Carlos-Distefano>

Na foto, uma pessoa assexuada, porém com traços faciais masculinos, é mostrada caindo ou afundando, já que “o corpo” não toca o chão por estar fixado em uma enorme placa transparente que pode ser entendida como uma grande poça que se ergue de um amplo furo no solo. Segundo o site *La Nacion*⁶, o artista se inspirou ao saber que havia cadáveres ancorados no leito do Rio de la Plata. De fato, pela fisionomia que a escultura apresenta, é possível ver abandono e medo. Já Graciela de los Reyes, em seu artigo publicado no site Arte Online⁷, diz que Distéfano se inspirou diversas vezes, em outras

⁶ LA NACION. Con “La memoria residual” la pintura se vuelve escultura gracias a Juan Carlos Distéfano. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/cultura/con-la-memoria-residual-la-pintura-se-vuelve-escultura-gracias-a-juan-carlos-distefano-nid10052022/>. Acesso em 20 de novembro de 2024.

⁷ Arte Online. La vuelta al mundo Distéfano en 80 obras. Disponível em: https://www.arte-online.net/Notas/La_vuelta_al_mundo_Distefano_en_80_obras. Acesso em: 20 de novembro de 2024.

obras, no desespero das pessoas ao viverem no período ditatorial argentino (1976-1983). Então, é bastante comum em suas produções ver o medo do desconhecido e da violência. Porém, como tudo, possivelmente, pode ser interpretado de diversas maneiras, Fonseca não levou para a capa esse contexto histórico. E tudo bem. Pois, segundo a nota explicativa do livro sobre ela, a escultura simboliza a abolição “das fronteiras de todo tipo” (Peters, 2000, p. 94).

Não tenho como negar que foi uma escolha apurada para a arte da capa de uma obra que trata sobre o pós-estruturalismo. Porém, vale ressaltar, que quando trato desse assunto, eu não estou solto “no nada”, nem que não haverá um solo futuro que possa trazer estabilidade, como possivelmente é o caso da escultura. Ao contrário, estou livre, mesmo sem saber a certeza do destino.

Agora, voltando a atenção para a leitura, o autor é muito didático para dar significado ao campo da sua pesquisa ao passo que tenta situar o leitor. Algo que tentarei também trazer para este capítulo. Assim, segundo Peters (2000), é preciso entender primeiro o que foi o Modernismo e o Pós-modernismo para não existir um possível erro ou inversão de significados. O primeiro, é preciso especificar, possui duas facetas: a inicial se revela como um movimento artístico que surge em meados do século XIX, sendo que a segunda é considerada um pensamento filosófico e histórico, pois é considerado “moderno” tudo o que sucedia a Idade Média. “Filosoficamente falando, modernismo começa com o pensamento de Francis Bacon na Inglaterra e o de René Descartes na França” (Peters, 2000, p. 12).

Para Mello (2016), que parte do momento em que o termo começa a ser usado, que é 1970, o pós-modernismo se consagra com o periódico *Boundary 2 – Revista de Literatura e Cultura Pós-Modernas* que destacava a crítica, o questionamento do que já havia e estava sendo feito, tanto no campo artístico quanto filosófico por conta de “um destacado colaborador da revista, Ihab Hassan, em busca de elementos de radicalização ou de negação do modernismo” (Mello, 2016, p. 223). Porém, para Peters (2000), Immanuel Kant foi o grande incentivador dos questionamentos, sendo inconscientemente um precursor no que seria um “novo moderno”. O que só reforça, nestas duas perspectivas, que a busca por conceitos concretos sobre o pós-modernismo revela o poder do movimento em não ser enquadrado, resumido. Sendo que ele “amplia a compreensão da nossa época e torna profícuo o esforço de retomada dos debates que se travaram em torno dessa polissêmica noção, revelando sua atualidade” (Mello, 2016, p. 255).

Fonseca (2020) afirma que o estruturalismo “metodologicamente, ignora a existência de algo externo à estrutura, a ponto de podermos afirmar, no que diz respeito a ela, a inexistência de exterior” (Fonseca, 2020, p. 390). Já em sua origem, Peters (2000) afirma que esse termo é associado na Rússia pré-revolucionária e especificamente no campo da linguagem discursiva, tendo um rigor mais aguçado das obras humanistas. Assim, escapava de ser “uma performance, uma prática ou uma estética artística. [...] iniciando uma ciência das estruturas que abalava os tradicionais pressupostos humanistas e românticos que se baseavam nas ideias de intencionalidade, de criatividade e de autoria” (Peters, 2000, p. 15). Mas com um olhar bem mais direcionado na virada do século XX sobre os trabalhos de Ferdinand de Saussure e por Roman Jakobson. Sendo que o primeiro pode ser considerado um ponto central no desdobramento histórico daquele sistema. Assim, vale ressaltar que foi ele, Jakobson, em 1929, o criador do “termo ‘estruturalismo’, para designar uma abordagem estruturo-funcional de investigação científica dos fenômenos, cuja tarefa básica consistiria em revelar as leis internas de um sistema determinado” (Peters, 2000. 22). Em suas próprias palavras após o Primeiro Congresso Eslavo Internacional de Praga, ele chegou a afirmar que o estruturalismo não é um aglomerado mecânico, mas um amontoado estrutural com leis internas. A meu ver, simplificando sua fala, Jakobson não desejaria apresentar um *Frankenstein* discursivo, mas outro sistema que ainda era todo “montado”, porém bem mais organizado e ordeiro do que aquele personagem fictício desengonçado e complicado criado por Mary Shelley em 1816.

O pós-estruturalismo, como aconteceu com o pós-modernismo, pode ser comparado a uma crítica do que estava sendo produzida. Contudo, Mendes (2015) vai trazer algo pertinente:

Apesar de não haver consenso sobre a designação do termo, existe uma percepção minimamente compartilhada de que um dos pressupostos que embasam qualquer abordagem pós-estrutural é a impossibilidade de definir objetivamente qualquer tipo de conceito. Assim, a resposta para a definição do próprio termo somente será encontrada a partir de perspectivas que o negam, mesmo porque a pergunta “o que significa pós-estruturalismo?” apenas faz sentido para aqueles que são classificados fora dos limites criados por essa designação. A própria tentativa de definição do conceito já implica uma estratégia de construções limítrofes que, em última instância, tenta organizar os campos de saber a partir de táticas que situam discursos em determinadas tradições ou abordagens (Mendes, 2015, p. 46-47).

Peters (2000) revela que o movimento começou no início dos anos 60 na França com inspirações nos trabalhos alemães de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger.

Porém, curiosamente, é Jean Piaget, que mesmo ao escrever sobre o estruturalismo e usá-lo para explicar suas pesquisas sobre as etapas da aprendizagem da humanidade, acabou se tornando uma ruptura desse sistema. Pois, coincidentemente, ele publica seu livro *Le structuralisme* em 1968, ano em que a França fervilhava por conta de diversas manifestações, inclusive estudantis. E, parecendo que estava prevendo o que aconteceria após a publicação, o psicólogo cita em seu livro que a “estrutura é um sistema de transformação” (Piaget, 1971, p. 5 *apud* Peters, 2000, p. 25). Logo depois, ele chegou a criticar Lévi-Strauss, Sartre e Foucault. E com ênfase neste último, chegou a falar que ele pesquisa “estruturalismo sem estruturas” (Piaget, 1971 *apud* Peters, 2000, p. 25).

Peters (2000) nomeou a primeira geração do pós-estruturalismo, a saber: Gilles Deleuze, Michel Foucault, Julia Kristeva, Jaques Derrida e muitos outros, segundo o autor. Contudo, ele corporifica o conteúdo na revista *Tel Quel*, que possuía pensadores que

desenvolveram formas peculiares e originais de análise (gramatologia, desconstrução, arqueologia, genealogia, semioanálise), com frequência dirigidas para a crítica de instituições específicas (como a família, o Estado, a prisão, a clínica, a escola, a fábrica, as forças armadas, a universidade e até mesmo a própria filosofia) e para a teorização de uma ampla gama de diferentes meios (“a leitura”, a “escrita”, o ensino, a televisão, as artes plásticas, o cinema, a comunicação eletrônica) (Peters, 2000, p. 34).

Uma característica similar e que beneficia esta pesquisa é o respeito à interpretação do texto, como podemos ler no trecho:

Os pós-estruturalistas, tanto quanto os estruturalistas, exibem, especialmente em relação com a literatura, uma grande sensibilidade textual e uma compreensão complexa da importância do estilo tanto na filosofia quanto nas ciências humanas. Reconhecendo sua dívida para com Jakobson e para com Propp, os pós-estruturalistas desenvolveram estratégias e abordagens filosóficas altamente inovadoras e sofisticadas para a análise de textos e de artefatos históricos e culturais que podem também ser vistos, em um sentido mais amplo, como “textos”. (Peters, 2000, p. 37)

Sobre as divergências com o estruturalismo, uma das que mais considero peculiar e ao mesmo tempo importante, perante o olhar de Peters (2000), é a flexibilidade com o tempo histórico. Enquanto o período estruturalista tentava “apagar a história” através de blocos sincrônicos de narrativas, como os *plattenbau*⁸ da arquitetura soviética alemã, o pós-estruturalismo se deixa levar pelo caminho tortuoso na narração histórica, já que um

⁸ Edifícios da Alemanha soviética que eram construídos por blocos pré-fabricados iguais para acelerar as construções e dar uma sensação de igualdade de classes perante a população. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/arquitetura-alem%C3%A3-oriental-em-berlim/g-17213733>. Acesso em: 21 de novembro de 2024.

determinado fato histórico, por mais que possa ser contado e analisado de forma linear, ele possui várias ramificações e versões. Ele, de fato, não pode ser colocado em um bloco solitário. E é justamente nesse quesito que o pós-estruturalismo realiza uma história crítica, sem uma análise bruta e ontológica. Ao contrário, “se concentra na análise diacrônica, na mutação, na transformação e na descontinuidade das estruturas; na serialização; na repetição; na arqueologia; e naquilo que Foucault e Nietzsche, chama de ‘genealogia’” (Peters, 2000, p. 39). Ou seja, uma análise genealógica é a sensibilidade com o processo de construção do ser.

Outro ponto divergente, que vale salientar, é o afastamento do pós-estruturalismo do cientificismo das ciências humanas, da dureza das análises e certezas tão firmes. O movimento, segundo Peters (2000), “questiona o racionalismo e o realismo do positivismo estruturalista, com sua fé no progresso e no método científico, colocando em dúvida, além disso, a pretensão estruturalista de identificar as estruturas universais” (Peters, 2000, p. 39).

Outro fator interessante de diferença observado pelo autor é que os pós-estruturalistas possuem uma forte crítica com as democracias liberais que tendem a enxergar suas características políticas na base de um binarismo excludente, como por exemplo o que é legitimável e o que não, aquele que pode ser responsabilizado e o que não, aquele que faz parte e o que não da cidadania, nós e eles etc. Assim, quando também defendendo que esse sistema exclui, desejo mostrar que reduzir todo o contexto social em binarismo é tentar silenciar ou apagar as diferenças que existem nas sociedades. Um exemplo perspicaz é o objeto de estudo desta pesquisa. Quando a aids passa a ser noticiada no Brasil a partir de 1983, havia nitidamente um binarismo: a “doença gay” e a suposta imunização heteronormativa. Ou seja, a sociedade estava dividida, segundo a mídia, entre os pervertidos castigados e os puros. Uma doença estranha que só acometia as pessoas estranhas (Nascimento, 2005, p. 82). E isso significava aprisionar a diferença ao lado geralmente desfavorecido das equações binárias, remetendo-as àquilo que precisa ser corrigido / eliminado / conduzido de volta ao eixo da normalidade (Peters, 2000).

Porém, é preciso problematizar esse pensamento binário, que aqui se expande entre o sujeito e o objeto. É necessário entender, como notou Batista, Mocrosky e Mondini (2017), que essa relação bivalente surge de um teor filosófico quanto ao ato de fazer ciência, porém com mais foco ao empirismo baconiano e cartesiano. Para os autores, “Bacon (1988) defende a ideia de que os fenômenos físicos precisam ser estudados sem

a interferência do observador, por acreditar que o conhecimento se origina na observação e pela indução, por dirigir-se dos fatos à teoria e, com isso, do particular para o geral” (Bacon, 1988, *apud* Batista; Mocrosky; Mondini, 2017, p. 48). Contudo, Descarte, sob a visão dos autores, concordava com essa diferenciação do objeto com o sujeito, mas acreditava que os órgãos dos sentidos podem trair o observador ao criar, institivamente uma nervura entre si e o objeto estudado, porque, canalizando os exemplos dos jornais que estão sendo tratados, na perspectiva cartesiana, a minha visão, como órgão de sentido, perante à imagem analisada pode criar um vínculo com meus ideais e conseqüentemente me afastar de uma possível verdade. Se é que existe uma. Porque,

nessa caminhada de (re)conhecimento de movimentos investigativos, entendemos que, principalmente em educação, cujo objetivo é formar pessoas, desvelar aspectos da relação sujeito-objeto instituída ao longo da história - como alguns matizes expostos neste texto - abre horizonte para o pesquisador se perguntar sobre o que é ciência, bem como avaliar o que espera da atividade científica que vem produzindo (Batista; Mocrosky; Mondini, 2017, p. 55).

Assim, voltando a dialogar ainda com aquelas divergências e fechando esta discussão, “se existe um elemento que distingue o pós-estruturalismo é a noção de *différence* [diferença], que vários pensadores utilizam, desenvolvem e aplicam de formas variadas” (Peters, 2000, pg. 42). Aplicando-se, principalmente, em narrativas discursivas que tendem a ser canônicas, mas que não são, pois, segundo o autor, não há discurso neutro. E é aí onde a diferença importa, já que os pós-estruturalistas não escolhem lados, enxergam a diferença como ponto primordial para entender determinado fato, e não fazem distinções categóricas entre sujeito e objeto, como se fossem entidades independentes dotadas de plenitude ontológica. Outro aspecto acerca da pesquisa discursiva pós-estruturalista sobre o qual Pimentel-Júnior (2021; 2022; 2023; 2024;) deu ênfase em seus escritos, e com o que eu concordo, diz respeito à uma virtude de atenção mais afiada aos discursos, à textualização das expressões simbólicas, às maneiras pelas quais significa-se um dado fenômeno, que pode ser educativo, comunicacional, social, entre outros, como poderemos verificar através dos jornais que serão analisados nesta pesquisa.

No entendimento da desordem que se encontra a matéria bruta da pesquisa que precisa ser explicada, o pós-estruturalismo torna-se esse ritual de aproximação do poder e do discurso para tal resultado. Um ritual mais ou menos aberto, porque, diferente dos rituais muito fechados e tradicionalmente postos, lidar com textos e discursos não é reivindicar a verdade do discurso, mas debater uma forma de interpretá-lo a partir da diferença. Ritual este que passou por suas próprias transformações, primeiro com o

modernismo e o pós-modernismo. Transição que ocorre com o estruturalismo e que faz traçar um caminho pós-estrutural. Saliendo, também, que tal trajeto, como foi mostrado, possui suas particularidades tanto com divergências quanto com as convergências. Visto que é essa visão de “diferença” marcante que faz a abordagem pós-estruturalista ser um “salto” no desconhecido, como desejou mostrar o artista argentino Juan Carlos Distéfano em sua escultura.

2.1 Cultura e Representação

A cultura não é de fácil definição, segundo o olhar de Hall (2016). Para o autor, de forma generalizada e tradicional, ela pode ser entendida como o que foi construído de melhor em uma sociedade. Correlacionando-a, assim, uma visão antropológica: que é tudo o que um povo pode criar. Mas daí também surge aquilo que alguns estudiosos, segundo o mesmo autor, podem identificar, em uma perspectiva utilitarista, como “alta cultura”, que seria algo mais elitizado, e a “cultura popular”, considerada, muitas vezes, degradada, inferior.

Em “A vida não é útil”, de Krenak (2020), o autor rebate o utilitarismo cultural. Em sua perspectiva, que atravessa questões econômicas que tentam apagar determinadas manifestações culturais, os povos originários são um exemplo cristalino que nem sempre quem escreve a História sabe o que foi construído de melhor em um povo. Visto que,

os povos nativos resistem a essa investida do branco porque sabem que ele está enganado, e, na maioria das vezes, são tratados como loucos. Escapar dessa captura, experimentar uma existência que não se rendeu ao sentido utilitário da vida, cria um lugar de silêncio interior. Nas regiões que sofreram uma forte interferência utilitária da vida, essa experiência de silêncio foi prejudicada (Krenak, 2020, p. 59).

É perceptível na obra de Hall (2016) que ele flerta com os ideais de Krenak (2020), sendo ele um homem preto que analisa na mídia estadunidense “quem ascende, quem descende, quem é incluído e quem é excluído, como fica a situação particular dos negros nesses processos” (Ituassu, 2016. Prefácio. *in*: Hall, p. 10). E é esse processo analítico midiático, tentando capturar as diferenças, que vai direcionar este trabalho.

Enquanto isso, vale destacar o “Circuito da Cultura” elaborado por Hall (2016), que segue quase o raciocínio de uma cadeia alimentar, composto por palavras que se interligam sem seguir uma ordem estrutural: representação, identidade, produção, consumo e regulação. Sendo que os termos podem ser misturados, sem uma linearidade

entre eles. Assim, para o autor, a cultura também “é o que diferencia o elemento humano na vida social daquilo que é biologicamente direcionado. (...) ressalta o papel fundamental do domínio simbólico no centro da vida em sociedade” (Hall, 2016, p. 21).

Porém, há outra fonte de energia que liga esses significados para o autor: o sentido. O autor afirma que este termo “é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem ‘pertencemos’” (Hall, 2016, p. 21). Visto que o sentido é criado nas variadas práticas sociais, incluindo aí as mídias. O que faz “sentido”, já que esses meios de comunicação das massas criam a todo momento rituais de poder, o que pode interferir em nossas condutas e práticas (Sabat, 2001), assim como os discursos. Por isso, ao trazer as notícias dos impressos arcajuanos, não é possível julgá-los, ao contrário, é tentar enxergá-los além do que foi proposto no enunciado. Assim,

discursos são maneiras de se referir a um determinado tópico da prática ou sobre ele construir conhecimento: um conjunto (ou *constituição*) de ideias, imagens e práticas que suscita, variedades no falar, formas de conhecimento e condutas relacionadas a um tema particular, atividade social ou lugar institucional na sociedade. Essas *formações discursivas*, como assim são conhecidas, definem o que é ou não adequado em nosso enunciado sobre um determinado tema ou área de atividade social, bem como em nossas práticas associadas a tal área ou tema. As formações discursivas definem ainda que tipo de conhecimento é considerado útil, relevante e “verdadeiro” em seu contexto; definem que gênero de indivíduos ou “sujeitos” personificam essas características. Assim, “discursivo” se tornou o termo geral utilizado para fazer referência a qualquer abordagem em que o sentido, a representação e a cultura são elementos considerados constitutivos (Hall, 2016, p. 26, grifos do autor).

Voltando o olhar para a representação, Hall (2016) a define como a utilização da “linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (p. 31). Já Russ (1991), em seu Dicionário de Filosofia, a define a partir de uma análise etimológica: do latim *repraesentatio*, “é a ação de pôr diante dos olhos” (p. 253). O que vai complementar o que Hall (2016) afirmou quando ressaltou que “representar também significa simbolizar alguma coisa, pôr-se no seu lugar ou dela ser uma amostra ou um substituto. (...) É assim, portanto, que você dá sentido às coisas” (p. 32-34).

Porém, é preciso também falar do “signo”. Segundo o autor, este é a junção entre sons, palavras ou imagens. Assim, a cultura e representação são interligadas por esse fio condutor. Contudo, há uma grande complexidade neste sistema por conta de variações culturais, o que implica que o signo pode variar em diferentes sociedades e, conseqüentemente, representar algo diferente, a depender de onde a pessoa se encontra e do seu tempo. Nisto, baseando-se também em Saussure, Hall (2016) vai alertar sobre dois

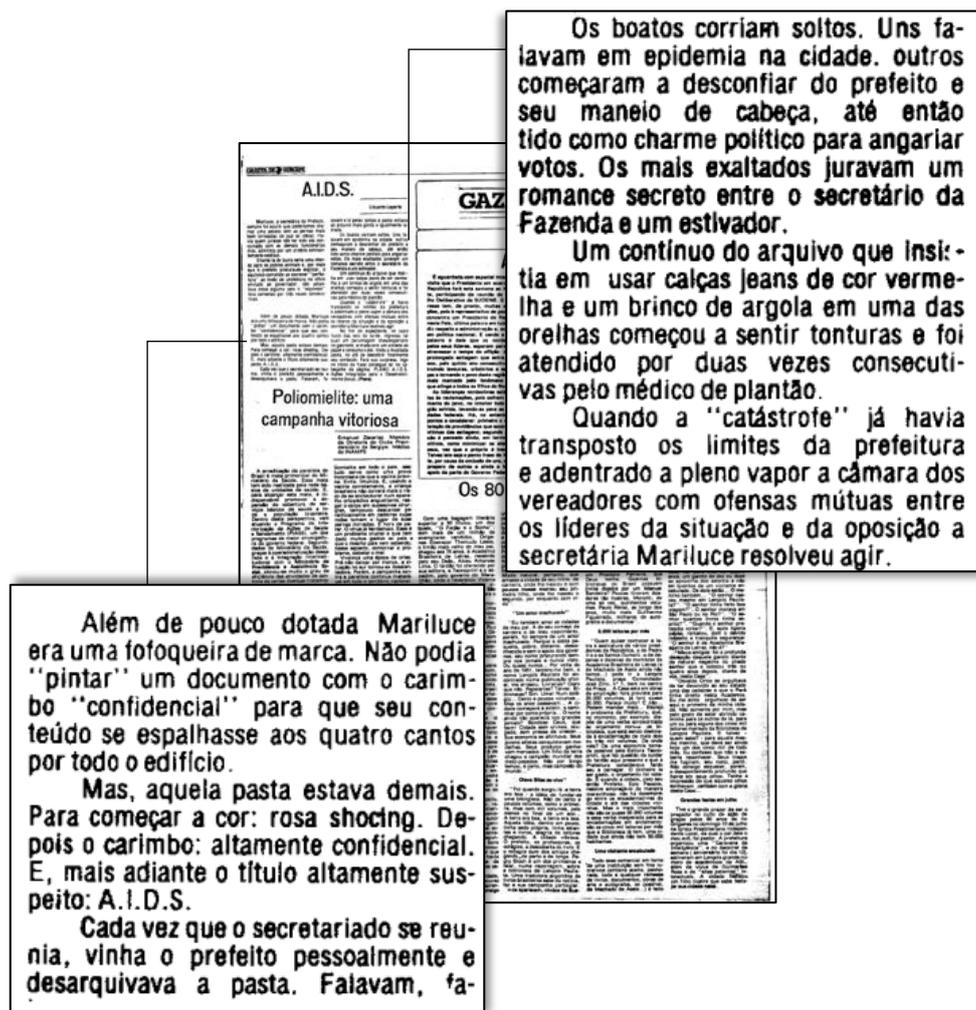
conceitos que são interligados com o signo, são eles: o significante e o significado. Para o autor, o primeiro é como uma imagem, uma representação ou forma de algo, já o segundo é o conceito que é criado em nossa mente acerca daquilo que temos. “Os dois são necessários para produzir sentido, mas é a relação entre eles, fixada pelo nosso código cultural e linguístico, que sustenta a representação” (Hall, 2016, p. 57).

Neste momento, tentaremos retratar os signos de poder, acompanhando o sentido e as representações culturais analisando a primeira e única notícia sobre a aids no periódico *Gazeta de Sergipe* em 1983, ano que a doença passou a noticiada no país.

Para Reis (2014), a *Gazeta* foi o único jornal impresso sergipano que por quase cinco décadas teve sua produção ininterrupta. Se autointitulava como “combativo” por possuir um teor político justo, “entretanto, ao analisarmos a história de vida e o posicionamento ideológico do proprietário do periódico, vemos que não se tratava de um órgão ‘extremamente combativo’, como proposto” (Reis, 2014, p. 38).

Em 1948, segundo Reis (2014), surgia a *Gazeta de Sergipe* fundada por Orlando Dantas, após este ter passado como colaborador por outros três periódicos, sendo visto como “o jornal mais influente e temido da sociedade sergipana” (Dantas, 1997, p. 142 *apud* Reis, 2014, p. 43). Mas, Orlando Dantas, apesar de ter sido líder de partido político socialista enquanto trabalhava no seu próprio jornal, mudou de posicionamento político no início da década de 60, o que fez Reis (2014) enxergar a *Gazeta* não como justa, mas defensora de um regime ditatorial que se estenderia no Brasil a partir do Golpe Militar de 1964.

Com essas mudanças, mesmo sem analisar ainda a notícia, é possível perceber como o “sentido” de ideais pode ser mudado reformulando as “representações”. Porém, como não é o foco analisar a instituição jornalística, apesar da contextualização ser válida, é a notícia com o signo da aids que nos interessa. Por isso, no dia 02 de agosto de 1983, a *Gazeta* publicou uma com o título “A.I.D.S.”:



Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35198>

O enunciado aparece em caixa alta e com pontos após cada letra. Algo intencional, já que o nome da doença não era escrito dessa forma. Isso aconteceu, pois, se tratava de um conto ficcional, com uma certa veia de humor preconceituoso típico da época referente aos homossexuais (Green 2018), sobre uma funcionária da prefeitura que presenciou o governante da cidade com uma pasta sigilosa com a sigla do título da notícia. Ela logo começou a perceber o caminhar, trejeitos, do prefeito, antes nunca notados, ou ignorados. Ela também percebeu que ele só se encontrava com homens em sua sala. E de repente o burburinho logo começou a percorrer a prefeitura, já que, como o texto deixa subentendido, a pasta carregava um segredo gay. E então, num ímpeto de descobrir o que finalmente se tratava aquele arquivo secreto, a funcionária invade a sala da autoridade e descobre que A.I.D.S. significava, na verdade, "Ações Integradas para o Desenvolvimento Social".

É perceptível que se utilizou de um humor ácido para representar uma situação mundial. Ao abordar o “jeito” do prefeito, a cultura estereotipada dos homens gays logo se instaurou. Freire Filho (2004) aponta que “a análise crítica da sub-representação ou da representação distorcida de identidades sociais (classes, gêneros, sexualidades, raças, etnias, nacionalidades) nos meios de comunicação de massa se consolidou, desde os anos 60” (Freire Filho, 2004, p. 45). Naquele momento, a Gazeta havia quebrado um padrão jornalístico na imprensa brasileira específico da década de 80 ao optar pelo “humor”, segundo Peixoto (1998). Padrão este que “foi a pesquisa. Os dados estatísticos, metodologicamente fundamentados” (Peixoto, 1998, p. 38). A autora sinaliza que aquele foi o momento em que se passou a exigir o diploma de jornalista, algo não cobrado até final dos anos 70, e conseqüentemente as notícias se tornariam mais “duras” e o sentido precisava ser comprovado pela ciência. O que não aconteceu na publicação analisada.

Retornando ao signo, pois é ele quem guia toda a narrativa, ou seja, a doença “imaginada” pela personagem principal, Hall (2016) vai nos alertar sobre algo fundamental e que aparece na mensagem do periódico: o sentido. Para o autor, “o sentido não está no objeto, na pessoa, e muito menos na palavra. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural” (Hall, 2016, p. 41). Então é possível perceber que a imprensa local já havia se misturado com o imaginário social para naturalizar que a doença era fruto de um grupo social específico. Porque, em 1983, “publicaram [no país] reportagens nomeando a aids, ora ‘doença que atinge os homossexuais’, ora de ‘câncer gay’ ou ‘peste gay’, denominações colhidas na imprensa norte-americana e reproduzidas pela imprensa brasileira” (Teodorescu; Teixeira, 2003, p. 40)

A notícia é carregada de sentido. Talvez, melhor dizendo, ele constitui discursivamente o sentido social do signo – A.I.D.S. – que busca representar (Hall, 2016) atribuindo-lhe uma específica maneira de ser noticiado no veículo de comunicação analisado. O discurso cria e oferece o sentido no texto do conto (Peters, 2000; Hall, 2016; Pimentel-júnior, 2022). Nele, vemos uma sociedade que já está ciente dos possíveis perigos da doença e que se deixa alarmar por vestígios do discurso, uma suposta contaminação por alguém que antes era de confiança e, agora, estava na mira das representações pré-concebidas. E o sentido foi tão bem representado que instigou tanto o leitor do período quanto aos personagens.

Naquele mesmo ano, o Jornal de Sergipe, em 05 de julho, também tocou no assunto apenas uma vez. E diferentemente do que vimos acima, a notícia sobre “saúde” aparece um tanto isolada. Sendo a primeira e única notícia de 1983 neste periódico, como já citado, o título evidencia que um cabelereiro morreu de aids em São Paulo:

JUNDIAÍ - Os médicos que cuidaram do caso, os familiares e os amigos evitam falar abertamente sobre o assunto, mas todos os indícios levam a crer que o cabelereiro Bruno Pegoraro, estabelecido em Jundiaí, tenha morrido vítima da síndrome de insuficiência imunológica adquirida - a AIDS, ou "Peste Gay", como passou a ser conhecida no mundo inteiro. Bruno morreu na última quinta-feira, num hospital de Jundiaí, e os médicos garantem que os sintomas - ele perdeu mais de 20 quilos em poucos dias e seu organismo ficou sem todas as defesas imunológicas - são de que ele foi vítima da síndrome.

Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35444>

O Jornal de Sergipe, segundo Santos (2022) foi instituído em “19 de janeiro de 1966, sendo parte do órgão do partido liberal e de acordo com administração de Aristides Soares de Andrade e de Propriedade de José Agostinho do Nascimento” (Santos, 2022, p. 10). E apesar deste autor ter como foco este periódico, não há mais informações em sua pesquisa acerca do trajeto histórico feito pela instituição. Fato que me encorajou a procurar outras fontes que revelassem mais informações sobre a fundação do jornal, porém não houve mais achados.

A notícia sobre a vítima da doença afirma que tanto familiares como amigos tentam não tocar no assunto. Porém, ela também estampou o nome do profissional que,

como consta, morreu de aids ou “peste gay”, como a doença ficou conhecida. Um tema que será aprofundado no capítulo 04. Mas, o interessante é que no decorrer do texto há uma afirmação de que ainda não havia comprovação laboratorial de que ele havia falecido por conta da síndrome. O que logo dá espaço para que a narrativa seja baseada apenas em um relato anônimo de um suposto conhecido próximo que afirmou que o cabelereiro tinha de fato a doença. Assim, o signo da “peste” apareceu, a cultura da doença sigilosa e perigosa também fomentam o conteúdo e o sentido do que precisa ser dito, pois já era algo naturalizado. É possível perceber também que a representação logo se volta para a questão de orientação sexual, identidade e gênero, já que ser cabelereiro foi um ponto central na discussão, fazendo parecer não ser uma profissão heteronormativa. Sendo este um trajeto arriscado construído desde os anos 60 para os homens que desejassem seguir a profissão com este nome, conforme Moura (2007), em um campo considerado tão feminino no Brasil. O que faz comprovar como as representações mudam pelo signo através do tempo, pois desde a colonização, a profissão voltada a cortar cabelo e “fazer” barba eram trabalhos masculinos, pois foram trazidos pelos jesuítas, sendo que é só no século XX que haveria uma mudança de gênero nesses campos, segundo Teles e Sá (2009). Assim, na perspectiva da notícia, é preciso salientar que:

o estereótipo [...] reduz toda a variedade de características de um povo, uma raça, um gênero, uma classe social ou um “grupo desviante” a alguns poucos atributos essenciais (traços de personalidade, indumentária, linguagem verbal e corporal, comprometimento com certos objetivos etc.), supostamente fixados pela natureza. Encoraja, assim, um conhecimento intuitivo sobre o Outro, desempenhando papel central na organização do discurso do senso-comum (Freire Filho, 2004, p. 47)

É importante trazer o debate do “espetáculo do outro” proposto por Hall (2016) em um dos seus capítulos. Para o autor, a “diferença” é que faz o caminho acontecer, o trajeto ser bem direcionado. Porque é o “diferente” que distingue e dá poder ao outro para apontar: olhe, veja como são estranhos de nós. O autor também aborda algo interessante, pois, além da alteridade causar muitas vezes medo e repulsa, ainda assim há um certo fascínio por ela, como também observou Silva (2001). Porque,

A marcação da “diferença” leva-nos, simbolicamente, a cerrar fileiras, fortalecer a cultura e a estigmatizar e expulsar qualquer coisa que seja definida como impura e anormal. No entanto, paradoxalmente, também faz com que a diferença seja poderosa, estranhamente atraente por ser proibida, por ser um tabu que ameaça a ordem cultural (Hall, 2016 p. 157).

Para finalizar esta análise, São Paulo aparece como destaque porque, para Marques (2002), foi onde as fortes representações da doença iniciaram no Brasil, pois “os

primeiros casos de Aids oficialmente registrados no país ocorreram em julho de 1982, no estado de São Paulo” (Marques, 2002, p. 50). Sendo que, para esta mesma autora, em 1983, aquele estado já apresentava dez casos notificados pela Secretaria da Saúde e outros seis divulgados pela imprensa e logo depois, naquele mesmo ano, “o estado de São Paulo já contava de fato com 26 casos, número que continuou em franco crescimento nos anos seguintes” (Marques, 2002, p. 51).

Em suma, na perspectiva de Krenak (2020), Hall (2016), Sabat (2001), Russ (1991) e nas análises realizadas, pode-se observar que a cultura e representação são interligadas, práticas que geram formações discursivas que delineiam um sentido. Termo este fundamental para entender o que o “outro” deseja narrar e significar suas percepções. Por isso, ao ser um termo complexo de definir, a cultura se torna algo particular, um signo próprio do sujeito, o que acarreta uma representação e um sentido de ação e reação significativa na imprensa sergipana no período demarcado, ressaltando “diferenças” e reafirmando assim uma das características marcantes do pós-estruturalismo.

2.2 Poder

Hall (2016) se debruçou no significado de poder através das representações, mas afirmou que Foucault, por suas razões, incorpora o termo ao “discurso”, ao invés da palavra crua, já que ousou falar tanto sobre como os corpos eram e são vítimas discursivas, como bem exemplificado na sua obra “A história da sexualidade I: A vontade de saber” (1988).

É importante notar que o conceito de *discurso* nesse uso não é puramente um conceito “linguístico”. Tem a ver com linguagem e prática, tenta superar a tradicional distinção entre o que uma *diz* (linguagem) e o que a outra *faz* (prática). O discurso, argumenta Foucault, constrói o assunto. Ele define e produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e debatido, e também influencia como ideias são postas em prática e usadas para regular a conduta dos outros. Assim como o discurso “rege” certas formas de falar sobre um assunto, definindo um modo de falar, escrever ou se dirigir a esse tema de forma aceitável e inteligível, então também, por definição, de “excluir”, limita e restringe outros modos. O discurso, continua Foucault, nunca consiste em um pronunciamento, um texto, uma ação ou uma fonte. (Hall, 2016, p. 80-81, grifos do autor)

O poder, para Silva (2001), se deixando seduzir também pelos ideais do filósofo e historiador francês, além de nomear as coisas ao seu redor, também as cria. E isso, se torna um ponto chave, porque quando tratamos do saber, o poder se transforma em uma máquina que não deixa de produzir. Tanto é que “poder vem do latim *potere*: o direito de

deliberar, agir e mandar e também, dependendo do contexto, a faculdade de exercer a autoridade, [...] ou a posse do domínio, da influência ou da força” (Brígido, 2013, p. 58).

Para Bourdieu (1989), o poder é simbólico. Visto que, por mais que o simbolismo que Bourdieu usa seja direcionado para outros olhares, ele também pode ser interligado com os signos de Hall (2016), já que os mesmos, aqui, são vistos como instrumentos de dominação⁹. Assim, na visão de Bourdieu, o poder é aquele que precisa ser decifrado por se deixar ver menos ou até ignorado, e é dessa perspectiva que surge o simbolismo, o qual é interligado a cultura, que une, “separa e legitima as distinções compelindo todas as culturas a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (Bourdieu, 1989, p. 11).

O poder também é performático (Butler, 2018). Ao percorrer um trajeto voltado para o campo de gênero e sexualidade, a narrativa de Butler consegue se assemelhar com a de Foucault. Porém, em sua peculiaridade científica, a autora estabelece que o poder é sustentado em uma cenografia orquestrada socialmente, o que faz potencializar a perspectiva de Hall (2016) sobre representações, ao afirmar que “saber o significado de alguma coisa é saber como e por que ela importa, sendo que ‘importar’ significa ao mesmo tempo ‘materializar’ e ‘significar’” (Butler, 2019, p. 68). E nesta perspectiva de performatividade, a autora afirma que esses cenários de poder existem porque são repetidos e conseqüentemente reforçados em uma rede de punição e autorização.

Seguindo o raciocínio da cenografia, esta é a face, entre diversas que possam existir sobre o poder, que nos interessa. O que causou fascínio também em Debord (2003), ao afirmar que “a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação” (Debord, 2003, p. 13). E apesar deste autor focar a crítica principalmente na produção capitalista, ele consegue inserir-se em nosso trajeto porque, para ele, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizadas por imagens” (Debord, 2003, p. 14). Ou seja, um conjunto de ideias do que há de mais cristalizado no imaginário social. E aqui adentramos no signo que rege este trabalho: a aids. Visto que, a doença foi considerada a

⁹ Sinalizo que este poder se refere apenas ao lado simbólico e menos às categorias dominador *versus* dominado do mesmo. “O tipo de poder que observamos a partir dessa perspectiva não produz ameaças, mas o convencimento e a submissão simbólica ao estado atual das coisas. [...] um poder que age de maneira sutil e cotidiana, moldando sistematicamente os desejos, as escolhas e as ações dos atores envolvidos” (Rosa, 2011, p. 11, grifo do autor).

primeira da mídia, conforme afirmou “em 30 de outubro de 1985, [o] jornal francês *Le Figaro* [que] destacava [sendo este] um dos aspectos mais marcantes da epidemia” (Spink *et al*, 2001, pg. 852, grifos do autor).

Em Sergipe, em 1984, a primeira notícia contendo o signo “aids” foi publicada no dia 18 de abril no Jornal da Cidade e possivelmente nos dará um exemplo de poder performático em uma sociedade de espetáculos.

O periódico foi criado em 1970 por Nazário Pimentel e por Ivan Valença, segundo um artigo online, sem autoria, da própria instituição¹⁰. A empresa iniciou em formato de tabloide¹¹ com edições semanais e passou para manchetes diárias dois anos depois. Atualmente, a empresa mantém edições impressas juntamente com as disponíveis na internet. Não há informações mais detalhadas disponíveis, mas sabe-se que “em 1980, o jornal passou por uma nova e extensa revolução gráfica e foi, cada vez mais, se consolidando como referência em jornalismo em Sergipe” (Jornal da Cidade, 2013).

A notícia analisada adiante será a única examinada levando em consideração a sessão em que está inserida, que neste caso se estende em duas páginas. O que se transforma em uma maneira justa para que possamos exemplificar o que abordamos sobre o poder. Nesta, a pequena informação sobre a aids, que está destacada, aparece no canto inferior esquerdo de uma sessão intitulada “Personas”, uma coluna social. As duas páginas são idealizadas para apresentar ao leitor a fama, pessoas que estão se destacando naquele momento, sem contar que há alguns trechos que revelam também o interesse de parecer um local descontraído para fofocas. Mas, é a pequena notícia sobre a doença, informando que cientistas estrangeiros estavam finalmente descobrindo um possível vírus causador da doença em pacientes franceses, e que era um mal que acometia principalmente homossexuais, que parece tentar se encaixar naquele espaço.

¹⁰ JORNAL DA CIDADE. **Jornal da Cidade comemora 52 anos de história**. Disponível em: <https://www.jornaldacidade.net/cidades/2023/02/332704/jornal-da-cidade-comemora-52-anos-de-historia.html>. Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

¹¹ “Tipo de jornalismo popular, em grande parte sensacionalista, que leva o nome do formato de um pequeno jornal, aproximadamente metade do tamanho de um jornal comum. O jornalismo tabloide, no entanto, não é encontrado apenas em jornais, e nem todo jornal impresso em formato tabloide é um tabloide em conteúdo e estilo” (Gossel, 2025, tradução do autor).



Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46401>

O fato da notícia sobre a doença em uma sessão do Jornal que até então não era convencional tratar deste assunto aparecer nos impressos sergipanos pode ser explicado no sentido que

no Brasil, os veículos que publicavam essas reportagens [sobre a aids] tinham como principal fonte as agências norte-americanas de notícias, o que faz com que a forma como a doença era abordada pela mídia americana exercesse influência nos noticiários nacionais e, conseqüentemente, no imaginário social relacionado à doença. Principalmente em questões sobre homossexualidade, comportamento e grupos de risco. Isso porque a maioria dos casos notificados de aids era de pessoas identificadas como homossexuais sustentou a ideia de que estar com HIV era sinônimo de ser homossexual. Não se dizia que tal doença poderia atingir qualquer pessoa, independente de idade, gênero ou prática sexual (Silva; Guedes, 2020, p. 148, grifo do autor).

Vale destacar que naquele ano, foi “dada a descoberta do HIV e dos testes para a sua detecção, mostrava-se consolidado e, conseqüentemente, constituía um campo científico. [...] demarcando as dinâmicas sociocomportamentais” (Góis, 2002, p. 516, grifo do autor). Porque, até então, não se sabia como a aids era transmitida.

Porém, apesar de trazer informações sobre a aids, vale lembrar que o periódico tinha em sua essência o caráter inicial de tabloide, fato que confirma que esta notícia,

especificamente, não tentava se encaixar, era para ela estar ali. Pois, “a função histórica da ‘coluna social’ era a de consagrar os estilos de vida das elites. [...] aquilo que constituía o ‘tom’ jornalístico da visibilidade social da nova fração de classe no poder, consistia na celebração de sinais exteriores de consumo conspícuo (Sodré, 2003, p. 54 *apud* Pinto 2016, p. 16). E sendo a aids uma atração midiática norte-americana em ascendência, tendo em vista o número de casos e mortos na notícia, “o jornalismo de fofoca é associado [pejorativamente] ao espaço do sentimentalismo ‘por excelência’, aspecto que o remete aos âmbitos considerados como próprios do feminino” (Pinto, 2016, p. 17, grifo o autor), o que faz explicar, também, ao analisar as duas páginas, o porquê de só aparecer fotos destacadas de mulheres na sessão. Contudo, outro ponto a ser ressaltado é que, para Pinto (2016), essas sessões nos jornais, geralmente, eram, de fato, escritas tanto por pessoas do sexo feminino quanto por homossexuais. Episódio que pode ser interpretado como uma fuga da realidade jornalística “dura” e assim, possivelmente, explicar a adição da notícia naquele espaço.

Butler (2019) vai enxergar essa preocupação ou visibilidade perante os estragos causados pela aids como uma “crescente teatralização da indignação política” (Butler, 2019, p. 382). Ou seja, para a autora, esta situação seria uma alegoria homofóbica¹² para efetuar uma produção de vergonha naqueles corpos com a doença. Visto que, até então, a aids era amplamente divulgada como algo comum aos homens gays. Porque, nesse “espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos meios de comunicação de massa que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação, está longe da neutralidade, é instrumentação mais conveniente ao seu automovimento total” (Debord, 2003, p. 22).

2.3 Análise do Discurso

A Análise do Discurso vai surgir durante os anos 70, para Silva e Silva (2017), por consequência da Linguística Crítica¹³ na Grã-Bretanha. Mas, foi em 1991, que um grupo

¹² Para Costa e Nardi (2015), o termo “homofobia” pode ser usado para analisar narrativas como a de 1984 sem ser considerado anacronismo, sendo que este foi criado em 1972 por George Weinberg.

¹³ “Ela não focalizava apenas os aspectos formais da linguagem, mas reconhecia a conexão entre a sociedade e a linguagem, e o papel desta na estruturação de relações de poder, propondo um estudo que revelava direcionamentos ideológicos por detrás de escolhas lexicais e sintáticas, apresentando uma análise linguística para chegar às visões de mundo implícitas no contexto das estruturas sociais, usando como objeto de estudo textos orais e escritos complexos, sobretudo os discursos difundidos pelas grandes mídias de suporte impresso da época” (Silva; Silva, 2017, pg. 56).

de estudiosos em Amsterdã, na Holanda, já influenciados pela nova forma da análise linguística, pretenderam “criar um método dinâmico para analisar a linguagem que abarcasse, de forma crítica, desde as teorias linguísticas às ciências sociais, mostrando seus pontos de contato e seus desdobramentos possíveis” (Silva; Silva, 2017, p. 56).

Em sua etimologia, segundo Russ (1991), discurso deriva do latim *discursus*, significando “conversação e [no sentido linguístico] conjunto de enunciados ou mensagens; substância propriamente linguística da fala” (Russ, 1991, p. 72). É interessante que esta afirmativa faz recordar que a forma discursiva é evidenciada desde a educação básica do indivíduo, especificamente na alfabetização, fato comprovado pela pesquisadora Emilia Ferreiro (2011) ao realizar um trabalho minucioso e exemplar de que as crianças, desde a sua percepção de signos, os quais a autora nomeia de ícones, significam formas discursivas no pressuposto das garatujas¹⁴. Afirmativa também notada por Deleuze (1992), quando o autor cita que “não há diferença alguma entre as *imagens*, as *coisas* e o *movimento*” (Deleuze, 1992, p. 57).

Vale ressaltar que, em sua obra, Ferreiro (2011), afirma que “nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo [e poder] de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem” (Ferreiro, 2011, p. 33, grifo do autor). Assim, o discurso, por sua vez, é pedagógico. Sendo que, vale salientar, através de Hall (2016) e Silva (2001), pela perspectiva Foucaultiana, que o poder pode ser o próprio discurso.

Em “A Ordem do Discurso”, Foucault (1999) é sensível ao abordar o assunto. Ele sabe que entrará em um ambiente que pode ou não ser um bom lugar, mas reconhece que precisa adentrá-lo. Porque toda palavra dita, ecoa. Gera outra e mais outra. E depois volta. Como um trajeto que necessita ser feito. Por isso, o autor lamenta ter que iniciar o debate, mesmo sabendo que é necessário. Pois alguém sempre inicia.

O desejo e a instituição são premissas, na perspectiva foucaultiana, para explicar a origem do discurso. A primeira, segundo o autor, é o que inicia a fala, a vontade interna que deseja escapar de fazer o outro ouvir: o que eu preciso dizer para que me ouçam? O

¹⁴ “São desenhos e rabiscos que as crianças expressam as formas diferentes que conseguem enxergar o mundo. É função do professor, portanto, orientar e investigar as simbologias presentes e reveladas através dos desenhos infantis. O docente deve, paralelamente, apresentar aos pequenos novas imagens para que eles possam internalizar novos conhecimentos e ampliar, dessa forma, a variedade de seus grafismos” (Lamas *et al.*, 2022, p. 09).

que eu preciso falar para que acreditem em mim? Já a segunda, sob a minha perspectiva, é vista como um grande centro de poder discursivo que se alimenta de outros, como um jornal, por exemplo. Mas para ele, essa parte vai além, pois Foucault reconhece que esse interesse por uma suposta verdade institucional está ligado a base pedagógica, no sentido mais fiel da palavra, que é o ato de ensinar. Visto que a “literatura ocidental teve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro” (Foucault, 1999, p. 18).

O autor também nos apresenta outras três vertentes na construção do discurso o que ele nomeia de jogo de interdições: tabu do objeto, ritual da circunstância e o direito privilegiado. A primeira diz respeito à irônica vontade da sociedade em tentar esconder determinado assunto e ainda assim desejar saber do que se trata. E aqui reitero novamente a aids como exemplo: uma doença tão perturbadora, que segregou ainda mais grupos sociais específicos, mas que causou curiosidade, tanto para saber de onde vinha quanto de quem a tinha. A segunda, como o próprio nome sugere, é que se repete até virar verdade, uma ritualística necessária para que algo seja impresso no imaginário social. A terceira, diz respeito ao lugar do sujeito que fala. Porque, como sabemos, alguns conseguem falar e serem bem mais ouvidos do que outros. Nisto, é interessante ressaltar que Foucault salienta não ser correto pensar, neste momento, em um discurso que seja certo ou errado. É tanto que até aqui, não mencionei esses opostos porque o discurso, como forma de poder, vai se exercer do formato que ele é, não importando se é verdadeiro ou não.

Uma das formas de analisar o discurso, para Butler (2019) é questionar “o que a coerência da declaração discursiva esconde por meio de sua produção, apesar de tudo o que possa ser dito sobre as condições do discurso” (Butler, 2019, p. 61). Nesse sentido, para a autora, tentar saber, através deste questionamento, o que algo significa e porque é importante, “sendo que ‘importar’ significa ao mesmo tempo ‘materializar’ e ‘significar’” (Butler, 2019, p. 68). Perspectiva esta que se alinha em “A arqueologia do saber”, de Foucault (1987), quando o autor, ao abordar o campo discursivo, afirma que “trata-se de o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, [...] de mostrar que outras formas de enunciação excluem [outro significado]” (Foucault, 1987, 31, grifos do autor).

Nesse questionar-se discursivo, é preciso saber: “quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem

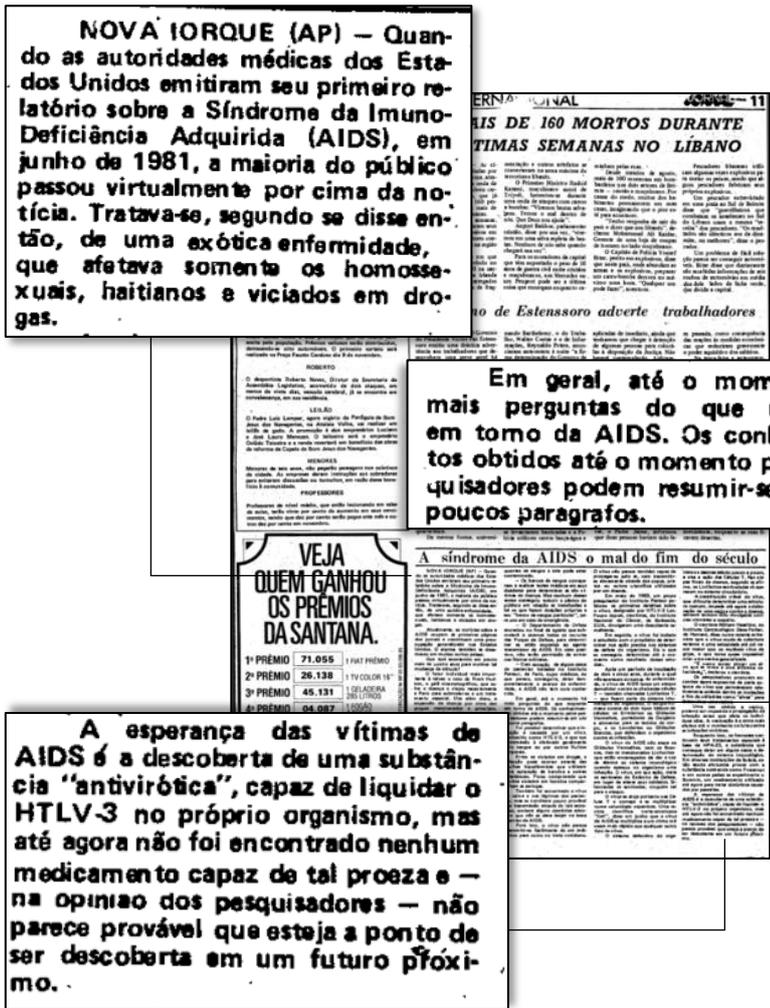
é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, [...] pelo menos a presunção de que é verdadeira? (Foucault, 1987, pg. 57). Assim, nesta busca por revelações, Paraíso (2008), em uma visão deleuziana, propôs que o “dito”, a fala, o discurso, é um produto que se assemelha a uma imagem já registrada na mente, o que seguiria o raciocínio de Ferreira (2011) sobre os “ícones” criados pelas crianças em processo de alfabetização. Nisto, segundo Paraíso (2008), as imagens-discurso precisam ser desenhadas, de modo simbólico, pelo sujeito. Assim, analisar uma narrativa discursiva “é subtrair o que não nos interessa, sempre há menos na nossa percepção. Estamos tão repletos de imagens que já não vemos as imagens que nos chegam do exterior por si mesmas” (Deleuze, 1992, p. 58).

‘As palavras e as coisas’ é o título [...] do trabalho que lhe modifica a forma, lhe desloca os dados e revela, afinal de contas, uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (Foucault, 1987, p. 56).

Na perspectiva de ser possível falar que o discurso *desenha* sua mensagem ou que se *desenha* para discursar, os noticiários em Sergipe sobre a aids continuaram. Em 1985, nos impressos do Jornal da Cidade referentes aos dias 07, 08 e 09 de setembro, temos uma notícia pertinente. Pela primeira vez houve um texto sobre a doença dividido em quatro colunas, com o título afirmando que a aids era “o mal do fim do século”. Essa diferenciação conteudista se deu porque, até aquele momento, o assunto era abordado sem rodeios e ocupava pouco espaço nas páginas.

A reportagem tinha como foco informações estadunidenses que desenhavam uma linha temporal desde o primeiro caso de aids. Logo depois, o texto elenca seis tópicos sobre a doença, os quais são identificados como “dados concretos”. Enfatiza o descobrimento do vírus causador da aids e faz algumas recomendações para a população se proteger, como por exemplo, evitar beijar na boca de uma pessoa com aids. A narrativa segue informando questões técnicas sobre o vírus e como ele sofre mutações rapidamente, o que acarretava na demora em criar uma vacina.

Mais uma vez, são as informações norte-americanas que se sobressaem, como já foi mostrado e está no primeiro parágrafo destacado na imagem abaixo:



Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44281>

Como já debatido, as informações vindas dos Estados Unidos não eram mera coincidência. Maria Aparecida Pinto (2016) aponta que essas investidas informativas internacionais na imprensa brasileira se deram por uma forte política de “boa vizinhança” desde a Segunda Guerra (1939 – 1945) quando o “país tropical” passou a receber refugiados¹⁵ da alta sociedade norte-americana. O que fez, desde então, a mídia brasileira receber impulsionamento para agregar um *status estrangeiro* em seus discursos, reverberando na imprensa sergipana até aquele momento.

Na segunda coluna, com o texto destacado, revela que havia ainda mais perguntas do que respostas, o que de fato era verdade. Pois só haviam passados três anos desde que a exótica doença começou a ser noticiada no país e imagens distorcidas sobre a aids ainda

¹⁵ Durante a guerra, o Rio de Janeiro tornou-se abrigo de exilados do *jet-set*, expressão criada pelo jornalista Igor Cassini “para descrever um tipo específico e internacional de ricos e famosos que viajavam frequentemente de um país ‘exótico’ a outro via aeroplanos (*jet*)” (Souza, 2007, p. 3 *apud* Pinto, 2016, 12).

eram fortes, como mostraram Silva e Guedes (2020) ao citarem que naquele mesmo ano a revista *Veja* havia publicado que em uma cidade mineira, um cabelereiro tinha sido expulso daquele local por existir uma hipótese dele ter a doença.

É na quarta e última coluna que a narrativa revela que cientistas tentam desenvolver uma vacina para combater o HTLV-3¹⁶, mas consideravam pouco provável que essa medida acontecesse em um futuro próximo. O que faz refletir no título pontual da notícia. Pois essa transição de século também estava atrelada ao novo milênio. Sendo que, “após o nascimento de Jesus Cristo, [essas transições cronológicas eram marcadas] sobretudo, ligadas à ideia da chegada do Juízo Final. Vários foram os discursos e representações produzidos sobre o fim do mundo e calamidades” (Giarola, 2022, p. 260, grifos do autor).

Embora a narrativa em si não provocasse o leitor a imaginar um final de século conturbado, é o nome da notícia que desenha essa situação. Para Giarola (2022), o final do século XX povoou a imaginação social com vários medos, tendo ou não fundamentação religiosa. Mas a complexidade do momento se dava por algo concreto: a aids. A doença simbolizava uma mancha em um tempo tão esperado, pois “o ano 2000 já vinha sendo uma referência sobre o futuro desde os oitocentos, em obras literárias, no cinema e em livros diversos” (Giarola, 2022, p. 262). Porém, “não podemos negligenciar também o fato de que as civilizações precisam criar suas *mazelas* [...]. Assim, o que numa sociedade é doença em outra pode ‘ser crime, manifestação de santidade ou pecado’” (Leite, 2015, p. 161, grifos do autor), o que só reforça a visão de Hall (2016) sobre significados e significantes. Em suma, a mudança do século estava comprometida e sem uma previsão de “normalidade”.

Diante do exposto, é pertinente verificar que as notícias analisadas até aqui formaram um enunciado importante para o que será abordado adiante. Mesmo não sendo abordado o termo conceitual que será evidenciado, foi construído um *trajeto* sobre. Porque, ao explicar imagens, discurso, poder, cultura e representação, elas sinalizaram uma educação não convencional. E é justamente neste território, ou *percurso*, que o

¹⁶ O HTLV (vírus linfotrópico de células T humanas) foi o primeiro retrovírus humano oncogênico causador de doença infecciosa, descoberto na década de 80. [...] Esse vírus possui quatro subtipos o HTLV-1 (subtipo que mais causa doenças associadas), o HTLV-2, o HTLV-3 e o HTLV-4. É importante destacar que o HTLV de subtipo 3 e 4 foram relatados em alguns indivíduos na África Subsaariana, aparentemente resultado de infecção zoonótica de primatas locais (Brasil. Ministério da Saúde. HTLV). Disponível em: <https://antigo.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/infeccoes-sexualmente-transmissiveis/htlv>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2025.

próximo capítulo se detém para alargar o olhar sobre as produções e reproduções de sentido nas matérias dos periódicos.

3 A EDUCAÇÃO EM CURRÍCULOS NÃO-ESCOLARES

O pós-estruturalismo consegue enxergar o currículo além da escola (Paraíso, 2004). Não que ele perca sua essência educadora, ao contrário: vai compreender e perpassar seus ensinamentos rompendo as barreiras de um documento escolar, como é o caso dos diferentes currículos culturais (Oliveira; Frangella, 2022). Visto que “cultura é aqui compreendida não como repertório de significados sempre associados a relação de poder, [mas, uma] prática de significados que produzem e são produzidos (Paraíso, 2008, p. 109).

Ultrapassando as paredes e currículos de instituições escolares, Sabat (2001) afirma ser possível perceber que por muito tempo as pesquisas no campo educacional estavam detidas naqueles lugares como espaços privilegiados de saberes. “Hoje, entretanto, torna-se imprescindível voltar a atenção para outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimento, e a mídia é apenas um desses exemplos” (Sabat, 2001, p. 09).

Silva (2001), ao abordar o currículo como prática de significação, ou seja, como algo que dê sentido a determinado pensamento, pois “o currículo está no centro da relação educativa, corporificando os nexos entre saber, poder e identidade” (Silva, 2001, p. 10), compreende que outros conteúdos, se é que posso denominar dessa forma, também possuem a significância de um currículo, que no caso desta pesquisa são os jornais impressos aracajuanos. E é neste tópico que Oliveira e Frangella (2022) afirmam que as teorias pós-críticas ampliaram o conceito de educação quando perceberam que a aprendizagem vai além do ambiente escolar. Assim, “currículo, por sua vez, não é compreendido somente como um conjunto de disciplinas acadêmicas ou escolares ou mesmo como um programa instituído com um objetivo a seguir para formar um grupo de alunos” (Oliveira; Frangella, 2022, p. 03). Os autores também destacam que o currículo, pela visão pós-estruturalista, é impulsionado pela diferença, e não por estruturas iguais.

É preciso ressaltar que “o currículo é um artefato político; um território que se encontra povoado [...] por diferentes materiais das imagens e das culturas, *podendo*

possibilitar percepções, encontros e aprendizagens potencializadoras” (Paraíso, 2008, p 109, grifo do autor) ou ao contrário: que aprisionam. Perspectiva esta, observada por Pimentel-Júnior (2024), crítico pós-estruturalista das políticas inseridas nos currículos escolares com foco no Ensino Médio. Segundo o autor, que discute a percepção da cidadania em um dos seus trabalhos, dialogando com outros autores, o currículo escolar se esbarra no que ele propõe como limites. Em sua visão, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao instituir representações do que é ser educado, sugere e impõe barreiras, possíveis consequências de um poder não velado, como observou Butler (2019), mas performático. Assim, a Base “pode não corresponder aos modos de vida” (Pimentel-Júnior, 2024, p. 06). Ao abordar o sujeito como aquele que está no *front*, Pimentel-Junior (2024) enxerga nele uma representação política discursivamente construída que possui suas particularidades restringidas como pessoa através de um documento que, por si só, se torna incoerente pela sua nomenclatura: Base.

Silva (2001) observou que não é possível separar o currículo das relações de poder. Assim, interessante notar que este autor compreende que essas produções de sentido, significados, não são automáticas nem isoladas, fazem parte de uma rede ou de estruturas. Ele propõe como exemplo um tecido, já que o mesmo é a junção de vários fios com a intenção de formar um outro produto. Sendo que antes, é preciso lembrar, houve um poder originador. O que é plausível, pois, se os currículos culturais estão gerando sentidos e significados (Silva, 2001) e “fabricando” sujeitos (Paraíso, 2004), quem são eles?

E aqui retomo rapidamente a discussão anterior sobre a BNCC, mesmo não sendo o foco da pesquisa, para mostrar como o poder político e cultural se conectam neste caso, especificamente, pois tal afirmação supõe “identidades prévias e definidas ao conhecimento, ao sujeito e ao contexto, separadas do processo de significação e construção das e nas vidas concretas” (Pimentel-Júnior, 2024, p. 21). Em outras palavras, as representações políticas, aquilo que os currículos culturalmente produzem para dizer ao outro como a vida, a educação, o comportamento, a ação social, a percepção da realidade, entre outros, devem ser, são operações de poder firmadas e formadas nos discursos, que buscam endereçar o outro a destinos fixados como verdadeiros e certos (Pimentel-Júnior, 2025).

Sobre a cultura e o currículo como práticas produtivas de saberes, Silva (2001) vai abordar que o processo cultural “é, sobretudo, atividade, ação, experiência. Como tal, ela [a cultura] é sempre trabalho sobre alguma coisa, sobre materiais existentes” (Silva, 2001,

p. 19, grifo do autor). Ou seja, pensamentos não surgem do nada, por mais que pareça que sim. Nisto, o autor ainda afirma:

Embora o currículo não coincida com a cultura, embora o currículo esteja submetido a regras, a restrições, convenções e a regulamentos próprios da instituição educacional, também ele pode ser visto como um texto e analisado como um discurso. Também o currículo é um espaço, um campo de produção e de criação de significado. No currículo se produz sentido e significado sobre os vários campos e atividades sociais, no currículo se trabalha sobre sentimentos e significados recebidos, sobre materiais culturais existentes. O currículo, tal como a cultura, é uma zona de produtividade. Essa produtividade, entretanto, não pode ser desvinculada do caráter social dos processos e das práticas de significação. Cultura e currículo são, sobretudo, relações sociais (Silva, 2001, p. 20-21).

Os jornais aqui pesquisados se tornam um exemplo sobre o que essa citação aborda. Sendo que os impressos, tendo uma certa diferença com os currículos escolares, ainda assim podem ser considerados como tal. Sendo que ambos criam narrativas, significados e sentidos (Hall, 2016).

3.1 O currículo não-escolar como fetiche

Ao analisar o currículo como “fetiche”, Silva (2001) reconhece que o fetichismo pode ter dúbias interpretações, pois o “fetiche, em um mesmo movimento, afirma e nega, fascina e repugna. Reafirma a centralidade do sujeito europeu no mesmo gesto em que denuncia seu fascínio e sua curiosidade pelo outro colonizado” (Silva, 2001, p. 71). O que faz lembrar que a aids, ao mesmo tempo que era temida, fascinou a população ao desmascarar quem era supostamente gay ou não, já que a doença foi logo associada a este grupo social.

Na etimologia, o fetiche, do latim *factitius*, se populariza no medievo português relacionando suas práticas à feitiçaria, uma *coisa feita*. Contudo, na era moderna da sociedade europeia, o termo se tornou símbolo de práticas sexuais, sociais ou econômicas. O que logo foi debatido e adotado por Freud e Marx e ganhou um contexto também de perversão, como algo que foge da normalidade (Silva, 2001). Contudo, Silva (2001) é sagaz ao perceber que o termo, ao passo que gera desconforto por ser, muitas vezes, pecaminoso, é também aquilo que chama a atenção, que faz questionar, desenvolve o desejo por respostas. Nisto,

O currículo é um fetiche? Não sei, talvez sim, talvez não. Mas a boa pergunta talvez não seja essa e sim esta outra: e se o currículo fosse um fetiche? É nesse

modo mais hipotético, mais de ‘faz-de-conta’, mais lúdico, que faço um convite para que exploremos essa possibilidade (Silva, 2001, p. 73-74).

Na ótica pós-estruturalista, os jornais impressos e os documentos escolares com suas linhas que dividem temáticas, abrem discussões e ensinam, ambos são currículos. E consequentemente políticos, pois carregam poder e disputam as formas de dizer o verdadeiro; culturais, pois são instituídos e instituintes da sociedade e das suas demandas; e fetichistas, já que os dois causam curiosidade, desejo e/ou repugnância. Contudo, para que esta discussão ganhe mais amplitude na perspectiva imagética sobre o que a pesquisa deseja propor, é preciso desligar-se do termo convencional de currículo, aquele que está fixado na altura do olhar. Para isso, é preciso recorrer às suas raízes etimológicas. Assim, “se quisermos recorrer à etimologia da palavra, que vem do latim ‘*curriculum*’, ‘pista de corrida, podemos dizer que no curso dessa ‘corrida’ que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos” (Silva, 1999, p. 15). Nisto, é necessário a partir daqui observar esse “trajeto” como algo comum, o que de fato é, pois se formos analisar o currículo desta maneira ele está inserido no meio social, nas mais diversas maneiras, sem, obrigatoriamente, ser chamado pelo nome.

Esta visão foi também discutida no “Dossiê: Currículos culturais não-escolares: processos de subjetivação, verdades e relações de poder”¹⁷ composto por trabalhos de pesquisadores que também enxergaram o currículo em outros pontos além da escola, principalmente no meio cultural. Como foi o caso de Carvalho (2022) que estudou a imagem feminina nos chamados santinhos distribuídos no meio católico, que são pequenas imagens devocionais impressas que geram certa lembrança de algum momento religioso, seja na Primeira Eucaristia até o falecimento de alguém. Para a autora, que usa referenciais pós-estruturalistas para sua análise, é possível observar um trajeto de como as mulheres, em sua maioria ainda menores de idade, são transformadas em símbolos de feminilidade a serem seguidas nestes materiais. Ela analisa que as imagens carregam sempre o peso pudico através das roupas, postura de servidão através das mãos postas em pedido de oração e sempre vigiadas, ou protegidas, por algum anjo. Em síntese, a pesquisadora afirma que a doutrina cristã católica ensina como as mulheres ocidentais devem ser através do olhar do outro. É interessante ressaltar que em seu artigo, Carvalho (2022) vai usar a palavra currículo apenas uma vez para dialogar com a aprendizagem

¹⁷ Editorial. *Série-Estudos - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB*, 27(61), 1-2, 2022. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/issue/view/74>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2025.

escolar católica, mas ao analisar suas fontes, a autora não o explicita. E nem precisaria. Pois ela faz todo um trajeto. E isso se torna o bastante.

Outro trabalho peculiar daquele dossiê vai analisar padrões ou a falta deles em um aplicativo de encontros chamado *Grindr*, usado principalmente por homens que desejam ter relações com outros homens. Os autores, Montecio e Rosa (2022), discutem que o aplicativo é “um artefato abundante de conteúdo” (Montecio; Rosa, 2022, p. 145) para os Estudos Culturais de gênero e sexualidade, sendo que, para a pesquisa, foram levados em conta 900 capturas de tela e 312 perfis para traçar um contexto no que os autores chamaram de “dimensões pedagógicas”, que levaram em consideração a facilidade de bloquear alguém por este não se enquadrar em um determinado padrão desejável de beleza. Para Montecio e Rosa (2022), esse fato em si já é um esquema pedagógico, pois a pessoa rejeitada entende que não faz parte daquela dinâmica. Assim, esses dissidentes também reconhecem sua posição negativa através de símbolos nos perfis aos quais têm interesse. É também neste ponto que os pesquisadores questionam como a masculinidade é vista, ensinada e reforçada em uma esfera heteronormativa, o que se configura algo contraditório, sendo que o aplicativo é usado, em sua maioria, por homens gays. Em síntese, “no mundo das regras não ditas, mas aprendidas e reproduzidas, as normas são também entender que no silêncio de uma interação iniciada via chat não visualizada e/ou atendida existe rejeição” (Montecio; Rosa, 2022, p. 160).

Minha última observação do dossiê evoca-se sobre os estudos de Oliveira e Sales (2022) ao iniciarem um percurso nos vídeos pornográficos em relação ao uso de preservativo nas relações sexuais entre homens. Aqui destaco que os autores optaram por deixar nítido ao leitor que estavam tratando de currículos, o que não aconteceu nos outros trabalhos citados. O que, na minha visão, não destoa do foco, já que o perfil curricular cultural não tem a obrigação de ser sempre nomeado daquela maneira, sendo que ele se permite ter várias facetas como vimos até agora. Mas, voltando ao estudo, Oliveira e Sales (2022) se basearam também em uma pesquisa que revela que os principais motivos para as pessoas consumirem pornografia é aprender posições ou situações. Nisto, há uma ligação na pesquisa com o próprio currículo como documento, que tem o propósito de orientar na aprendizagem. Assim, os autores analisaram alguns vídeos de forma bem cuidadosa, como a duração de gravação, o foco da câmera, as reações dos participantes e a falta do uso do preservativo. Os autores propuseram que esses materiais audiovisuais chegam a ser considerados um tipo de discurso. “Desse modo, esses vídeos se constituem

como instâncias instituidoras de representações, de significados que vigoram e têm efeitos de verdade. [...] atuam também ensinando, demandando condutas e incitando práticas específicas” (Oliveira; Sales, 2022, p. 128).

O que propus ao trazer esses três exemplos de um dossiê que enxerga o currículo também como uma política cultural é mostrar que ele serpenteia por diversos caminhos. Porque na visão pós-estruturalista, cultura, discurso, poder, representação, imagens, e o “o que?” acerca da composição do currículo estão para além das paredes da sala de aula, são práticas de significação amplas que fazem rachar os muros da escola.

Para Silva (1999) currículo é sempre o que resulta de uma determinada seleção, levando em conta conhecimentos que podem ser eleitos ao invés de outros. Nisto, é possível entender Hall (2016) quando ele discute o “espetáculo do outro” e a forma como a alteridade, ao passo que é evitada, se torna também atraente, precisando ser mostrada. Mas, mostrada de uma específica maneira, deixando outras formas e outros ângulos de fora. O que evidencia também o fetiche tão discutido até aqui.

Diante do exposto, visto a complexidade de significar o poder perante suas facetas representativas (Hall, 2016), ante ao binarismo de dominador *versus* dominado (Bourdieu, 1989), da célula criadora de conceitos, da força e da sua influência (Silva, 2001) e do espetáculo que se exerce perante a sociedade (Butler, 2018; Debord, 2003), conseguimos verificar nos periódicos analisados até o momento que o poder selecionou o que seria mostrado por quem e para quem. Visto que ele, o poder, ao se mostrar também como o próprio discurso (Foucault, 1999), que se permite desenhar (Ferreiro, 2011) e ser gravado em imagens (Deleuze, 1992) têm como uma das suas funções, a qual estamos encarando neste trabalho, a da base pedagógica. Pois, se o poder fornece o discurso, o ato de educar torna-se intrínseco. Assim, temos uma espiral de conceitos que se emaranham e se chocam formando símbolos e práticas, trajetórias, currículos e expondo culturas outras, fetichismos pelo exótico, repulsa e atração. Enfim, o que foi apresentado é revelador: “Nossa relação com as coisas é muito mais complicada e confusa do que parece. Entre nós e as coisas se interpõem o desejo, o sonho, a imaginação, a fantasia, e irracionalidade” (Silva, 2001, p. 91).

4 A IMPRENSA ARACAJUANA E A AIDS NA DÉCADA DE 80

A primeira pessoa acometida por infecções decorrentes da síndrome da aids em Sergipe foi notificada em 1987, segundo Teodorescu e Teixeira (2003), autores que narraram a história da doença no Brasil através de várias perspectivas regionais ao invés de usarem uma linha temporal centrada nos grandes polos econômicos do país. Os pesquisadores não especificaram a data, mas salientaram que ao saberem oficialmente do primeiro enfermo, a população de Santa Luzia, cidade interiorana do estado de onde o paciente era oriundo, ficou alarmada, um efeito esperado, já que a doença passou a ser noticiada no território brasileiro desde 1983. Porém, apesar de saberem “pelo acesso a notícias procedentes de São Paulo e do Rio de Janeiro, que a doença não era transmitida por contato social, os responsáveis pelo Posto de Saúde da cidade onde o paciente foi atendido, queimaram a cadeira onde ele se sentara” (Teodorescu; Teixeira, 2003, p. 273).

Mas, é interessante notar que naquele ano, os três periódicos analisados nesta pesquisa não citam o caso, mesmo com o alarde, como mostraram estes pesquisadores. Acredito ser possível nomear essa trajetória da doença pela representação midiática aracajuana de um modo particular. Porém, não adentrarei nesta particularidade agora. A partir deste momento, serão analisados os formatos do poder, educação e discurso nos noticiários selecionados conforme o conceito de repetição das “imagens” de Deleuze (1992). Ou seja, um conjunto de notícias que, em seu contexto, desenhou imagens semelhantes, “nervuras” (Foucault, 1987, p. 51) de um mesmo conhecimento entre si resultando em uma publicação, sendo esta a selecionada para ser analisada já que é a que possui o resultado de um determinado desdobramento. Evitando, assim, a saturação do conteúdo já explanado. Em outras palavras, por exemplo, é como uma equação: um conteúdo muito discutido em diversos dias somou-se e gerou uma consequência, um desfecho, uma notícia.

Ressalto que essa forma de seleção dos noticiários não se baseia em um método, mas em um conceito *usado* como metodologia. Tal como St. Pierre (2018) se baseou em sua Tese enquanto era inserida nos estudos pós-estruturalistas. Seguindo esse raciocínio, as nervuras foucaultianas irão permitir ver as matérias como órgãos com seus nervos que ramificam em diversas direções levando a conhecimentos outros. Mas, sem perder o direcionamento discursivo da pesquisa.

4.1 1983

Naquele ano, a Gazeta de Sergipe, o Jornal de Sergipe e o Jornal da Cidade apresentaram, cada um, uma notícia sobre a “doença estranha” que acabava de ser noticiada no Brasil, que segundo a Fiocruz teve o seu primeiro caso registrado em 1980, em São Paulo¹⁸, foi identificada um ano depois (Brito; Castilho; Szwarcwald, 2000) e ganhado a grande mídia nos dois anos seguintes. Contudo, “a epidemia de *aids* mostrou-se bastante complexa e *configurou-se* como verdadeiro *mosaico* de subepidemias regionais” (Brito; Castilho; Szwarcwald, 2000, p. 207, grifos do autor).

Para um pesquisador, analisar discursos jornalísticos sobre uma doença multifacetada¹⁹ que foi transmitida imagetivamente de diversas formas em um país plural e com crenças distintas é uma missão delicada e arriscada, considerando que o jornalismo, para Correia (2020), é um emaranhado de informações com o propósito de formar apenas uma. “Se pararmos para analisar um pouco, a notícia é escrita sob a visão subjetiva do jornalista e/ou de mais pessoas, sendo assim, está inserido no texto ideologias, explícitas ou não, sobre o fato (Correia, 2020, p. 22). E neste mosaico de representações de poder, é preciso compreender que “a doença da mídia”, como foi descrita pelo periódico francês *Le Figaro* no final de outubro de 1985 (Spink *et al*, 2001), foi vista de formas diversas, não fugindo desta “norma curricular” o menor estado da federação brasileira: Sergipe.

A mídia, nessa perspectiva, cumpre dois papéis importantes: por um lado, a imprensa anunciou o aparecimento de um novo fenômeno no campo da patologia; e, por outro, desenhou progressivamente seus contornos e, sobretudo, operou a passagem das informações sobre a doença do domínio médico e científico para o registro social (Spink *et al*, 2001, pg. 852).

Essa diversidade regional acompanhada pela pluralidade de pensamentos também foi percebida por Silva e Guedes (2020) ao pesquisarem a construção narrativa da *aids* no Brasil no final do século XX, apesar de não ficar nítido o motivo pelo qual algumas localidades terem dado tanta ênfase e outras quase não tocaram no assunto. Como mostrei no primeiro exemplo jornalístico neste trabalho, a única notícia que a Gazeta de Sergipe trouxe à público no dia 02 de agosto foi revestida pelo humor ácido e ligada a estereótipos homossexuais que naquele momento eram ligados a doença. Já o Jornal de Sergipe, na matéria do dia 05 de maio, também já evidenciada, se equivaleu do termo “peste gay”

¹⁸ AGÊNCIA FIOCRUZ DE NOTÍCIAS. HIV / Aids. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/hiv-aids>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2025.

¹⁹ Termo usado por Brito, Castilho e Szwarcwald (2000) ao comparar dados do Ministério da Saúde para comprovar as diferentes formas de contágio por regiões do país.

para informar que a vítima havia falecido. Nisto, o currículo cultural presente nos periódicos sergipanos, com base no signo do mal que se alastrava através dos homossexuais repetido em todas as reportagens naquele ano, cumpriu seu papel pedagógico de ensinar de onde a doença se expandia, ou se originava.

Já o *Jorna da Cidade* usou o poder simbólico (Bourdieu, 1989) da ciência para informar de onde os pesquisadores acreditavam que aids havia surgido: África. E ainda assim, sem deixar a perspectiva da sexualidade, sendo que o título levou o termo “câncer-gay”.

A notícia é a única do veículo de comunicação que aborda o assunto naquele ano. Algo que pode ser questionado, já que era um assunto tão comentado nas metrópoles brasileiras (Green, 2018). Ou como pode se compreender com o pós-estruturalismo, a “universalidade” costuma “realizar-se” em intensidades e modos distintos, a depender de como ressoam nos contextos (Peters, 2000; Pimentel-Júnior; Carvalho; Sá, 2017).



Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46112>

O fetiche pelo continente africano não começou com a aids, na verdade, ele foi acentuado. Suas raízes são mais profundas, conforme Trajano Filho e Dias (2015),

datando do colonialismo do território, o que acarretou no que os autores nomeiam de “construção de sistemas classificatórios”, no sentido de nomear, moldar e construir relações de poder por parte dos invasores.

Investiam, assim, na categorização das pessoas e na definição e naturalização de novas unidades sociais. A África era o “outro” a partir do qual a ideia de Europa se consolidava. Mais do que representar a divisão entre dois continentes, o termo implicava a divisão entre duas classes de pessoas: europeus e africanos, colonizadores e colonizados (Trajano Filho; Dias, 2015, p. 11)

É preciso salientar que o continente africano se tornou signo da doença. “Apesar de ter recebido os primeiros colonizadores em 1650, a África do Sul, só se constituiu enquanto Estado em 1910. Construiu o *apartheid* em 1948, consolidado por meio da segregação de negros e privilegiamento da minoria branca” (Vierira *et al*, 2014, p. 198). Fato este que desenhava uma complexidade política e social em outras nações, que conseqüentemente ignoravam tal situação. Para o texto da notícia, sob informações de profissionais, a aids havia chegado nos Estados Unidos através do contato de soldados cubanos e americanos, já que o “câncer”, segundo a reportagem, tinha se originado na África e se espalhado na guerra de Angola em 1975. O interessante é que apesar da notícia revelar que a doença foi encontrada em homens heterossexuais, mulheres e crianças, o título não abriu espaço para essa discussão. A doença era, especificamente, gay. Nisto, “dada a base de conhecimento limitada, a cultura na África subsaariana, considerada exótica ou "primitiva", era frequentemente inapropriadamente vilipendiada com base em suposições errôneas e preconceituosas” (Gausset, 2001; Packard; Epstein, 1991 *apud* Sovran, 2013, p. 32, tradução do autor). Por isso, é preciso ter em mente que

qualquer tentativa de examinar a cultura de uma maneira semelhante a uma variável independente na disseminação do HIV pode ser desafiada como inválida e indefensável na análise social. Essas críticas certamente não são sem mérito. Uma revisão dessa natureza quase inevitavelmente implica que os potenciais determinantes culturais da infecção são perfeitamente mensuráveis, o que muitas vezes não são. Além disso, explorações em ligações entre cultura e qualquer doença são inerentemente reducionistas, simplificam demais a natureza complexa dos fenômenos culturais, essencializam grupos de agentes individuais, deturpam a cultura como estática e implicam falsamente homogeneidade cultural na totalidade de uma região (Sovran, 2013, p. 33, tradução do autor).

Mas, naquele momento, essa visão de mensuração basicamente não existia, principalmente na imprensa brasileira e, conseqüente na sergipana, sendo que, para Danfá (2017), “estes conteúdos silenciados são ativados na presença do pesquisador brasileiro, ressaltando estereótipos negativos sobre o africano (sofre; guerra; pobreza e escravidão)” (Danfá, 2017 *et al*, p. 97). “O ‘outro’ começa a ser inexpugnavelmente rechaçado quando

além de “estranho” é fonte potencial de poluição por pertencer ao grupo estigmatizado dos ‘pestilentos’” (Leite, 2015, p. 163).

Porém, há uma outra estratégia usada na notícia, que é a simbologia da doença: “câncer-gay”. Pois, ao começar a leitura do texto dividido em quatro colunas, o autor já aborda a doença pela nomenclatura científica, o que não fez no título. O que reitera que “o sensacionalismo é, antes de tudo, uma opção, às vezes consciente, por uma seleção e narrativa verbo-visual dramáticas de tons tão exagerados que até mesmo o jornalismo parece deixar de existir naquele momento” (Góes, 2014, p. 12). Afirmação que também foi observada por Peters (2000) ao alertar sobre a sensibilidade literária. E dessa forma o periódico acabou sendo o *fetich*e para o outro. Visto que “o poder está disperso por todo sistema social, estando estreitamente vinculado ao saber. O poder é produtivo porque ele não é apenas repressivo, mas também cria novos saberes – que podem não apenas oprimir, mas também libertar” (Peters, 2000, p. 44). Nisto, podemos perceber que essa ideia também foi pensada por Chimamanda Ngozi Adichie (2019) ao abordar o poder através do que a autora denominou de “o perigo de uma história única”. Pois, para ela, essa realidade do outro se interliga com a nossa ao tentarmos enxergar nele só o que nos foi apresentado e assim marcá-lo com um discurso pronto. Porque, “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (Adichie, 2019, p. 12).

4.2 1984

Naquele ano, a Gazeta de Sergipe não apresentou notícias acerca da doença. O Jornal de Sergipe teve somente o mês de setembro digitalizado e o mesmo não apresentou o tema. Assim, o Jornal da Cidade levou ao público cinco notícias, na imagem abaixo, veremos uma notícia publicada no dia 12 de setembro:



Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46538>

Na seção “internacional”, o discurso jornalístico é iniciado com uma visão cientificista: “os cientistas disseram”. Mas, também chama a atenção o título, sendo que o termo câncer relacionado aos homossexuais não foi uma nomenclatura originada pela ciência. Houve sim, uma comparação médica da doença em seus primórdios com um câncer por conta das manchas roxas ou lesões na pele bem parecidas com o já conhecido sarcoma de Kaposi (SK), como mostrou um artigo do site *Cancer Research Institute*²⁰, mas a relação com os homossexuais logo se instaurou no imaginário social, segundo o mesmo site, por conta de outro artigo feito pelo aclamado *New York Times* que achou exótica a aparição daquele *tipo de câncer* especificamente em homens gays. Sendo esta a primeira notícia de grande proporção vinculando a doença aos homossexuais.

A matéria sergipana segue explanando que cientistas deram um passo importante na produção de uma vacina ao produzir genes idênticos ao da doença, informação que logo vem acompanhada por uma fala médica. Porém, no terceiro parágrafo, que é destacado, a informação é de que a substância não traria a cura, mas ajudaria as pessoas saudáveis. E no terceiro e último destaque, o discurso revela os chamados “grupos de

²⁰ CANCER RESEARCH INSTITUTE. **When AIDS Was a Cancer**. Disponível em: <https://www.cancerresearch.org/blog/august-2014/when-aids-was-a-cancer>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2025.

107). Assim, nesta matéria publicada no dia 17 de outubro, última sobre a aids daquele ano, mais uma vez, é guiada pela fala de um médico:



- a AIDS - na Bahia. A vítima internada para tratamento ambulatorial, tinha 37 anos e morreu em meados de setembro passado, mas a causa do óbito só foi revelada anteontem.

nidade onde andava". O médico não revelou o nome da vítima nem se era homossexual ou se havia se submetido a transfusões de sangue anteriormente.

Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46566>

A narrativa revela o primeiro caso notificado da doença no estado da Bahia. O discurso, de forma direta, informou a idade da pessoa, mas explicitou que o médico não deu detalhes *se a pessoa era homossexual*, foi como uma metáfora. Diante dessa fala, podemos traçar uma expectativa discursiva: por que era necessária a identificação da orientação sexual da pessoa? Na verdade, por que o médico precisava repassar essa informação? Messa e Vinhas (2021) fizeram esses mesmos questionamentos. Para os autores, as informações que surgiam por conta das falas médicas, religiosas e midiáticas elaboravam “redes de memória. [...] contudo, alguns saberes referentes à doença e ao portador da doença se [mantinham] presentes como um saber que “todo mundo sabe” atualizado por essas redes de memória (Messa; Vinhas, 2021, p. 234, grifo do autor). Por isso, aquela expectativa pode ser baseada na

necessidade de se produzir conhecimento sobre esse tema na contradição entre o excesso de informação sobre a IST, e, ao mesmo tempo, uma repetibilidade de saberes aliados a um discurso estigmatizante em relação à doença, sobretudo ao se referir a ela como uma doença de homossexuais masculinos. [...] Essa operação de metáfora é possível porque, a partir da formação discursiva conservadora, o sujeito homossexual é significado como promiscuo,

[característica esta que o médico *tentou* barrar]. (Messa; Vinhas, 2021, p. 235-243, grifo do autor).

O texto apresenta algo incomum: se trata de uma das poucas reportagens que profissionais da saúde teve essa sensibilidade em não informar o nome da pessoa. Sendo que essa falta de ética profissional chegou até ser destacada em outras notícias, como será mostrada adiante. Nisto, “há de se observar que o pensamento da comunidade científica realmente não esteve isento de concepções morais no seu processo de construção de um modelo adequado de evolução do vírus” (Nascimento, 2005, p. 84).

Esta notícia, apesar de esbarrar geograficamente com Sergipe, já que ambos os estados se divisam, só comprova o que foi dito anteriormente: que no país, a aids foi vista e noticiada de diversas maneiras. Como a própria notícia revelou, o caso do óbito só chegou a ser revelado quase um mês depois. Contudo, o noticiário foi um alerta para o que estava se aproximando da população sergipana. E para finalizar este tópico, vale ressaltar como o currículo cultural presente no jornal ainda se esgueirou no signo da “peste gay” para formar uma visão estereotipada, mas como muito bem observou Sabat (2001): “a publicidade não inventa coisas; seu discurso, suas representações, estão sempre relacionados com o conhecimento que circula na sociedade” (p. 12). Por isso, é preciso lembrar que, além das informações vindas de outros jornais com mais poderes discursivos tanto do país quanto fora dele, como já foi mostrado, a homossexualidade era vista neste período pela Organização Mundial da Saúde como uma doença mental (Green, 2018).

4.3 1985

Naquele ano, somente o Jornal da Cidade noticiou a aids, especificamente com quinze notícias. O Jornal de Sergipe e a Gazeta de Sergipe não falaram acerca do tema, o que também não deixa de ser uma representação. Assim,

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. (Foucault, 1999, p. 8-9)

Assim, a notícia publicada no dia 03 de agosto ganha um teor educativo mais aguçado que vai além de fatores médicos, pois eleva o imaginário social ao mostrar pessoas em contextos sociais e econômicos elevados contraindo a doença.



Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44248>

Essa visão de usar a imprensa como suporte de mediar classes sociais dominantes com as que são menos favorecidas é o que, na visão pós-estruturalista, se tornou um poderoso currículo cultural comum no jornalismo brasileiro, como mostrou o historiador Nelson Werneck Sodré (1999) ao estudar sobre ele. Segundo o autor, desde o período colonial, a imprensa se voltava basicamente a mostrar a Corte Portuguesa e os feitos do imperador, tentando moldar, sob a perspectiva do outro que é mais visto, a opinião pública.

A notícia acima explicita que há uma epidemia atacando as estrelas de Hollywood e que apesar de ter sido contada por um dentista, carrega o que Butler (2019) chamou de poder performático por ganhar credibilidade médica. Sendo que o dentista relatou ser uma decisão pessoal do indivíduo falar sobre se estava ou não com a doença, mas que em alguns meses a sociedade saberia o nome de muitas celebridades com aids. E alertava os demais profissionais sobre as precauções que a categoria deveria ter nos atendimentos. Porque, vale ressaltar, apesar de não existir um documento abordando as mudanças da odontologia perante a doença, o Conselho Federal (CFO)²² explica que “o Cirurgião-

²² CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA. **Dia Mundial de Luta contra a Aids: qual o cuidado odontológico ao paciente com HIV?** Disponível em: <https://website.cfo.org.br/dia-mundial-de-luta-contra-a-aids-qual-o-cuidado-odontologico-ao-paciente-com-hiv/>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2025.

Dentista é capaz de reconhecer precocemente as manifestações bucais associadas ao HIV, devido à alta suscetibilidade de desenvolvimento de lesões na cavidade oral em pacientes com o vírus” (Calazans, 2021). Assim, evidencia-se o motivo daquele dentista especular que outras celebridades estavam infectadas. Sendo que a sua profissão, sob sua perspectiva, não necessitava de um teste científico demorado para identificar a doença. A sua visão, ao identificar “sinais” na boca do paciente indicava que algo não estava bem.

A odontologia também aparece em uma outra matéria do dia 25 de setembro. Segundo a reportagem, que continha somente dois parágrafos e possuía apenas caráter informativo, um simpósio organizado pelo Ministério da Saúde do Governo Brasileiro iria reunir a categoria para fornecer mais informações sobre a doença aos profissionais. O que só comprova a preocupação além das fronteiras, mesmo quando a notícia internacional acima foi tendenciosa ao mostrar dados sem comprovação e sem explicar o motivo do profissional “saber” quem estava, ou não, com aids. Reforçando, assim, o que já foi abordado sobre o poder no discurso médico, sendo o espetáculo do outro (Hall, 2016).

Ainda em setembro, a notícia abaixo revelou que o Brasil ocupava o quarto lugar em incidência de aids ao fazer comparação com outros locais ao redor do mundo, como a Argentina. Trouxe essa matéria, especificamente, para compreendermos que a aids também passa a ser um “sentido” que é “construído – em vez de simplesmente encontrado” (Hall, 2016, p. 25). Nisto, o discurso educativo, com base no poder informativo do Ministério da Saúde, alegava, no último parágrafo, que está destacado, que o vírus é sensível ao calor e por isso não necessitaria alarde.

Brasil é o 4o. colocado em incidência de AIDS

RIO, (EBN) -- Na Argentina, foram registrados 26 casos de AIDS no período de 1983 a 85, atingindo um percentual de 0,8 por cento por milhão de habitantes. No Brasil, a estatística já alcançou 3,6 por cento/milhão e o país está em quarto lugar no quadro de incidência da doença. A informação é da pesquisadora oficial do Ministério da Saúde

SECRETARIA RECEBE NO PLANALTO MAIS DE EMBAIXADORES

Reservas de gás em Alagoas aumentaram

Funcionários da Caixa em Fortaleza aderem à greve

FORTALEZA, 24 (EBN) -- A Caixa Econômica Federal recebeu em sua sede em Fortaleza 12 embaixadores de 12 países, em uma cerimônia realizada no Palácio do Planalto. O Brasil é o primeiro país a receber tantos embaixadores em um mesmo dia. A cerimônia foi presidida pelo governador de Fortaleza, José Roberto de Sá. Os embaixadores presentes foram: Argentina, Chile, Espanha, França, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha, México, Paraguai, Uruguai, Venezuela e Cuba. O Brasil é o primeiro país a receber tantos embaixadores em um mesmo dia. A cerimônia foi presidida pelo governador de Fortaleza, José Roberto de Sá. Os embaixadores presentes foram: Argentina, Chile, Espanha, França, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha, México, Paraguai, Uruguai, Venezuela e Cuba.

Brasil é o 4o. colocado em incidência de AIDS

NO BRASIL -- Na Argentina, foram registrados 26 casos de AIDS no período de 1983 a 85, atingindo um percentual de 0,8 por cento por milhão de habitantes. No Brasil, a estatística já alcançou 3,6 por cento/milhão e o país está em quarto lugar no quadro de incidência da doença. A informação é da pesquisadora oficial do Ministério da Saúde

Novos casos de fraude no armazém gaúcho poderão ser descobertos

PORTO ALEGRE, 24 (EBN) -- O Ministério da Saúde divulgou hoje que novos casos de fraude no armazém gaúcho poderão ser descobertos. A fraude ocorreu em um armazém de Porto Alegre, onde foram encontrados produtos falsificados. O Ministério da Saúde está realizando uma investigação para identificar os responsáveis pela fraude. A fraude ocorreu em um armazém de Porto Alegre, onde foram encontrados produtos falsificados. O Ministério da Saúde está realizando uma investigação para identificar os responsáveis pela fraude.

so de Hematologia, Augusto Luís Gonzaga, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia, informou que o vírus da AIDS é sensível ao calor, portanto, não há qualquer perigo de proliferação do vírus,

Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44285>

Na perspectiva do sentido, vale ressaltar que o texto não traz uma referência para a afirmação sobre o calor e a doença. O que poderia ter sido um questionamento se o que estavam falando ao clima tropical do país que é tão difundido, até hoje, em outros países ou simplesmente citaram como uma nova informação. Contudo, como já abordado, o texto não deixou de educar, sendo que o HIV é realmente sensível ao calor²³.

Porém, como o discurso está ligado aos efeitos da política, no sentido de construir identidades e condutas (Hall, 2016), a notícia veiculada no periódico nos dias 24 e 25 de novembro explicitou um manifesto contra aqueles efeitos políticos. Porque, como vimos através de Bourdieu (1989), a cultura que unifica também pode separar. No próximo caso, veremos uma contracultura, um discurso que tentou sobressair do dominante. O currículo cultural começava a mudar na imprensa sergipana:

²³ SECRETARIA DE SAÚDE DO PARANÁ. HIV/Aids. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/HIVAids>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2025.



Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44349>

Segundo o texto, o Ministério da Saúde iria veicular filmes em rede nacional para educar a população acerca da aids. Porém, o coordenador do Movimento Mineiro de Defesa dos Direitos Homossexuais de Belo Horizonte ameaçou fazer greve de fome caso a película, que fazia alusões a homossexualidade, fosse ao ar. Outros dois pontos também se destacam em sua fala: medidas de segurança que pareciam valer somente para homossexuais e a contaminação das pessoas pelo vírus do preconceito.

Nesta notícia que encerra a análise em 1985, é possível verificar que o poder educacional da narrativa, tanto pela parte da minoria, o coordenador do Movimento, quanto pela instituição governamental, se choca em uma disputa pedagógica, parafraseando Foucault (1999), ao abordar a verdade no discurso, já que ambos os lados retratados no noticiário são movidos pelo desejo de educar. E é neste tipo de embate que o pós-estruturalismo encontra campo fértil para ser explorado, sendo que a mídia, neste caso, funcionou como mecanismo de representação (Sabat, 2001) e compartilhamento de significados (Silva, 2016). Assim, as novas notícias que iriam circular sobre a aids desde então passariam a disputar espaço com outros tipos de poderes, como será mostrado adiante.

4.4 1986

A partir deste período, o Jornal da Cidade não foi mais digitalizado e a Gazeta de Sergipe continuou não abordando a doença. Porém, o Jornal de Sergipe publicou, durante o ano, seis notícias acerca do tema.

Como veremos, o currículo cultural que dava significados sobre a aids começou a mudar na imprensa local, como por exemplo: o termo pejorativo que ligava a doença aos homossexuais não foi mais utilizado nos títulos das notícias.

Telefone já informa sobre saúde

Já se encontra em pleno funcionamento o Serviço Disque Saúde patrocinado pela Secretaria de Estado de Saúde com o apoio da Telergipe através do número 136 - o antigo Disque-Horoscopo. Segundo informação do diretor de saúde da Secretaria, Sérgio Garcez, o serviço presta semanalmente todas as informações sobre diferentes tipos de patologias que afligem a população brasileira.

O 136 começou a funcionar no último dia 25 e está, no momento, prestando todos os esclarecimentos sobre a Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida - AIDS revelando informações sobre as formas de contágio da doença, e sua prevenção, e dirimindo diversas dúvidas que ainda giram em torno da enfermidade.

O serviço, na opinião de Sérgio Garcez, é um canal aberto de comunicação, educação e saúde que funciona 24 horas por dia. Conforme ele, quando o telefone for consultado sobre outro problema que não consta da gravação de semana, o interessado é encaminhado automaticamente ao órgão específico, para que adquira todas as informações de que necessita.

O Disque-Saúde já atendeu a um grande número de consultas, o que já pode levar a se prever que o serviço se cons. tituirá num grande sucesso.

Aumento nos preços da cesta básica causa queda de consumo

Anunciada falta de fiscalização no sistema que atende a povoados

VESTIBULARES: Tem início as provas e resultado sai breve

Telefone já informa sobre saúde

Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35974>

A imprensa sergipana começava a disputar lugar com outros sentidos discursivos, como a prevenção, e até com outros tipos de mídia, como vai mostrar a notícia publicada no dia 05 de janeiro ao abordar uma nova forma de tirar dúvidas sobre a aids.

Segundo a reportagem, que tenta espaço em uma fina coluna no canto direito da página, a Secretaria do Estado havia lançado o “Serviço Disque Saúde” que serviria para sanar dúvidas da população sergipana sobre “diferentes patologias”, incluindo a aids. Vale

ressaltar que até aquele momento, o estado ainda não havia registrado nenhum caso da doença. Nisto, segundo a notícia, o serviço era um canal de “comunicação, educação e saúde”, conforme a matéria. E o último parágrafo afirmou que, graças a quantidade de chamadas que já havia recebido, era previsto que o serviço teria um grande sucesso.

Ao abordarmos o signo da prevenção, o fetichismo curricular (Silva, 2011) pela estranheza da doença que acometia exclusivamente homens gays não muda por completo, mas transforma seu enunciado. Contudo, é importante lembrar que essa modificação “não anula toda a rede de significados culturais que a leitora ou o leitor trazem consigo, impedindo de fazer inferências que podem ir além da tentativa de fixar sentido pela palavra” (Sabat, 2001, p. 13). Vale lembrar, também, que

O pensamento dos médicos oscila, até hoje, entre essas duas representações [*a busca pelo equilíbrio e a cura*] da doença, entre essas duas formas de otimismo, encontrando, de cada vez, para uma ou outra atitude, alguma boa razão em uma patogenia recentemente elucidada (Canguilhem, 2009, p. 11, grifos do autor).

E foram essas oscilações que deram espaço para que os currículos culturais não se limitassem ao discurso médico e ganhasse mais visibilidade através de depoimentos pessoais, como será mostrada na notícia publicada no dia 23 de novembro. Nela, que tem como título “Aids: é preciso esclarecer isso”, mostra como os trajetos dos discursos dominantes passam a ser questionados.

Segundo o colunista, havia uma crescente escalada de pessoas que possuíam aids, mas que não tinham discursos científicos que pudessem dar explicações plausíveis ou mais acessíveis a população. O autor também critica a demora por uma vacina, que segundo ele, essa é uma das principais causas do surgimento de pânico na sociedade. E pela primeira vez nos periódicos analisados, os termos “grupos de risco” é questionado. Ao mesmo tempo que denuncia o fraco manejo do Governo Federal em relação aos doentes, principalmente pela falta de verba em hospitais que já deveriam estar equipados para receber as pessoas com a doença. O que o fez pensar que a situação no país estava “sombria”, dando a entender que, em sua visão, não existia certa transparência da atual situação em que se encontrava a nação diante da aids.

Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36503>

Adiante, o colunista explora ainda mais a fragilidade do sistema de saúde brasileiro ao sugerir que as autoridades sanitárias poderiam oferecer um atendimento digno ao doente juntamente com as medicações que já estavam disponíveis. Mas, é no segundo parágrafo, da segunda coluna do texto, que o autor evoca um possível conflito com “os segmentos de homossexuais” que, segundo ele, se equivocam a serem contra algumas campanhas contra aids por fazerem ligação da doença com as suas orientações sexuais. Segundo o colunista, como podemos ler no recorte destacado, os homossexuais partiam da premissa de que sempre foram perseguidos e que tais campanhas de conscientização serviriam também para reprimi-los. E para finalizar sua fala, destaca

saber que está tratando de um assunto escorregadio, especificamente ao abordar o campo da medicina, que em sua perspectiva, “apresentam noções preconceituosas”.

Ao analisar este currículo cultural em busca de poder e educação é possível vê-lo através de imagens. Essa percepção é defendida por Paraíso (2008) quando a autora analisou dois discursos em seu trabalho. Sob sua perspectiva, o texto pode conter imagens criadas através da narrativa. “Nesse sentido, a escola, os currículos, a própria cultura, outras imagens, narrativas, objetos e as imagens de currículos são imagens e são, ao mesmo tempo, o currículo, as aulas e as práticas pedagógicas em si” (Deleuze, 1992, p. 57 *apud* Paraíso, 2008, 117).

Ao discorrer sobre a notícia, podemos identificar as imagens que até então foram formadas na imaginação social acerca da aids: homossexuais enfermos, falta de recursos financeiros, repressão sexual e outras que podem surgir, iniciando um trajeto de ação e reação. Porque, de fato, à medida que a cultura é vivenciada e moldada, outras formas de imagens também passam a ser inseridas em um determinado currículo. O que faz recordar o “Circuito Cultural” proposto por Hall (2016), quando a produção de identidade gera a representação. Que é o que está acontecendo até este momento e vai continuar a partir das próximas análises.

4.5 1987

Se até então a imprensa sergipana recebia notícias da aids além das suas fronteiras geográficas, aquele ano muda a forma de enxergar as representações porque foi neste período que os casos da doença passaram a ser notificados e noticiados no estado. E através dos noticiários é possível perceber que a própria mídia, população e governo local já tinham criado suas imagens acerca do que poderia acontecer caso o “mal” adentrasse o menor estado da federação. Porque, não foi difícil imaginar como seria, sendo que, em quatro anos, a mídia cumpriu seu papel curricular de formação de opiniões, como exemplo da última notícia analisada.

Naquele ano, a Gazeta de Sergipe publicou cinquenta e quatro notícias sobre aids. Enquanto o Jornal de Sergipe noticiou o assunto quarenta e nove vezes.

4.5.1 Gazeta de Sergipe

A primeira notícia que notifica a doença em Sergipe não fala do primeiro caso, mas do terceiro. E pela primeira vez desde 1983 a aids ganha a capa, com letras garrafais o título divide a página para chamar a atenção do leitor. Segundo a matéria, o Diretor do Hospital das Clínicas de Aracaju estava planejando instalar um pavilhão especial no prazo de trinta dias para os doentes, o que custaria alto, economicamente falando.

A notícia foi divulgada no dia 03 de fevereiro e vinha com um alerta para a comunidade médica: de que tratasse a narrativa com cautela para não causar um “clima de terror”. Contudo, outro ponto também chama a atenção: o Diretor afirmava que a sociedade precisava de “informações cristalinas” para ajudar no combate da doença. E para finalizar a descrição, a notícia explicitou que por questões éticas, os nomes dos “portadores” não seriam divulgados, contudo, asseguravam que eram homossexuais. Vale lembrar que “até meados de 1995, a informação percorria um trajeto bastante moroso ocasionado pelo atraso no envio das fichas pelos equipamentos de saúde, bem como pelas dificuldades na compilação e divulgação dos dados pelo nível central (Santos, 1994, Nichiata, 1995 *apud* Nichiata; Shima, 1999, pg. 308).

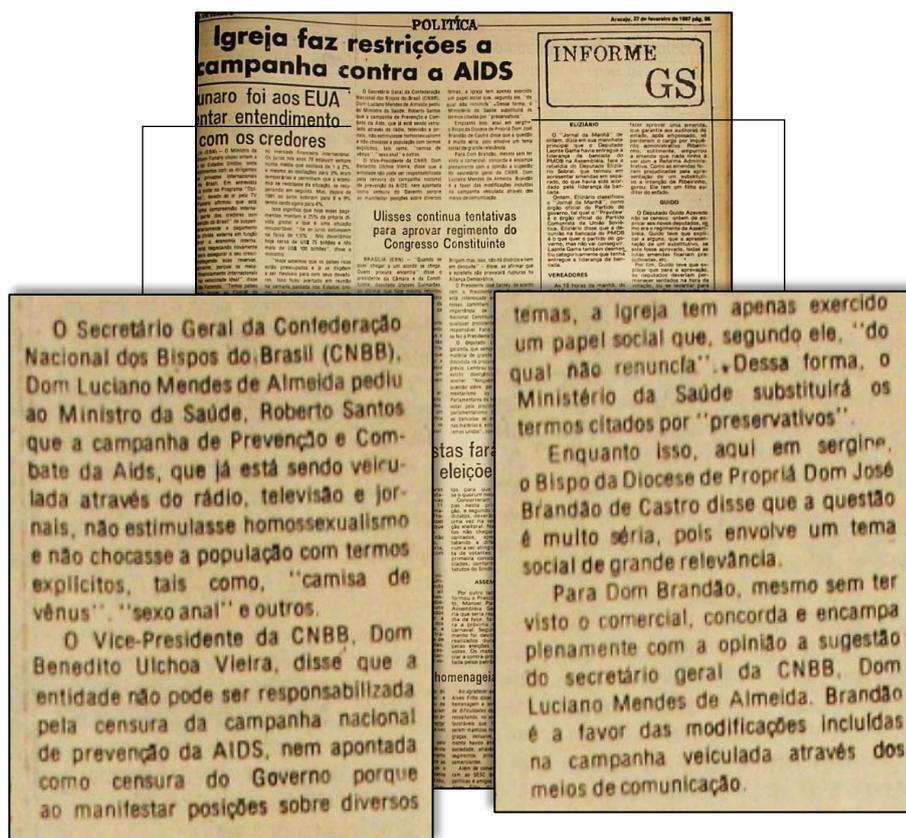


Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36680>

É interessante que a notícia evidencia que o médico se recusava a falar o nome das pessoas infectadas, mas assegurava que eram homossexuais. Porque,

para além de modelos conceituais técnico-científicos sobre saúde-doença, verifica-se que o sistema central de uma representação social é composto por elementos arcaicos enraizados na cultura de uma sociedade. Observa-se, também, que a abordagem desse objeto se faz presente tanto a partir do universo reificado quanto do consensual. Logo, apesar dos avanços na concepção do processo saúde-doença, é possível deparar-se com representações baseadas em modelos hegemônicos (Moura; Shimizu, 2017, p. 106).

No dia 27 de fevereiro, uma notícia faz reverberar mudanças significativas em como falar sobre a aids nas campanhas que começavam a circular pelo país e que, conseqüentemente, tiveram impacto, também, em Sergipe. Sendo que será possível verifica-las nas notícias seguintes.



Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36703>

A notícia que se destaca no topo da página desenha bem um país que tentou se desvincular da Igreja Católica em 1889, quando se instaurou a República e o Estado começa a se considerar laico. Para compreender o texto do jornal, é preciso entender o peso que o catolicismo ainda exercia no Brasil. Campos (2008), com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), refletiu sobre a cristianização brasileira, na questão se o país se tornaria, em um futuro próximo, um território

pentecostal ou carismático, e ao analisar o censo da década de 80, o Brasil tinha o percentual de 89% da sua população sendo católica, perdendo para 6,6% de evangélicos e apenas 3,5 de outras religiões. O que faz desenhar, como ousarei citar, um currículo pastoral de poder. Algo que também foi visto por Foucault (1988) ao analisar a História da Sexualidade que possuía enraizamentos repressores por conta do conservadorismo religioso.

Para Campos (2008), na atualidade, “é inegável que se há um ressurgimento do religioso, embora dentro de novos moldes” (p. 45). Para o autor, por conta da queda do catolicismo que vinha acontecendo e a ascensão do protestantismo, o país não deixou de ser cristão, só modificou os discursos. Mas, o que nos interessa aqui está ainda na década de 80. A notícia evoca a vontade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em modificar termos na campanha contra a aids. O que, coincidentemente, deixou, de fato, mais cristalizada a palavra para o outro. Porém, como o jornal explicita, essa percepção em reparar termos não se devia ao fato de desencadear mais entendimento da população acerca do tema, mas frear uma suposta liberdade sexual exacerbada, pois como diz o texto, na visão da Igreja, não poderia chocar o público e nem *estimular* a homossexualidade.

A palavra *estímulo*, para Russ (1999), deriva do latim *stimulus*, significando uma lança que perfura, agulhão, ou simplesmente excitação “que desencadeia a reação de um ser vivo; acontecimento que produz a excitação engendrando uma reação” (Russ, 1999, p. 95). Para a Igreja, naquele momento, aquela campanha poderia ser uma arma, um artefato que poderia ferir a sociedade ainda mais, já não bastando a “peste” que infectava pelo sangue, o perigo estava, também, no discurso, nas palavras, e precisava ser ocultado. E “quando ousam tentar escapar à tirania desse ocultamento, o amor homossexual assume a forma de segredo aberto. O amor, antes oculto, passa a “transitar” em meio a uma estrutura social que busca a regulamentação” (Santos; Bernardes, 2008, p. 291).

Na preocupação da CNBB também podemos supor que a instituição religiosa desejava alterar a linguagem das notícias por deixar explícito que discurso e linguagem importam na formação do enunciado. “A premissa é que a palavra fascina [perfura e excita] e como ela está impregnada de intencionalidades, de dizeres explícitos e implícitos, se estabelece enquanto se reveste do caráter de poder e de ideologia” (Almeida; Oliveira, 2016, p. 32, grifo do autor). Logo, pode-se observar que faz aparecer

e reforça o entendimento de homossexualidade como um determinismo cultural, consequência de uma demanda histórica desenvolvida desde o século XIX quando

em 1886, o sexólogo Richard Von KrafftEbing, listou a homossexualidade e outros 200 estudos de casos de práticas sexuais em sua obra *Psychopathia Sexualis*, ele propôs que a homossexualidade era causada por uma “inversão congênita” que ocorria durante o nascimento ou era adquirida pelo indivíduo. Esse médico coletou milhares de “confissões” dos seus pacientes influenciando a medicina definitivamente (Fry; Macrae, 1983 *apud* Pereira, 2017, p. 06).

Além da apreensão da Igreja por aquele suposto estímulo, a notícia ainda trouxe o posicionamento do então Bispo de Propriá, cidade interiorana de Sergipe, que alegou não ter visto as campanhas, mas que concordava, mesmo assim, com o posicionamento da CNBB. Sendo que a própria Conferência, na matéria, se defendia ao abordar que não se tratava de censura, mas de um papel social da Igreja do qual não renunciava. Mas, vale salientar, que “esse movimento não acontecia em todo lugar. A religiosidade das autoridades católicas mais conservadoras demorou para assumir a aids como questão específica, definia o debate sobre a missão evangelizadora como o central” (Paiva *et al*, 2013, p. 892).

Os termos trocados pelo Ministério da Saúde eram “camisa de vênus” e “sexo anal”. Aos quais passaram a ser chamados de “preservativo” e de “relação sexual”. Vale ressaltar que o primeiro termo, segundo o artigo do Grupo de Incentivo à vida²⁴, possuía um teor sexual mais elevado para o catolicismo pois derivava do século XVI, quando surgiram os primeiros preservativos de linho, recebendo o nome da deusa grega do amor chamada Vênus, ao qual seu templo era, supostamente, local onde suas sacerdotisas praticavam prostituição. Sendo o termo “camisinha” popularizado na década de 80 por conta da sua popularização nas campanhas contra a aids. Já o “sexo anal” oferecia forte suporte, segundo os religiosos, para as relações homoafetivas. Porque, em “A invenção da homossexualidade”, de Ceccarelli (2008), “no ser humano [...], o objeto da pulsão [sexual] é diversificado, anárquico, plural e parcial; exprime-se de várias formas: oral *anal*, escopofílica, vocal, sádica, masoquista, dentre outras” (p. 75, grifos do autor). O que converge com a postura da Igreja ao alegar, até hoje, que a homossexualidade é uma “tendência” e pecado por não fazer parte das leis naturais e não enxerga a diversidade

²⁴ GRUPO DE INCENTIVO À VIDA. A **História do preservativo**. Disponível em: <https://giv.org.br/Preven%C3%A7%C3%A3o/A-Hist%C3%B3ria-da-Camisinha/index.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2025.

humana, mas a dualidade padronizada entre homem e mulher, segundo o seu próprio Catecismo.

No entanto, como já abordei, coincidentemente, essas mudanças cristalizaram, no sentido de nitidez, o discurso, mesmo não sendo essa a intenção da instituição religiosa. Porque, como vimos, a população, em sua maioria católica, talvez não aceitasse a conscientização por conta do conservadorismo vigente da época.

4.5.2 Jornal de Sergipe

No dia 27 de fevereiro ficou disponível a primeira notícia sobre a aids e sua relação com o futebol desde 1983. Assim, abriu-se espaço para tratar dos cuidados que os jogadores deveriam ter para que não corresse risco de infecção. A notícia inicia falando sobre times internacionais que já tinham tomado precauções drásticas entre seus membros, principalmente dentro dos vestiários. Segundo o texto, os jogadores da Inglaterra tinham adotado evitar tomar água na mesma garrafa de outros, sendo obrigatório o uso de copos descartáveis; se limitar, nas relações sexuais, apenas a uma mulher; evitar tomar banhos de piscina caso apresentasse algum ferimento. Foi também inserido no discurso um exemplo de uma partida de Portugal contra a Itália em que os jogadores italianos evitavam entre si “abraços e beijos” na hora da comemoração de um gol.

Já na parte destacada na imagem abaixo, que trata sobre aquele esporte no Brasil, mostrou uma situação diferente do que era visto em times estrangeiros:

Esporte Anexo, sexta-feira, 27 de fevereiro de 1987

No Brasil esboçou-se um movimento para que providências fossem tomadas igualmente. Porém, por precaução dos próprios atletas, recessos de serem confundidos com homossexuais, o movimento se restringe ao âmbito dos próprios clubes cujos vestiários já passaram a ter determinadas divisões para que o tratamento imediato possa ser feito sem que fiquem expostos àqueles que não tem nada a tratar. Esse são os casos de jogadores que entraram no vestiário com ferimentos sangrando ou que estejam com seus uniformes manchados de sangue.

De qualquer maneira o combate à Aids não deve ser encarado com vergonha e muito menos com medo. O que importa é que movimentos já existem inclusive entre atletas, sejam eles do futebol ou de qualquer outra modalidade. Os cuidados para aqueles que praticam esporte coletivo deve, realmente ser dos mais rigorosos.

Agir, quando governar, é importante. Mas não é suficiente. Para fazer muito mais, precisamos que, não apenas o esporte em geral, mas o profissional, não vive seu melhor dia. E as coisas é que a sua de que, 2 e mais 2 é igual a quatro. O não basta mais a não no fim, por não haver esse resultado.

O editor de política do 25 nos informa que o projeto de criação de Secretaria de Esporte e Lazer, ainda não teve sido aprovado pelos nossos parlamentares sergipanos. Contudo, vários são os nomes que já se candidatam como secretários.

Com instituições, além do crime do deputado federal, José Carlos de Costa. Este já nos confessa que não aceita o esporte, sendo, portanto, como, consequentemente, não sendo, porém, o ministro que lhe fora escolhido para ser ministro. De uma coisa estamos certos: ele não quer ser ministro para a saúde do Brasil. Quando isso, isso lá vai, não faz a diferença no dia a dia.

Faltam também ao Léo Filho, titular da Secretaria de Esporte e Lazer e amigo particular do governador eleito, Antônio Carlos Valadares, um currículo de diretor realizando um bom trabalho, de a começar, que o esporte sergipano tem desenvolvido, quando na intenção para o cargo.

Faltam ainda nos nomes do ministro, com Prado Dias e ainda no de Aides, portanto, independentemente disso, basta, porém, não sendo, porém, o ministro que lhe fora escolhido para ser ministro. De uma coisa estamos certos: ele não quer ser ministro para a saúde do Brasil. Quando isso, isso lá vai, não faz a diferença no dia a dia.

Existe a necessidade de acompanhar o trabalho que vem sendo desenvolvido no esporte de alto nível pela Secretaria de Esporte e Lazer, através do Departamento Estadual de Esporte, visando ser atingido por outros municípios.

E, para isso, além de uma série de medidas, para o futebol profissional, fazemos um: que os clubes tenham mais de atletas, além disso. Temos certeza de que isso vai acontecer, com uma das soluções possíveis ser o aumento do tempo, conforme acontece em outros países. Isso é o que está sendo discutido pela imprensa.

O combate a Aids chegou ao futebol

A preocupação em combater a doença e a prevenção de sua transmissão chegou ao futebol sergipano. No dia 26 de fevereiro, o Conselho Administrativo do Futebol de Sergipe realizou uma reunião para discutir o assunto. O presidente do Conselho, José Carlos de Costa, afirmou que o esporte em geral deve ser tratado com cuidado para evitar a propagação da doença. Ele também mencionou que o futebol profissional deve ser tratado com especial atenção.

Além disso, o Conselho também discutiu a possibilidade de criar uma comissão para estudar o assunto e apresentar propostas para o combate à Aids no futebol. O Conselho também decidiu que o futebol profissional deve ser tratado com especial atenção.

Na reunião, o presidente do Conselho, José Carlos de Costa, afirmou que o esporte em geral deve ser tratado com cuidado para evitar a propagação da doença. Ele também mencionou que o futebol profissional deve ser tratado com especial atenção.

Além disso, o Conselho também discutiu a possibilidade de criar uma comissão para estudar o assunto e apresentar propostas para o combate à Aids no futebol. O Conselho também decidiu que o futebol profissional deve ser tratado com especial atenção.

Riachuelo disputa 2 jogos em Paulo Afonso

BRASILIA - A equipe de Riachuelo, que disputa o Campeonato Brasileiro de Futebol Profissional, disputará dois jogos em Paulo Afonso, no dia 28 de fevereiro. O primeiro jogo será contra o Flamengo, às 19h30, e o segundo jogo será contra o Atlético Paranaense, às 21h30.

Cotinguiba pode fazer fusão com Laranjeiras

LARANJEIRAS - O presidente do Botafogo de Futebol e Regatas, José Carlos de Costa, afirmou que o Botafogo pode fazer fusão com o Laranjeiras Esporte Clube. Ele também mencionou que o Botafogo está em negociações com o Laranjeiras para a fusão.

Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/42137>

Segundo a área destacada acima, que desenha bem o currículo cultural do futebol, algo que analisarei adiante, mostrou que medidas no Brasil estavam sendo tomadas igualmente, mas, por precaução dos próprios atletas, haviam temores de serem confundidos com homossexuais. E para não se tornar generalizada, a narrativa afirma que esse movimento de prevenção se restringia aos próprios clubes, como por exemplo as divisórias nos vestiários e cuidados com os jogadores que chegavam no local sangrando. O texto termina, apesar de não ter mencionado o que estava acontecendo com os atletas sergipanos, informando que o combate à doença não deveria ser encarado com vergonha e com medo e que o mais importante já estava acontecendo, que era o cuidado que havia iniciado na modalidade esportiva. Porém, é preciso destacar que, os clubes sergipanos só começam a receber palestras de prevenção depois de um ano desta reportagem, especificamente no dia 28 de julho de 1988 com o título: “Campanha contra aids obtém sucesso”.

O currículo cultural do futebol é um dos mais bem elaborados no quesito de masculinidade, como mostrou Bandeira e Seffner (2021). E a notícia em si, por se

posicionar em uma parte do jornal que sempre evocou o homem hétero e viril, provocou um novo trajeto no mesmo currículo sem tocar, como abordei, especificamente nos jogadores do estado. Contudo, é preciso destacar que “o futebol é uma prática cultural que faz circular diferentes pedagogias, ensina comportamentos, valores, modos de ser e de estar no mundo” (Bandeira; Seffner, 2021, 02). Assim, para esses autores, que apesar de analisarem esse esporte pela perspectiva da torcida, conseguem enxergar que o futebol se torna uma forte produção de representações do que a sociedade enxerga como masculinidade. O que, culturalmente falando, chega até se tornar algo religioso porque “ao sair de suas casas em direção a um estádio, para assistir a uma partida de futebol, o público caminha na direção do ritual para a performance, se constituindo como público pagante” (Gomes Júnior, 2019, pg. 04).

Para Gomes Júnior (2019), o que acontece no futebol pode ser chamado de “homossociabilidade”, pois é no campo onde os homens podem ter comportamentos que fora dele não seriam bem visto pela sociedade, como é o caso dos abraços e beijos, como a própria notícia trouxe sem ao menos questionar esses termos no quesito da heteronormatividade, porque que só abordou o medo dos jogadores brasileiros em serem confundidos com homossexuais caso começassem a ter precauções perante a aids. Fato que se torna até confuso de entender, pois percebe-se que é somente naquela performance de poder (Butler, 2019) que se “admite demonstrações de afetividade entre homens que não costumam ser manifestadas no dia-a-dia. Abraços intensos e calorosos na comemoração de gols do time pelo qual se torce” (Pinto, 2014, p. 06 *apud* Gomes Júnior, 2019, p. 04). Assim, “ao homem não basta afirmar a sua heterossexualidade, mas deve comprová-la e deixá-la visível em aspectos de tensão que envolve monitoramento constante das próprias ações (Bourdieu, 2012, p. 65 *apud* Lemes; Temer, 2018, p. 05).

No dia 15 de março, a notícia intitulada “Aids não existe para as prostitutas aracajuanas” também se referia a um currículo educacional poderoso: a doença era do outro.

Segundo a reportagem, a campanha feita pelo Governo Federal que havia começado a circular na mídia para combater a aids não estava surtindo o efeito esperado nas prostitutas e nos homossexuais da capital sergipana. Essa perspectiva surgiu quando o Jornal da Cidade enviou um repórter para uma área de Aracaju que era conhecida como um local de prostituição. No terceiro parágrafo da narrativa, o qual se destaca na imagem abaixo, uma das entrevistadas falou algo pertinente:

processos inseparáveis” (Silva, 2001, p. 26). Sendo que, por mais que as entrevistadas tenham sido categorizadas como pessoas de baixo conhecimento, acredito que essa representação em tentar não acreditar em uma doença também seja poder. Porque, “o poder não irradia de cima para baixo, nem de uma única fonte de lugar. Relações de poder permeiam todos os níveis da existência social [...] e a da sexualidade (Hall, 2016, p. 90).

Vale lembrar que, como o currículo da aids foi construído com base em uma doença que acometia homens gays, e que apesar deste termo não ter sido mais utilizado a partir de 1987, a pedagogia social ainda se encontrava marcada pelo que Hall (2016) chamou de “estereotipagem”, o que significa, em sua visão, uma prática de exclusão e fechamento para o outro. Assim, quando a entrevista diz “que lá”, indicando onde ficavam os homossexuais, era onde existia a doença, revela uma sociedade dividida entre eles e nós.

Em “O signo da culpa na História das Doenças”, Nascimento e Gouvêa (2006) fazem um trajeto do que é pertinente, e até repetitivo, quando tratamos da aids e de outras doenças que estremeceram com imaginário social e o moldaram, que é a busca por um culpado ou por “um outro” que carregue o fardo de ter libertado tal moléstia. Assim, as prostitutas entrevistadas são um recorte representativo importante para tentar entender aquele período. Pois, como já foi mostrado em outras notícias, não eram só elas que acreditavam que os homossexuais eram a porta de entrada da “peste”.

4.6 1988

O último ano analisado cria novos contornos nos currículos jornalísticos da imprensa sergipana na pedagogia de implementar um diálogo entre a medicina, que até pouco tempo detinha o poder para si sobre a aids, para com a população local, como especificou Teodorescu e Teixeira (2015) ao atentar nas peculiaridades nas campanhas ao combate da doença no estado. Pois naquele ano, os currículos, de fato, sofrem uma inversão de discurso, como veremos.

O Jornal de Sergipe, naquele período, publicou quarenta notícias sobre o tema. Sendo que a digitalização dos impressos foi encerrada no mês de junho, o que gerou um vácuo de informações. Contudo, baseando-se no que foi encontrado, é possível traçar um perfil curricular da instituição. Assim, serão analisadas reportagens que conseguem enfatizar ou desenhar o contexto da mídia naquele período.

A Gazeta de Sergipe, mesmo possuindo todo o ano disponível de forma online, publicou quarenta e seis notícias sobre a aids. Mas, apesar do pouco conteúdo, em comparação a primeira instituição, temos material necessário para traçar, também, um currículo naquele ano.

4.6.1 Jornal de Sergipe

Segundo a matéria publicada no dia 02 de fevereiro, o então Coordenador do chamado Programa de Anti-Aids no Estado e titular de um outro sobre DST²⁵ (termo antigo para Doenças Sexualmente Transmissíveis), da Secretaria da Saúde, foi fazer campanha, levar informações sobre a aids, nos presídios. O texto explicita que a ação não era consequência de casos da doença que haviam sido confirmados naqueles locais. Mas uma forma de evitar infecções futuras, como também com o intuito de saber se existiam ou não contaminados.

A notícia, com base na fala do coordenador, afirma que já tinham sido feitos 90 testes em presidiários e os resultados foram negativos. Sendo que iriam desenvolver o programa de informações nos presídios em duas cidades interioranas do estado: Areia Branca e Nossa Senhora da Glória. Sendo que esta última localidade teria mais prioridade porque alguns setores da imprensa haviam comunicado que naquele presídio uma pessoa havia morrido por consequência da doença.

A matéria encerra com o coordenador explicando que os cuidados não iriam se limitar somente aos presos, mas também em suas companheiras que frequentavam o local nos momentos de visita íntima, como é possível ler nas áreas destacadas na imagem abaixo:

²⁵ “A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST, porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas. Se não tratadas adequadamente, podem provocar diversas complicações e levar a pessoa, inclusive, à morte” (BRASIL, Ministério da Saúde). Contudo, utilizaremos a grafia antiga quando se tratar do enunciado da notícia analisada.

Secretaria da Saúde vai até presídios fazer uma campanha

Embora tenha afirmado que não há nenhuma veracidade na denúncia de que um presidiário de Nossa Senhora da Glória morreu acometido de Aids, porque não foi feito nenhum diagnóstico nesse sentido, o médico Almir Santana coordenador do programa Anti-Aids no Estado e titular da DST - da Secretaria da Saúde, disse que foi iniciado ontem uma campanha nos presídios para saber se existem presidiários contami-

nados ou não.

Secretaria da Saúde vai até presídios fazer uma campanha

Almir Santana, titular da Secretaria de Saúde, disse que foi iniciado ontem uma campanha nos presídios para saber se existem presidiários contaminados ou não.

Almir Santana, titular da Secretaria de Saúde, disse que foi iniciado ontem uma campanha nos presídios para saber se existem presidiários contaminados ou não.

Secretaria promove

Almir Santana, titular da Secretaria de Saúde, disse que foi iniciado ontem uma campanha nos presídios para saber se existem presidiários contaminados ou não.

PREVIDÊNCIA

Servidores fazem ato contra os dois turnos

Os servidores da Previdência Social fizeram um ato de protesto na manhã desta quarta-feira (17) no prédio da sede da instituição, em frente ao Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe, para reivindicar a redução dos dois turnos de trabalho.

Comércio com vendas reduzidas

Depois de um período de chuvas fortes, o comércio em Sergipe registrou vendas reduzidas nesta quarta-feira (17).

Atualização do Imposto de Renda é tema de

A atualização do imposto de renda é o tema de uma reunião realizada nesta quarta-feira (17) no Palácio do Governo, em Sergipe.

FOTOGRAFIA

Secretaria promove

A secretaria de Saúde promoveu uma reunião nesta quarta-feira (17) para discutir a campanha de prevenção de Aids nos presídios.

Afirmou que devido ao fato divulgado por alguns setores da imprensa sergipana de que um presidiário havia morrido contaminado de Aids no presídio de Glória, Almir Santana disse que procurou dar prioridade àquela penitenciária, fazendo um exame minucioso nos detentos, e até mesmo em suas companheiras que uma vez por semana mantêm relação sexual no dia de visita íntima.

Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/42687>

O currículo cultural formado pelo sistema prisional brasileiro é complexo por ter suas representações perpassando pelo império e República (a partir de 1889). Segundo Seffner (2023), ao estudarem as representações sociais da privação no sistema penitenciário, alegam que o Brasil, após os Estados Unidos e China, “é o terceiro país com a maior população prisional do planeta” (p. 16). Porém, como já abordado, estamos tratando de um assunto profundo em nossa história. Sendo que, para Silva (2012), ao sermos um território escravocrata por mais de 300 anos, houve, no período colonial (1500 - 1822) uma pequena distinção em separar “a sanção que poderia ser aplicada aos ‘homens de bem’ daquela que se reservaria aos ‘indesejáveis’” (Silva, 2012, p. 01), sendo que a manutenção da ordem nessa separação não era diferente da usada com os escravizados, já que o castigo era o bom e velho exemplo do qual tínhamos tanta intimidade. E é preciso salientar que em todo o período imperial (1822 – 1889), não havia uma administração organizada na gerência das cadeias, fazendo com que esse mesmo período governamental acabasse e os problemas de gestão permanecessem com o início da República (Silva, 2012). Contudo, “as penas cruéis, entretanto, foram totalmente abolidas, bem mais tarde,

por força do art. 72, parágrafo 20, da Constituição Republicana de 1891” (Sá, 2017, p. 423).

Para Sá (2017), “os parâmetros da arquitetura e do modo de vida voltados para as prisões sempre se orientaram pelo propósito de custodiar homens e não mulheres” (p. 427), o que nos faz entender como uma sociedade planejada em torno do patriarcado (Butler, 2019), mesmo para a punição. Sendo esta uma questão de gênero e sexualidade nos presídios que não adentrarei, mas que precisou ser apontada porque esse trajeto tão marcado pela masculinidade foi um dos focos do coordenador citado na notícia, sendo que, em sua visão aguçada, estava tratando de espalhar uma campanha de informações contra uma doença que acometia, até naquele momento, em sua maioria, homens. E gays.

Mesmo não comentado na matéria, foi uma inovação necessária por conta da insalubridade daqueles locais, pois “o sistema penitenciário brasileiro [sofre] em precariedade. Alguns aspectos mais dramáticos são a superlotação, estruturas inadequadas e insuficiente assistência básica à saúde” (Silva; Araújo; Castro, 2023, p. 16, grifos do autor). E foi nesta busca por levar informações acerca da doença nestes locais que essa atitude, para Teodorescu e Teixeira (2003), tornou-se uma das ações preventivas mais importantes realizadas no estado. O que vai contrastar, mais tarde, ao relacionar a população carcerária, de modo geral, no país. Pois, em 1997, a Folha de São Paulo²⁶ vai informar que as cadeias brasileiras tinham se tornado campeãs em pessoas com aids no mundo. “Entre os cerca de 150 mil detentos do país, cerca de 15% deles, ou 22.500, seriam portadores do HIV ou doentes de Aids, segundo estimativas do Ministério da Saúde” (Folha de São Paulo, 1997).

No dia 13 de março foi publicada pela primeira vez no periódico a propaganda oficial do combate a aids do então Governo Presidencial de José Sarney (1985 – 1990). Simples e direta, as letras garrafais informavam que “Amor não mata”, com o ponto final decididamente visível. Fator jornalístico e publicitário muito comum, no quesito de falas sem rodeios, nos 80, como observou Peixoto (2008) ao estudar o jornalismo daquela década. Para essa autora, “nos cadernos especialmente elaborados sobre o caso, tal postura pedagógica - amparada pelos recursos visuais e pelas drágeas concentradas de textos nos boxes - pode ser exemplarmente observada” (Peixoto, 2008, p. 38).

²⁶ FOLHA DE SÃO PAULO. **Presídios do país são campeões de Aids**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff110815.htm>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2025

a esses meios de comunicação, melhor será a capacidade de recepção da comunicação” (Proetti, 2016, p. 79).

Vale salientar que na trajetória criada em torno da aids, é a primeira vez que a doença está interligada ao sentimento de um amor protetivo, o que foi uma tática publicitária da época, pois

a partir da segunda metade dos anos 80, a capacidade de despertar emoções a partir da narrativa publicitária parece ter ultrapassado a função de diferenciar produtos e serviços através de atributos práticos. Assim, nos anos seguintes, torna-se cada vez mais necessário que os anunciantes encontrem formas de relacionarem suas marcas a sensações únicas (Abreu, 2016, p. 25).

No dia 17 de junho, uma notícia, que em sua estrutura de publicação, se repetia como outras já mencionadas, parece disputar um lugar na página por se espremerem em uma fina coluna, que desta vez, ficou localizada no canto esquerdo da folha.

Palestra sobre AIDS no quartel

Atendendo convite do Comando do 28o. Batalhão de Caçadores, o médico Almir Santana, coordenador estadual da Comissão de Prevenção as Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids, profere palestras para a corporação nos dias 20, 21 e 23 sobre o que é a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida e as formas de contágio. No último dia acontecerá um debate do qual participarão soldados, cabos, sargentos e oficiais, além do comandante da guarnição. As palestras têm apenas o caráter orientador, pois até agora não foi detectado qualquer caso da doença entre os militares, conforme informação de Santana.

Cohidro colocará carros usados em leilão público

A Cohidro não tem abandonado suas ações visando ao melhoramento do sistema de abastecimento de água em Teresopolis. O projeto de melhoramento do sistema de abastecimento de água em Teresopolis, iniciado em 1980, prevê a aquisição de 100 carros usados para serem utilizados como veículos de transporte de água para as áreas de abastecimento. O projeto prevê a aquisição de 100 carros usados para serem utilizados como veículos de transporte de água para as áreas de abastecimento. O projeto prevê a aquisição de 100 carros usados para serem utilizados como veículos de transporte de água para as áreas de abastecimento.

Pixinguinha começa com bom espetáculo

Apesar de se encontrar em um momento de transição, a Pixinguinha começou com um bom espetáculo. O espetáculo foi realizado no dia 17 de junho, com a participação de vários artistas locais. O espetáculo foi realizado no dia 17 de junho, com a participação de vários artistas locais. O espetáculo foi realizado no dia 17 de junho, com a participação de vários artistas locais.

Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/42791>

Segundo a reportagem, o coordenador da Comissão de Prevenção as Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids, passou a oferecer palestras nos quartéis de Aracaju.

O texto evoca que seriam três dias de palestras e que contariam com a participação de soldados, cabos, sargentos, oficiais e do comandante da guarnição. Para o coordenador, as palestras teriam apenas um caráter informativo, já que, até aquele momento, não haviam detectado algum caso da doença naqueles locais. O que possibilita enxergar uma visão avançada do coordenador diante de um currículo cultural tão fortemente estabelecido como o do Exército pelo poder político masculino. Tanto é que, para a CNN Brasil²⁷, “o ingresso feminino teve início em 1980, por iniciativa da Marinha. Em 1982, foi a vez da Força Aérea. Já o Exército começou a aceitar mulheres em suas fileiras [somente] em 1992” (CNN, 2024, grifo do autor).

A notícia finaliza com a fala do médico que coordena a ação ao garantir que o que mais se está falando no mundo naquele momento eram dados confiáveis sobre a aids e que as palestras não possuíam o caráter amedrontador, mas sim o de informar. Contudo, é preciso salientar que o médico responsável adentrou, naquele período, em um currículo cultural abstruso. Mesmo possuindo, hoje, em sua página oficial na internet²⁸, valores ditos sólidos, como: Patriotismo; Civismo; Fé na missão do Exército; Amor à profissão; Espírito de corpo e Aprimoramento técnico-profissional. Contudo, para Seidl (2010), ao analisar as representações de elites burocráticas ou do Estado, essa visão unitária só começou a ser efetivada e a partir de 1908 e 1914. Sendo que na metade do século XIX, a instituição teve fortes inspirações “em práticas europeias consideradas modernas, a lei e os regulamentos adotados pelo Exército Imperial em 1850 passavam a vincular a ascensão na hierarquia a regras institucionais formalmente explicitadas” (Seidl, 2010, p. 75).

Mas, como bem observou Dreifuss e Dulci (2008), o trajeto que desenhava as Forças Armadas era, além de complexo, um lugar de palavras não ditas sobre doenças e também da sua própria identidade, fato este que fez analistas políticos observarem, a partir da década de 70, que desde o Golpe de 1964, acarretando na Ditadura Militar no país (1964 – 1985), não existiam estudos profundos sobre essas instituições mantenedoras de um suposto poder, o que causava, para aqueles autores, um interesse de estudiosos naqueles espaços. Este trecho pode exemplificar o quão intrincados eram aqueles locais:

²⁷ CNN BRASIL. **Mulheres poderão se alistar nas Forças Armadas em 2025, espera Ministério da Defesa**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/mulheres-poderao-se-alistar-nas-forcas-armadas-em-2025-espera-ministerio-da-defesa/>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2025

²⁸ MINISTÉRIO DA DEFESA. **Valores Militares**. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/o-exercito/valores-militares>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2025.

As Forças Armadas [no período ditatorial] moviam-se dentro de um paradigma político ideológico que as levava a conceber o subdesenvolvimento como produto não apenas ou essencialmente da exploração capitalista, mas [da insuficiência] capitalista (Dreifuss; Dulci, 2008, p. 153, grifos do autor).

Ou seja, uma das formas que o Exército encontrou durante o regime opressor brasileiro para vigorar-se foi a sustentação de que o desenvolvimento do país, ou a sua falta, não passava por ele, mesmo sendo ele um espaço “oculto” perante os civis. Reiterando uma neutralidade forçada. Nisto, este pequeno recorte histórico pode ajudar a entender como o currículo cultural construído pelos militares foi bem estruturado ao ponto de parecer que não precisava ser analisado.

O afrouxamento autoritário militar vivido pela política brasileira desde a década de 80 pode explicar o interesse do médico sergipano em ocupar os quartéis da capital e traçar novas linhas em um currículo endurecido e com uma rigidez institucionalizada perante outros assuntos, como a aids, por exemplo. Fato que vai ficar evidente em um artigo publicado pela Folha de São Paulo²⁹ em 1996 ao abordar a doença dentro das Forças Armadas como um “tabu”.

Segundo a matéria, os militares precisaram quebrar o “preconceito” da aids após 13 anos da identificação da doença no Brasil quando um soldado em Brasília, Distrito Federal, foi identificado com HIV. Para a matéria da Folha, “segundo estimativas da Aliança Cívico-Militar para Combater o HIV/Sida³⁰, [...] as taxas de infecção por doenças sexualmente transmissíveis entre os militares são duas a três vezes mais altas do que nos grupos sociais civis” (Folha de São Paulo, 1996). Porém, no texto do jornal paulista, é identificado, mesmo sem fontes do Ministério da Saúde, que o Exército brasileiro, naquele período da publicação, era a Força que tinha maior abertura ao assunto. Informação que divergiu com o início da narrativa.

Mas, para finalizar este tópico, voltando para a notícia do jornal sergipano, percebeu-se, através do texto, que os militares de Sergipe não apresentaram resistência sobre as palestras, mesmo oito anos antes do que foi noticiado pela Folha de São Paulo ao retratar, de forma generalizada, o país.

²⁹ FOLHA DE SÃO PAULO. **Militares discutem Aids nos quartéis**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/29/cotidiano/6.html>. Acesso em 22 de fevereiro de 2025.

³⁰ O termo “Sida” (síndrome de imunodeficiência adquirida) não vigorou no Brasil, sendo aceito, segundo a Folha de São Paulo, em Portugal, povos de língua espanhola e francesa. Porém, no país, a sigla do termo em inglês, Aids (Acquired Immunological Deficiency Syndrome), foi a que permaneceu sem relutância gramatical (Machado, 1996).

4.6.2 Gazeta de Sergipe

Em fevereiro, a Gazeta exaltava uma notícia sobre a campanha da Secretaria da Saúde do Estado durante o Carnaval de 1988, que naquele ano aconteceu entre os dias 13 e 16 daquele mês. Mas, como poderemos verificar, a movimentação da Saúde perante a prevenção da aids foi um trajeto, no sentido literal da palavra, um tanto conturbado.

Nos impressos dos dias 10 e 11 de janeiro, uma matéria explicava que o Hemose (Centro de Hemoterapia de Sergipe) notificara que o sangue usado em Sergipe não oferecia risco de contaminação. Isso porque, vale salientar, “os pacientes hemofílicos apresentavam maior risco de infecção pelo HIV do que a população em geral devido à maior exposição aos produtos sanguíneos, principalmente aos fatores de coagulação, frequentemente administrados” (Fernandes, 2001, p. 10-11). O que acarretou, logo em seguida, no dia 16, ainda em janeiro, uma notícia divulgando que a Secretária da Saúde iria dispensar um esquema de prevenção especial para o carnaval que se aproximava.

Já em fevereiro, a passividade do governo local por um suposto controle da aids foi criticada em uma matéria publicada no dia 05 de fevereiro, o que levou a Secretaria a elaborar uma estratégia de prevenção com relação à doença, sendo esta uma decisão noticiada no dia 06 daquele mês. O ocorrido fez movimentar outras áreas além das governamentais, como mostrou uma notícia daquele mesmo impresso que revelava que um grupo de homossexuais de Aracaju estavam se mobilizando para fazer uma semana de palestras sobre a aids. E então, no dia 11, é publicada uma matéria reforçando que o governo municipal estaria empenhado em desenvolver ações de prevenção durante o carnaval. O que fez, no dia 13, o Secretário da Saúde fazer um pronunciamento para alertar os foliões sobre os cuidados com a doença. E passada a festa, no dia 18, a notícia trazia os resultados do que havia acontecido:

AIDS: Campanha da Saúde ultrapassa expectativas

Repercutiu acima das expectativas a campanha de prevenção contra a AIDS no carnaval, realizada pela Secretaria da Saúde. Nos hotéis, os turistas receberam desde cartilhas até preservativos, distribuídos pela Secretaria da Saúde com o objetivo de garantir a segurança dos foliões e se mostraram satisfeitos, elogiando a forma de condução da campanha, procurando educar sem discriminar. O Secretário Edney Freire Caetano recebeu com satisfação os elogios de todos e garantiu que o trabalho vai continuar.

Segundo Edney, o trabalho desenvolvido no Carnaval contou com o total apoio do Governador Antônio Carlos Valadares que não mediu esforços para garantir a segurança de quem quis brincar o carnaval sem ser perseguido pelo fantasma da AIDS. Faixas, panfletos,

Pouca gente foi ao banco LOCAL **Hoteleiros esperam**

cartilhas e preservativos foram distribuídos de forma maciça em todos os hotéis, centros turísticos, motéis, terminal rodoviário, aeroporto e restaurantes, levando a todos os foliões uma mensagem direta de esclarecimentos sobre a doença.

Para o Secretário da Saúde, a AIDS é uma doença que deve ser tratada com toda seriedade, não só porque mexe com a sexualidade das pessoas, mas porque ainda não tem cura e vem se alastrando de forma assustadora em todo o mundo. Edney disse que a campanha "QUEM VÊ CARA NÃO VÊ AIDS" vai continuar sendo desenvolvida pela Secretaria, com a colaboração de todos os meios de comunicação. "O número de adictos em Sergipe, em relação a outros Estados, é pequeno e a nossa luta vai continuar incansável para reduzir ainda mais".

AIDS: Campanha da Saúde ultrapassa expectativas

Venda de camisinhas não aumentou durante os dias de carnaval

Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/37086>

Segundo a matéria, que já resumia em seu título o êxito da campanha, o trabalho havia superado as expectativas. No texto destacado, é possível verificar que houve uma preocupação em distribuir cartilhas informativas e preservativos “de forma maciça” não só para a população local, mas também para os turistas que estavam chegando em Aracaju, o que, para o Secretário da Saúde, foi uma ação importante porque, em suas palavras: “procurou educar sem discriminar”. O texto segue orientando o leitor que a campanha teve apoio do Governo Estadual e que ela não se restringiu apenas aos locais dos foliões, mas também nos motéis, restaurantes, centros turísticos, aeroporto e nas rodoviárias. O que chamou a atenção foi uma certa polidez ao abordar que tudo foi feito com muita seriedade pois “mexia com a sexualidade” das pessoas. A notícia acaba com a fala do Secretário informando que a campanha iria continuar, mesmo com Sergipe apresentando um número pequeno de pessoas com aids.

Precisamos focar, também, no slogan da campanha: “Quem vê cara não vê aids”. Porque houve uma suposta virada discursiva que descaracterizava a diferença para algo mais suave, humanista universal, já que há alguns anos, a doença tinha um rosto, um corpo: o homossexual. Pois ele era, em uma visão estigmatizada nos primeiros anos da divulgação da doença, “o responsável pela sua contaminação e também pela propagação

do vírus, inclusive os verbos, quase todos, apareciam na forma reflexiva, de forma a confirmar/reforçar a responsabilidade do homossexual sobre a sua condição” (Soares, 2016, p. 12). Contudo, para Soares (2016), ao analisar a homossexualidade e a aids na publicidade, naquele momento se tinha, de fato, uma preocupação em tentar humanizar ou universalizar a doença além dos chamados grupos de risco, mas a suposta suavidade na linguagem do título da campanha pode ser entendida de outra forma:

As palavras são usadas como um decalque da realidade, congelando, portanto, a sua significação: “seria muitíssimo mais fácil apostar na racionalidade das pessoas como garantia contra a sua propagação”, mas isso não acontece. E nada mais se pode fazer. A responsabilidade não está nas mãos da medicina que já apontou o caminho e não tem recursos, já que não é possível controlar o impulso sexual dos outros [era correto somente alertar] (Soares, 2016, p. 91, grifo do autor).

Ao verificar, também, o currículo cultural do Carnaval, é possível compreender toda a preocupação se teria ou não uma campanha preventiva para combater a aids, pois, em um país majoritariamente cristão, a festa simbolizava bem mais do que divertimento, mas uma alavanca para a promiscuidade. Fato que possui ligação histórica, especificamente quando a festa mudou de uma praticada pelas elites para as massas. Mas para entendermos esse fato, a historiadora Lilia Schuwarcz (1998), que faz um apanhado exuberante sobre as festas populares do Brasil desde o Período Colonial até o final do Segundo Reinado (1889), cita que o Carnaval, como um festejo advindo de Portugal através de outro intitulado “entrudo”, é logo inserido na colônia, mas rapidamente misturado com as massas, principalmente com as pessoas escravizadas. Mas, só foi “a partir de 1855 que o Carnaval ganhou as ruas com os carros alegóricos” (Schuwarcz, 1998, p. 278).

Mas, para Monteiro (2010), o entrudo, que aqui podemos enxergar como o primórdio do que hoje conhecemos como Carnaval já incomodava por certa permissividade dos corpos. “Não obstante sua grande popularidade, pode-se afirmar que a celebração permaneceu desde o momento em que foi introduzida no Brasil até o início do século XX, período que marcaria seu ocaso, como uma festividade ‘fora da lei’” (Monteiro, 2010, p. 02). Fato que pode ser interpretado pela assimilação da população pobre ao que era considerado como algo das “boas famílias”.

Na atualidade, para Taveiros (2020) “o prazer, da mesma maneira, reprimido durante os dias habituais, liberta-se durante o período de Carnaval. O corpo do folião, portanto, pode experienciar o prazer pelos diversos estímulos presentes na celebração”

(Taveiros, 2020, p. 05). Sendo que neste ponto é que podemos entender a preocupação da Secretaria com aquele período festivo, porque é nele onde as minorias encontravam certo acolhimento por parte da sociedade, embora que mascaradas. Pois “os grupos marginalizados sempre tiveram a possibilidade de sensação de liberdade tolhida em determinados espaços, inclusive quando se tentou supor que a restrição não existiria” (Carvalho; Miranda, 2016, p. 416). E foi neste ponto que a campanha sergipana contra a aids focou, mesmo sem explicitar, além de, como já mencionado, tentar retirar ou suavizar a representação da doença somente aos homossexuais. Porque, “é sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem, mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo as regras de uma “política” (Foucault, 1999, p. 35).

Assim, desde o dia 30 de novembro daquele ano passou a circular pela Gazeta que iriam acontecer festejos em comemoração ao Dia Mundial ao Combate a Aids, que seria dia 1º de dezembro. Neste mesmo dia, uma nova matéria foi publicada informando a programação do evento que aconteceria mais tarde. Já no dia 02 daquele mês, a notícia abaixo informou como foi a comemoração:



Fonte: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/37460>

Para a matéria na capa, e que tem continuação na página 05 do periódico, foi informado que mais de 156 países realizaram comemorações no dia estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) para combater a doença. O texto destacado informa que a programação começou pela manhã com palestras e houve uma grande mobilização de escoteiros, estudantes de medicina e servidores da Secretaria de Estado da Saúde para distribuir folhetos em locais estratégicos.

Na página 05, que detalha o evento, o texto iniciou com uma frase dita pelo coordenador da campanha: “O maior grupo de risco é formado por aquelas pessoas que não acreditam na aids”. Frase que projeta novos traços em um currículo cultural que até aquele momento era bem estruturado pela sociedade ao focar a doença nos homossexuais. O texto também informa que houve uma exposição fotográfica, uma missa celebrada na Catedral Metropolitana pelo então Bispo Dom Luciano Cabral Duarte e logo depois um espetáculo com artistas locais em frente ao templo, o que pode explicar o motivo da comemoração ter acontecido na Praça Olímpio Campos, localizada no Centro de Aracaju e próxima à catedral. O texto ainda descreve as formas de prevenção contra a doença detalhadas em um dos folhetos distribuídos, como: usar preservativo, não compartilhar objetos de higiene pessoal e orientava que o leitor procurasse “um relacionamento mutuamente fiel com um único parceiro”. Vale ressaltar também outra fala do coordenador, que, segundo fontes que não explicita, tinha expectativas que uma vacina contra a doença *só deveria surgir em oito anos* e por isso era importante o fator educativo.

Neste ponto, podemos verificar um “des-endereçamento” físico para falar sobre a aids. Se antes tivemos um deslocamento do olhar, no sentido de não mais abordar grupos de risco estigmatizados, como os homossexuais, neste momento, o discurso ganhava forma física e ganhava novo endereço. Porque, como vimos, tornou-se habitual, principalmente nos primeiros anos analisados neste trabalho, abordar o assunto através da imprensa em pontos de prostituição da capital, nos motéis, nas esquinas. Nestes locais interligados à relação sexual desordenada, a aids tinha suas representações cravadas. Porém, nesta notícia, percebe-se que se a doença passou a não ter cara, agora ela também não tinha lugar. Para Debord (2003), aquele “espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo [...]. Sua única mensagem é: o que aparece é bom, o que é bom aparece” (Debord, 2003, p. 17, grifo do autor), já que o mesmo acontece em frente a catedral metropolitana, coração pulsante de uma sociedade católica.

No caso, nesse “des-endereçamento”, não era a aids que era boa, mas a informação. Pois ela já havia passado pelas bençãos da Igreja de Roma, já havia sido filtrada para ser bem aceita e nem *estimular* o que pudesse ferir os bons costumes. Na praça pública, discurso tinha ganhado forma, era palpável. Na verdade, ficou “muito abstrato separar os rituais da palavra, as sociedades do discurso, os grupos doutrinários e as apropriações sociais” (Foucault, 1999, p. 44). Porque, “as coisas em si raramente – talvez nunca – têm um significado único, fixo e inalterável” (Hall, 2016, p. 20)

Vale lembrar que, apesar do texto da página 05 evocar que o “Dia Mundial de Combate a Aids é realizado todos os anos”, 1988 foi o primeiro em que a data foi comemorada por uma iniciativa da ONU. Ou seja, a imprensa sergipana estava cobrindo o primeiro evento de outros que viriam a acontecer. Visto que, segundo a Biblioteca Virtual em Saúde³¹, da Secretaria da Saúde, a data foi uma resposta de uma manifestação de 200 mil pessoas em Washington (EUA) em 1987 enquanto acontecia a 3ª Conferência Internacional de Aids. Assim, no ano seguinte, a ONU instituiu 1º de dezembro como a data oficial porque foi nesta em que completaria 05 anos da descoberta do vírus, causador da aids, o HIV.

É importante salientar que no trajeto cultural, como observou Oliveira (2009), o calendário é um artefato social. “E, a partir daí, selecionam-se as principais datas que precisam ser lembradas, memorizadas através da prática de suas comemorações” (Oliveira, 2009, p. 01). Assim, através das representações descritas por Hall (2016) em seu Circuito da Cultura que geram sentido, aquela comemoração, ao juntar discurso médico com o religioso, mesmo que de forma repressora ao tratar de relações sexuais (Foucault 1999), e a classe artística, não estava gerando um novo currículo, mas alargando-o. Pois, “na vida cultural de uma sociedade, as datas comemorativas carregam contextos [...]. Circunscrevem efemérides, conquistas de direitos, sendo também criadas como marcos de lutas e resistências de determinados grupos” (Santo; Pereira, 2018, p. 2014).

³¹ MINISTÉRIO DA SAÚDE. “Acabar com as desigualdades. Acabar com a Aids. Acabar com as pandemias”: 01/12 – Dia Mundial de Luta Contra a Aids. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/acabar-com-as-desigualdades-acabar-com-a-aids-acabar-com-as-pandemias-01-12-dia-mundial-de-luta-contra-a-aids/>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2025.

5 OITO ANOS DEPOIS

Nestas considerações finais, é preciso revelar que depois de oito anos, a vacina para combater a aids presente na fala esperançosa do coordenador da Campanha preventiva em Sergipe, não foi produzida. Spink e Carvalheiro (2002), sinalizam que o Brasil só implantaria um Plano Nacional de Vacinas Anti-HIV em 1992 e a partir de 1996 o movimento se intensificaria com o apoio do *International Aids Vaccine Initiative* (IAVI), originando em outros países buscas próprias para um mal ainda sem cura, o que para estes autores, eram movimentos altruístas. Porque, “o altruísmo, nesses estudos, estava associado ao compromisso com a busca de solução para uma epidemia considerada ameaçadora, postura esta que colocava os benefícios coletivos acima dos possíveis riscos individuais” (Spink; Carvalheiro, 2002, p. 86). Por isso, é pertinente a pergunta de Marques (2013): “É possível uma vacina para aids?”. Sendo a autora minuciosa ao realizar uma classificação e estrutura do HIV, ela destaca alguns impedimentos para a produção de uma vacina: “a capacidade da resposta imune ser lenta, a falta de conhecimento a respeito das reações desencadeadas diante da presença do vírus capaz de neutralizá-lo e a grande variabilidade do HIV” (Marques, 2013, p. 31).

É, também, somente na década de 90 que se popularizará a cor vermelha para representar o combate e a conscientização ao HIV. Segundo a UNAIDS³², a escolha da cor partiu de um grupo de artistas norte-americanos que se inspiraram na fita amarela colocada nos soldados que haviam participado da Guerra do Golfo (1990 – 1991). Já o vermelho, além de lembrar o sangue, recorda, conforme os artistas, a paixão e o amor.

A aids, por desde cedo ter demonstrado não ter cura, por ter sido considerada exótica em seus primeiros anos nos noticiários sergipanos, por ter sido vista como o “mal do outro”, descortinou “a fragilidade do homem primitivo frente à natureza, às doenças e às demais dificuldades de sua existência tornava-o carente do sobrenatural, como forma de proteção em meio a um cenário tão adverso” (Aguiar, 2010, p. 08 *apud* Gewehr *et al*, 2017, p. 33). Nisto, uma possível vacina antes do novo milênio iniciar simbolizava que este nasceria de forma imaculada. Mas tudo não passava apenas de uma esperança construída desde o século XIX por conta da vacina contra a Sífilis e depois da Varíola, segundo Lopes (1996), ao estudar a simbologia das vacinas, que estaria criando imagens

³² UNAIDS. Use sua fita vermelha neste Dia Mundial da Aids. Disponível em: <https://www.unaids.org/en/resources/presscentre/featurestories/2006/november/20061130redribbonen>. Acesso em: 09 de junho de 2025.

na mente da sociedade de que seria possível a criação de um “antídoto” também para aquela “peste” ou para qualquer outra que pudesse surgir. Mas, a mácula continuaria, pois “a estratégia usada no combate se *transformava* em sentido da história. O grupo vencido *pertencia* a um passado que *insistia* em existir no presente” (Lopes, 1996, p. 73, grifo do autor).

A imprensa sergipana em 1983 exibiu seu fetichismo pela “peste” exótica, que acometia em sua maioria homossexuais, de formas distintas, mesmo que discutidas poucas vezes, como vimos. Naquele cenário conturbado e incerto, as informações norte-americanas marcavam as páginas sergipanas como garantias discursivas, de dados concretos. Fato que vai ser prolongado por mais tempo nos impressos.

A mudança do discurso vai acontecer em 1987, quando a doença é notificada e noticiada no estado. É interessante ressaltar a particularidade deste momento: a imprensa local se privilegiou do tempo, assim como o próprio governo. Sendo que o estado passou quatro anos recebendo essas notícias de outras partes do país e do mundo. Porque, como foi evidenciado, a aids não foi igual em todo o Brasil, ela se apresentou como um mal multifacetado e com diversas representações (Hall, 2016): desde o câncer gay, a doença vinda da África, o risco dos centros de hemoterapia e perpassando a repressão sexual (Foucault 1987; 1988). Incluindo também as classes sociais distintas, como foi mostrado na reportagem sobre a prostituição

Para Teodorescu e Teixeira (2003) essa “espera” da doença que chegaria, já havia impulsionado um alarme sensorial na Secretaria da Saúde do Estado para quando o primeiro caso fosse notificado. O que de fato aconteceu, como mostrado na primeira reportagem daquele ano que informa a definição de uma ala para o atendimento de pessoas com aids no Hospital de Urgência de Sergipe (HUSE). O que acarretaria, naquele mesmo período em campanhas tímidas sobre a doença com base na disseminação de informações até então consideradas “confiáveis” para a população.

Em 1988, a imprensa vai desenhar um novo currículo para a doença. As propagandas tanto do Governo Federal quanto locais ganham destaque e a própria imprensa tenta ajudar, na maioria das edições, na distribuição de informações não fantasiosas ao reproduzirem falas do então coordenador do Programa de DST/Aids. Consolidando, assim, o início da adoção de estratégias locais de explanação e orientação sobre a doença em diferentes locais: quartéis, presídios, escolas, clubes de futebol e

pontos de prostituição da capital. Naquele ano, “foi criada oficialmente a Gerência de Aids de Sergipe [e] o Hospital de Urgência foi designado referência oficial [...]. A coordenação atendia no ambulatório e oferecia aconselhamento às pessoas que se submetiam ao teste” (Teodorescu; Teixeira, 2003, p. 275, grifos do autor). Porém, vale salientar que esta Gerência não foi informada nos impressos analisados.

O ano de 1989 passou a simbolizar o início de uma nova era, conforme verificado no Jornal de Sergipe. Se o ano anterior havia sido marcado pelo combate enérgico contra a aids, neste a doença foi tratada, quase de formar generalizada, como dados epidemiológicos (Tabela 01), porque haviam outros espetáculos esperando serem vistos, contemplados. Porque “a sociedade do espetáculo é uma formulação que escolhe o seu próprio conteúdo técnico. O espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos meios de comunicação de massa [...] está longe da neutralidade” (Debord, 2003, p. 21-22, grifo do autor). A propaganda do Governo que orientava, anteriormente, sobre o uso de preservativos foi trocada por outra sobre a paralisia infantil estampando o rosto da cantora, apresentadora e atriz Xuxa Meneghel. A meningite ganhou as capas e outras páginas pelo risco que oferecia a população. Ayrton Senna aparecia cada vez mais sorridente nas fotos ao conquistar prêmios da Fórmula 1 e Fernando Collor aparentava, cada vez mais, ser um artista norte-americano: cabelo liso caindo na testa, ombros largos e postura confiante. Uma representação bem elaborada, visto que no final de 1989, o Brasil fervilhava com as primeiras eleições diretas para presidente depois de 29 anos sem a população escolher seus próprios representantes por consequência do regime ditatorial instaurado pelos militares. A aids ainda aparecia, mas não com a mesma potência de antes, agora quando mencionada, reduzia-se a baixa procura de camisinhas e as notificações de mortes por consequência dela. Sem contar que já noticiavam outro “mal do século”: a candidíase.

Outro assunto que reverberava nos discursos jornalísticos em 89 foi o cantor Cazusa ter revelado estar com HIV. Já em dezembro daquele ano, o Dia Mundial ao Combate a Aids não foi noticiado. E depois do país ter elegido Collor no segundo turno das eleições, o Jornal, no dia 31, entrevistou três clarividentes de religiões de matriz africana para saber o que esperar da década de 90, e ao serem questionadas se a aids teria alguma cura na nova década, a primeira afirmava que seria um tempo de grandes avanços devido as precauções da população. As outras duas disseram que não havia evidência da

aparição de “nenhum soro” que combateria a doença. Por fim, naquela mesma edição, uma notícia resumia aquele ano: “para os sergipanos, 89 foi um ano de sacrifícios”.

Diante do que foi mostrado, é interessante notar que, apesar do trabalho se apegar ao termo currículo, mais especificamente ao seu significado etimológico, *trajeto*, que nos permitiu enxergá-lo além de um documento que instruisse uma educação escolar, ele não ofereceu um caminho linear. Ao contrário, mostrou-se como um sistema nervoso complexo, diverso. Sendo que a pesquisa pós-estruturalista “é decididamente, interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes” (Peters, 2000, p. 29).

Assim, o fetichismo tão presente em todo o trabalho, a *coisa feita* descrita por Silva (2001), estava lançada nas páginas dos impressos aracajuano. Ora exprimida em colunas pequenas, nos cantos, ora estampando as capas ou ocupando toda a folha. Mas o fetiche pela “peste gay” estava lá. Afinal, como este autor já abordou, por mais que o assunto gerasse repugnância aos bons costumes, havia a curiosidade sobre.

Analisar os periódicos como currículos não-escolares possibilitou uma apreciação minuciosa e descentralizada. Ao perpassar por contextos históricos, o que parecia simbolizar uma narrativa indefesa, mostrava-se carregada de representações, conforme alertou Hall (2016) e Foucault (1999). O que acarretava logo em seguida em perceber imagens desenhadas por uma repetição de poder que geravam outras imagens e consequentemente novas narrativas (Deleuze, 1992). Por isso, na cenografia orquestrada do poder percebida por Butler (2019), a imprensa sergipana cumpriu seu papel na década de 80: o espetáculo estava pronto para ser mostrado, e ela o fez.

Mas, o que os currículos culturais ao longo do tempo fizeram com a representação da aids em Sergipe? A transformaram, moldaram, conforme as narrativas da própria síndrome clínica. Nisto, fica difícil entender se foram os periódicos que narraram o caminho da aids ou se ela que se fez mostrar pelo seu próprio poder de representação. Porque, como a primeira doença da mídia (Spink *et al*, 2001), o jornal impresso aracajuano, assim como outros meios de comunicação que não foram o foco desta pesquisa, precisou lidar com o desconhecido, procurar e mostrar culpados (Nascimento; Gouvêa, 2006), já que a infecção era mais rápida do que a própria informação em uma sociedade que seleciona seus espetáculos (Debord, 2003) e procura por respostas.

Acostumada a gravar e criar imagens desde a primeira infância para falar ou discursar (Ferreiro, 2011), a população começou a desenhar, com base nos textos jornalísticos, um corpo para a doença exótica. Rabiscos primitivos que talvez nem possamos julgar por começarem a ser explícitos naquele momento se os mesmos já haviam sido feitos há tempos no imaginário social. Assim, a homossexualidade, foco daquele momento da infecção, imagem até então ocultada, passava pela obrigação do aparecimento. Porque “as coisas murmuram, de antemão, um sentido que nossa linguagem precisa apenas fazer manifestar-se; e esta linguagem, desde seu projeto mais rudimentar, nos falaria já de um ser do qual seria como a nervura” (Foucault, 1971, p. 48).

Em vista disso, as imagens ou discursos foram mudando conforme as descobertas científicas avançavam e a linguagem médica se tornava menos culposa. Na verdade, “entendemos o mundo ao nos referirmos a objetos individuais, pessoas ou eventos em nossa cabeça por meio de um regime geral de classificação em que – de acordo com a nossa cultura – eles se encaixam” (Hall, 2016, p. 190). E a aids começava a se encaixar, já que só havia especulações de uma possível cura, porque ela não sumiria, sua representação precisava conviver em sociedade como uma pessoa recém-chegada. Nisto, criou-se o dia mundial ao combate, reestruturaram campanhas combativas de acordo com normas religiosas e sociais, escancarou o debate sobre sexualidade, “des-endereçaram” seu lugar de fala, mudaram seu rosto.

No trajeto da aids em Aracaju pelas vias dos jornais impressos da capital desde 1983, período das primeiras representações midiáticas até o início da adoção de estratégias locais de explanação e orientação sobre a doença, em 1988, precisou-se aprender. Era a educação o tempo todo – não a institucional, mas aquela notícia, a fofoca, o *feitiço* – criando essas tramas complexas, nervuras diversas, ligando pessoas, lugares e contextos. A que emaranhou a minha mãe e a fez verbalizar o que tinha aprendido, como um grito que há muito queria ser solto; a que pairou sobre meu antigo bairro na infância; a mesma que impulsionou Herbert Daniel, o militante armado, a ser uma voz para as pessoas excluídas.

Neste último parágrafo, eu gostaria de ter entregado resultados, aqueles que encerram uma discussão. Mas, ainda sou como a escultura de Carlos Distéfano (1979) na capa da obra de Peters (2000). Flutuo em um mar de representações enquanto, neste momento, percebo outras formas, nervos, desenhos, discursos e poderes sendo feitos,

desfeitos e refeitos sobre a aids. Por isso, considero esta pesquisa apenas o início de uma trama de ligamentos que esperam alguma oportunidade de serem analisados, desestruturados, conhecidos e reconhecidos nesta infinita vontade de saber.

6 ANEXOS

Tabela 01 – Títulos das notícias referentes a aids nos impressos analisados entre 1983 e 1989.

1983		
GAZETA DE SERGIPE	JORNAL DE SERGIPE	JORNAL DA CIDADE
1. “A.I.D.S.”, 02/08, p. 03	1. “Cabelereiro morre de aids”, 05/07, p. 5	1. “Pesquisadores acreditam que o câncer-gay foi trazido da África pelos cubanos”, 28/06, p. 21
1984		
GAZETA DE SERGIPE	JORNAL DE SERGIPE	JORNAL DA CIDADE
Não houve publicações acerca do tema.	Somente o mês de setembro foi digitalizado e não houve notícias relacionadas.	<ol style="list-style-type: none"> 1. “AIDS”, 18/04, p. 16-17 2. “AIDS já tem diagnóstico antecipado”, 01/05, p. 29 3. “Dado passo importante no combate ao câncer-gay”, 12/09, p. 6 4. “Câncer ‘gay’ discutido em simpósio”, 09/10, p. 6 5. “AIDS MATA NA BAHIA”, 17/10, p. 6
1985		
GAZETA DE SERGIPE	JORNAL DE SERGIPE	JORNAL DA CIDADE
Não houve publicações acerca do tema.	Não houve jornais digitalizados.	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Vírus causador da AIDS afeta milhões de pessoas”, 09/04, p. 8 2. “AIDS está se espalhando pela Europa”, 22/06, p. 8 3. “AIDS mata turista argentino em Pequim”, 30/07, p. 80 4. “AIDS ataca em Porto Alegre”, 30/08, p. 6 5. Epidemia de aids ataca estrelas de Hollywood, 03/08, p. 8 6. A síndrome da aids o mal do fim do século, 07-09/09, p.12

		<ol style="list-style-type: none"> 7. Detentos farão exames de identificação da aids, 10/09, p. 7 8. Brasil é o 4º colocado em incidência de aids, 11/09, p. 6 9. Dentistas debaterão a aids, 25/09, p. 6 10. Rock Hudson com aids morre em Beverly Hills, 03/10, p. 8 11. Aids mata mais três pessoas em São Paulo, 09/10, p. 6 12. Secretaria distribui cartilha sobre aids, 11/10, p. 10 13. AIDS, 22/10, p. 13 14. Jornalista fará greve de fome se filme de aids for veiculado, 24-25/11, p. 7 15. Nação africana registra 319 casos de aids em dois anos, 27/12, p. 8
1986		
GAZETA DE SERGIPE	JORNAL DE SERGIPE	JORNAL DA CIDADE
Não houve publicações acerca do tema.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Telefone já informa sobre saúde, 05/01, p. 2 2. Medo da Aids em Sergipe muda hábitos e costumes, 12/01, p. Capa e p. 7 3. (Homossexuais e prostitutas de Aracaju mudam comportamento com medo da aids), 12/01, p. 7 4. AIDS está atacando no Brasil, 21/01, p. 5 5. AIDS: Governo utilizará teste HTLV-3 para detectar o vírus, 22/01, pg. 5 6. AIDS: é preciso esclarecer isso, 23/01, p. 4 	Parou de ser digitalizado

1987		
GAZETA DE SERGIPE	JORNAL DE SERGIPE	JORNAL DA CIDADE
<ol style="list-style-type: none"> 1. Registrado novo caso de aids em Sergipe, 03/02, p. capa 2. Hemose preocupado com os casos de aids em Sergipe, 04/02, p. capa 3. Carnaval: aids pode aumentar em Recife, 06/02, p. 7 4. Aids faz mais uma vítima, 07/06, p. 11 5. SE: Já tem mais um caso de aids, 11/02, p. capa 6. AIDS: campanha começará próxima semana na Bahia, 11/02, p. 11 7. AIDS: campanha será lançada próximos dias, 14/02, p. 11 8. Hemose não tem como fazer exames de aids, 18/02, p. Capa 9. Doentes de aids em SE não têm como fazer tratamento, 18/02, p. Capa 10. Carnaval: descontração pode multiplicar aids, 18/02, p. 15 11. Homossexuais debatem aids, 25/02, p. capa 12. Aids: você precisa saber evitar a doença mais assustadora do século, 25/02, p. 7 13. Igreja faz restrições a campanha contra a aids, 27/02, p. 4 14. Aids: ministro aprova filmes para campanha, 08/03, p. 7 15. Mais três casos de aids em Sergipe, 10/03, p. capa 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Igreja está preocupada com a aids, 03/01, p. 1 2. Aids terá combate sistemático, 08/01, p. 1 3. Psicanalistas querem mudanças na forma de combater aids, 15/01, p. Capa e 07 4. Saúde faz campanha e esclarece aids, 02/02, p. 2 5. Especialista em aids está no Brasil, 04/02, p. Capa 6. Paciente de aids recebe benefícios, 05/02, p. Capa 7. Aids é uma epidemia global, 05/02, pg. 8 8. Saúde alerta população sobre os casos de aids em Aracaju, 07/02, p. Capa (aids em Sergipe) 9. Mesmo com perigo da aids cai venda dos preservativos, 17/02, p. Capa 10. Preservativos em Aracaju, 19/02, p. 02 11. Aids faz reduzir o número de doador, 20/02, p. 02 12. Aids será debatida durante seminário, 21/02, p. 2 13. Campanha preventiva contra aids terá apoio de religiosos, 21/02, p. 2 14. Campanha sobre aids será simples, 23/02, p. 5 15. Campanha contra aids sofre contestação de coordenador, 25/02, p. 2 16. Empresa possui tecnologia para 	<p>Parou de ser digitalizado.</p>

<p>16. Prostituta engana delegado dizendo ser portadora de aids e é liberada da prisão, 12/03, p. capa</p> <p>17. Aids: Brasil ocupa o segundo lugar, 17/03, p. 7</p> <p>18. Portador de aids luta contra a discriminação, 22-23/03, p. 4</p> <p>19. Já são 9 casos de aids em Sergipe, 23/04, p. capa</p> <p>20. AIDS: cuidados e precauções, 10-11/05, p. 9</p> <p>21. AIDS: médico condena sensacionalismo, 08/07, p. 4</p> <p>22. Motéis entram na campanha anti-aids, 09/07, p. capa</p> <p>23. Saúde promove debate sobre aids, 14/07, p. capa</p> <p>24. Educação é a forma de prevenir aids, 19/07, p. 9</p> <p>25. Aidetico é fuzilado por home encapuzado, 21/07, p. capa</p> <p>26. Teste de Aids determinado pelo Ministério da Saúde não está sendo feito em Sergipe, 23/07, p. 4</p> <p>27. Aids e espiritismo, 04/08, p. 3</p> <p>28. Elogios às aulas sobre aids, 04/08, p. 4</p> <p>29. Da vacina contra leucemia felina à cura da aids, 18/08, p. 10</p> <p>30. AIDS: 300 mil pessoas têm vírus e não sabem, 19/08, p. 7</p> <p>31. AIDS: detectado um novo vírus da doença</p>	<p>tratamento da aids, 25/02, p. 12</p> <p>17. O combate da aids chega ao futebol, 27/02, p. 11</p> <p>18. Sergipe já tem 7 casos de aids, 08/03, p. Capa e 03</p> <p>19. Médico diz que homossexual não está sendo perseguido, 11/03, p. 2</p> <p>20. Homossexuais contra campanha nacional, 13/03, p. 02</p> <p>21. Aids não existe para as prostitutas aracajuanas, 15/03, p. 13</p> <p>22. Aids: perplexidade e pânico, 17/03, p. 4</p> <p>23. Paulo e a aids, 31/03, p. 12</p> <p>24. Internos temem que aids os contamine, 03/04, p. 2</p> <p>25. Portadores terá que morrer na cadeia, 03/04, p. 6</p> <p>26. - Hemose fará exame para detectar vírus da aids, 20/05, p. Capa</p> <p>27. Preso com aids pediu o 'habeas', 31/05, p. (capa)</p> <p>28. Ciclo de debates tem início na ASI, 05/06, p. Capa</p> <p>29. Secretaria autoriza técnico a falar sobre a aids, 21/06, p. 3</p> <p>30. Sergipanos com aids, 27/06, p. 07</p> <p>31. Parlamentares vão ficar sem saber da ação contra aids, 28/06, p. Capa e 12</p> <p>32. Quadrilha com aids ataca no Rio, 16/07, p. Capa</p>	
---	--	--

<p>no Porto de Santos, 23-24/08, p. 4</p> <p>32. Aids e o espiritismo, 26/08, p. 3</p> <p>33. Dialogay vai iniciar seus debates sobre doenças sexuais, 04/09, p. 2</p> <p>34. Primeira teleconferência pan-americana sobre a aids, 04/09, p. 2</p> <p>35. Primeira teleconferência pan-americana sobre a aids, 15/09, p. 11</p> <p>36. Cura da aids, 19/09, p. 11</p> <p>37. Cabeleireiro morre de aids em Sergipe, 30/09, p. capa</p> <p>38. Educação sexual (I), 30/09, p. 3</p> <p>39. AZT só com receita médica, 03/10, p. capa</p> <p>40. Governo vai controlar a venda de AZT: AIDS, 03/10, p. 7</p> <p>41. Minissérie “Amargo Amo”, 03/10, p. 09</p> <p>42. Descoberta do novo vírus da aids, 06/10, p. 7</p> <p>43. Educação sexual (II), 07/10, p. 3</p> <p>44. Aumenta preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis, 08/10, p. 9</p> <p>45. Sífilis e outras lesões genitais: a bíblia já fazia advertências, 20/10</p> <p>46. Adolescente brasileiro não sabe distinguir sexo de relação sexual, 01-03/11, p. 2</p>	<p>33. Ratos, aids e fraudes, 19/07, p. 9</p> <p>34. Explicações sobre aids para evitar seu maior contágio, 30/07, p. 8</p> <p>35. Vírus contaminou 3 milhões de brasileiros, 02/08, p. 14</p> <p>36. Proliferação da aids preocupa setores de saúde, 09/08, p. 13</p> <p>37. Informações sobre aids nas escolas, 10/08, p. Capa</p> <p>38. Aids: medo e pânico nas cidades fazem mudar comportamento, 16/08, p. Capa – 08-09/08</p> <p>39. Os adolescentes vão ficar livres da aids, 23/08, p. 7</p> <p>40. Teste detecta aids em poucos momentos, 04/09, p. 6</p> <p>41. Aids é novamente tema de palestra hoje às 20 horas, 05/09, p. 02</p> <p>42. Juizado tenta localização de menor com aids, 06/09, p. Capa</p> <p>43. AZT já pode ser liberado no dia 25, 15/09, p. Capa</p> <p>44. Empresa nacional é privada de fabricar remédio contra aids, 16/09, p. 5</p> <p>45. Itabaiana possui o maior índice de doentes de aids, 18/09, p. 03</p> <p>46. URSS e EUA podem doar recursos de 10% para a aids, 22/09/, p. Capa</p>	
---	---	--

<p>47. Moradores discutem sobre aids, 01-03/11, p. 2</p> <p>48. INAMPS vai importar remédio contra aids, 05/11, p. 6</p> <p>49. O Brasil terá 50 mil casos de aids em 1990, 06/11, p. 7</p> <p>50. Borges quer importar AZT com isenção de impostos, 07/11, p. 7</p> <p>51. O vírus da aids no Brasil foi detectado como HIV I, 07/11, p. 7</p> <p>52. Homossexuais lutam para acabar com a discriminação no País, 08-09/11, p. 2</p> <p>53. Aids no debate no sábado, 25/11, p. 4</p> <p>54. Morre outra vítima da aids em Aracaju, 01/12, p. capa</p>	<p>47. Brasil possui mais de 2 mil casos de aids detectados, 08/10, p. 6</p> <p>48. Aidética desmente ser a transmissora, 25/10, p. 5</p> <p>49. Aids: indignado por ser rejeitado, sapateiro esquarteja mulher, 12/11, pg. 6</p>	
1988		
GAZETA DE SERGIPE	JORNAL DE SERGIPE	JORNAL DA CIDADE
<p>1. Hemose diz que sangue usado em Sergipe não oferece riscos, 10-11/01, p. 4</p> <p>2. Aids: saúde dispensa esquema especial de carnaval, 16/01, p. 2</p> <p>3. Secretaria de Saúde cadastra as prostitutas de Aracaju, 17-18/01, p. Capa</p> <p>4. Aids: camisinha-de-vênus não basta, é preciso mudar de comportamento social, 24/01, p. 09</p> <p>5. Aids: saúde lança campanha, 05/02, p. Capa e 07</p> <p>6. A falta de um esquema contra a aids no carnaval é criticada, 05/02, p. 2</p>	<p>1. Henfil morre e aids faz outra vítima famosa, 05/01, p. Capa</p> <p>2. Aids nas crianças, 05/01, p. 4</p> <p>3. Aids: Secretaria investe forte no controle, 08/01, p. 11</p> <p>4. Cura da aids já pode ser obtida à base de raízes, 08/01, p. 6</p> <p>5. Centro confirma que o beijo na boca pode contrair aids, 15/01, p. 6</p> <p>6. Saúde faz cadastro dos cabarés, 17/01, p. Capa e 11</p> <p>7. Aids e hospital, 19/01, p. 4</p> <p>8. Aids em heterossexual diminui, 21/01, p. 6</p>	<p>Parou de ser digitalizado.</p>

<p>7. Saúde elabora esquema contra a aids durante o carnaval, 06/02, p. 2</p> <p>8. Grupo “dialoguei” promoverá Semana de Debates sobre aids, 06/02, p. 2</p> <p>9. Dialogay suspende camisinhas no carnaval, 09/02, p. 7</p> <p>10. Saúde faz campanha contra aids durante o carnaval, 11/02, p. 2</p> <p>11. Secretário da saúde alerta os foliões para riscos da aids, 13/02, p. Capa</p> <p>12. Aids: campanha da saúde ultrapassa expectativas, 18/02, p. 02</p> <p>13. -Aids: Imunoglobina pode estar contaminada, 02/03, p. Capa</p> <p>14. Aidético carioca paga 20 mil cruzados a parceiros cariocas, 05/03, p. Capa</p> <p>15. Confirmado mais dois casos de aids em SE, 06-07/03, p. Capa – 4</p> <p>16. Jovens missionários Mormons usam bastante hemoderivados e temem contaminação da aids, 06-07/03, p. 4</p> <p>17. Venda de AZT nas farmácias beneficiará a população, 11/03, p. 2</p> <p>18. Aids: Autoridades brasileiras estão muito preocupadas, 11/03, p. 7</p> <p>19. Campanha diz como evitar a aids, 11/03, p. 11</p>	<p>9. Almir fala sobre aids e provas, 28/01, p. 11</p> <p>10. Freiras são interrogadas sobre aids, 30/01, p. 5</p> <p>11. Secretaria da Saúde vai até presídios fazer campanha, 02/02, p. 2</p> <p>12. Aids e hospital, 04/02, p. 04</p> <p>13. Aids: saúde vai prevenir folião contra perigos, 09/02, p. 2</p> <p>14. Aids: alerta geral durante carnaval, 11/02, p. 8</p> <p>15. Aids: Iniciação a campanha para alegria geral, 12/02, p. 2</p> <p>16. Estimativa pessimista sobre aids (SP), 14/02, pg. Capa</p> <p>17. Aids: nos cabarés se vive indiferente ao mal, 21/02, p. Capa – 7-8</p> <p>18. Aids: campanha será mais agressiva? 21/02, p. 9</p> <p>19. Novo teste anti-aids no Paraná, 12/03, p. 6</p> <p>20. Propaganda do governo, 13/03, p. 6</p> <p>21. Aids está aumentando em São Paulo, 18/03, p. 6</p> <p>22. Propaganda do governo, 20/03, p. 12</p> <p>23. Propaganda do governo, 24/03, p. 12</p> <p>24. Propaganda do governo, 26/03, p. 10</p> <p>25. Propaganda do governo, 27/03, p. 14</p> <p>26. Padre morre vítima de pneumonia, mas o povo pensa em aids, 30/03, p. Capa</p> <p>27. Propaganda do governo, 30/03, p. 12</p>	
--	---	--

<p>20. Médico é contra a quebra de sigilo, 16/03, p. 2</p> <p>21. Veronesi reafirma transmissão de aids através de insetos, 17/03, p. 11</p> <p>22. 300 mil já possuem o vírus da aids, 20-21/03, p. Capa</p> <p>23. Estatísticas da aids são alarmantes em SP, 24/03, p. 7</p> <p>24. Aids: governo recusa proposta de exame em detentos (Recife), 29/03, p. 8</p> <p>25. Saúde anuncia duas vítimas de aids, 20/04, p. 2</p> <p>26. Denúncias de casos de aids foi uma das causas da greve no Hospital Cirurgia, 22/04, p. 05</p> <p>27. Aids: população corre perigo: não tem seringas e esterilizador está quebrado no Siqueira Campos, 29/04, p. 5</p> <p>28. Mais de 12 mil mulheres estão com o vírus da aids no Brasil, 30/04, p. 7</p> <p>29. Até o final do ano o Brasil registrará seis mil casos acumulados de aids, 18/04, p. 7</p> <p>30. Alagoas registra 18 casos em apenas 3 meses, 21/04, p. 07</p> <p>31. Medo da aids gera falta de seringas, 24/04, p. 7</p> <p>32. Educação sexual, antes tarde do que nunca, 17/06, p. 9</p> <p>33. Aids: camisinha-de-vênus não basta, é preciso mudar</p>	<p>28. Aids começa a preocupar em Sergipe, 08/04, p. Capa e 02</p> <p>29. Combate à aids revigorado pelos órgãos de saúde pública, 17/03, p. 5</p> <p>30. Aids mata mais 2 pessoas e 300 estão com vírus em nossa capital, 20/04, p. Capa – 12</p> <p>31. Aumenta números de testes em aids, 28/04, p. Capa – 2</p> <p>32. Sete pessoas morreram de aids, 13/05, p. 12</p> <p>33. Aumento a aids na Baixada, 20/05, p. 6</p> <p>34. Secretário satisfeito com medidas, 20/05, p. 10</p> <p>35. Empresários vão debater formas de combater a aids (SP), 24/05, p. 5-6</p> <p>36. Secretaria organiza campanha, 02/06, p. 12</p> <p>37. Menino de 10 anos é contraminado (Recife), 05/06, p. 4</p> <p>38. Testes em BH, 12/06, pg. 17</p> <p>39. Palestra sobre aids no quartel, 17/06, p. 2</p> <p>40. Aids mata mais um faz outra vítima no estado, 28/06, p. Capa - 10</p>	
--	---	--

<p>comportamento social, 24-25/04, p. 9</p> <p>34. Campanha contra aids obtém sucesso, diz Almir, 28/04, p. 2</p> <p>35. A cura da aids, 16/09, p. 3</p> <p>36. Morreu mais uma vítima da aids, 15/11, p. Capa</p> <p>37. Aids, parceiro de prazer e da morte, 10/11, p. 9</p> <p>38. Artistas fazem apresentações pelo dia mundial contra aids, 30/11, p. 2</p> <p>39. Sergipe terá hoje programação do dia mundial de combate a aids, 01/12, p. 2</p> <p>40. A cabeça do aidético, 01/12, p. 9</p> <p>41. Sergipe comemora Dia Mundial de Combate a Aids, 02/12, p. Capa</p> <p>42. Saúde lembra o dia de combate a aids, 02/12, p. 6</p> <p>43. Ministro da saúde lança selo ao dia mundial de combate a aids, 02/12, p. 6</p> <p>44. A epidemia da aids e esperança da vida, 11-12/12</p> <p>45. Por um otimismo realista, 11-12/12, p. 6</p> <p>46. Morre mais uma vítima de aids no João Alves, 27/12, p. 2</p>		
1989		
GAZETA DE SERGIPE	JORNAL DE SERGIPE	JORNAL DA CIDADE
Não foi consultado.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aids já matou 17 pessoas, 01/07, p. capa e 02 2. Artistas ajudam vítimas de aids, 01/08, p. 10 	Parou de ser digitalizado.

	<ol style="list-style-type: none">3. Cresce número de doadores mesmo com aumento da aids, 01/08, p. 144. Aids: cresce número de casos em Sergipe, 002/08, p. 075. Médico faz palestra sobre aids, 03/08, p. 076. Governo se preocupa com aids, 08/08, p. 077. São Paulo já tem mais de 3 mil mortos pela aids, 15/08, p. 088. Mil pessoas já portam o vírus da aids no Estado, 26/08, p. capa9. Aracajuano não está comprando camisinha, 27/08, p. 0710. Nomes de “aidéticos” serão sigilo absoluto, 30/08, p. 0211. Estáveis os casos de aids: cresce a venda de camisinhas, 12/09, p. 0212. Cazuzo: viver é sempre bom, 13/09, p. 0813. Aids: nova campanha de esclarecimento, 15/09, p. 1714. Exército não quer portadores de aids em seus quadros, 23/09, p. 1015. Silvininho morre de aids, 07/10, p. 0616. Sesi inicia treinamento DST/Aids, 17/10, p. 0617. Vítima de aids agoniza em hospital (RJ), 02/12, p. 0518. Vendas de camisinhas cada vez mais fracas, 10/12, p. 1519. Capitalismo aidético, 21/12, p. 0420. Em Sergipe já há falta de leitos, 30/12, p. 12	
--	--	--

	21. As previsões para 1990, 31/12, p. 07 22. Violência e aids assustam população, 31/12, p. 20	
--	--	--

Fonte: Elaboração Própria.

Tabela 02 – Diretrizes de terminologias para serem utilizadas na resposta global ao HIV.

TERMOS A SE EVITAR	TERMOS RECOMENDADOS
HIV/aids; HIV e aids	Sempre que possível, utilize o termo mais específico e apropriado para o contexto a fim de evitar confusão entre o HIV (um vírus) e a aids (uma síndrome clínica). Exemplos de termos incluem ‘pessoas vivendo com HIV’, ‘prevalência do HIV’, ‘prevenção do HIV’, ‘testagem e aconselhamento em HIV’, ‘doença relacionada ao HIV’, ‘diagnóstico de aids’, ‘prevalência de aids’, ‘crianças órfãs pela aids’, ‘resposta à aids’, ‘Programa Nacional de Aids’, ‘ONG/Aids’, ‘morte por complicações da aids’. Tanto o termo ‘epidemia do HIV’ quanto o termo ‘epidemia da aids’ são aceitáveis. No entanto, o termo ‘epidemia do HIV’ é mais inclusivo.
Vírus da aids	Não existe o vírus da AIDS. O vírus que causa a aids é o vírus da imunodeficiência humana (HIV). Note que a palavra ‘vírus’ na frase ‘vírus do HIV’ é redundante. Utilize apenas ‘HIV’.
Aidético	Jamais utilize este termo. Além de incorreto, é estigmatizante e ofensivo. Prefira “pessoa vivendo com HIV”, pessoa soropositiva, HIV positiva ou positiva.
Infectado com aids	Ninguém é infectado com aids; A aids não é um agente infeccioso. O termo AIDS descreve uma síndrome de infecções e doenças oportunistas que podem se desenvolver à medida que a imunossupressão aumentar durante a evolução da infecção pelo HIV, da infecção aguda até a morte. Evite o termo ‘infectado com HIV’ e prefira pessoa vivendo com HIV ou pessoa HIV positiva (no caso de saber o estado sorológico).
Teste da aids	Não existe um teste para aids. Utilize o termo teste de HIV ou teste de anticorpos do HIV. Utilizam-se testes de detecção de antígenos em crianças recém-nascidas.
Vítima da aids	Utilize o termo pessoa vivendo com HIV. A palavra ‘vítima’ desempodera e estigmatiza. Utilize a palavra aids apenas ao se referir a uma pessoa com diagnóstico clínico de aids. É aconselhável dizer que a pessoa foi acometida por infecções ou doenças oportunistas decorrentes da síndrome da aids.
Paciente de aids	Utilize o termo ‘paciente’ apenas ao se referir a um contexto clínico. Neste caso, utilize paciente com doença relacionada ao HIV porque abrange toda a gama de condições clínicas associadas ao HIV/ VIH.
Risco de aids	Utilize ‘risco de infecção pelo HIV’ ou ‘risco de exposição ao HIV’ (a não ser que esteja se referindo a comportamentos ou condições que aumentam o risco da evolução da doença em uma pessoa HIV positiva).

Fonte: <https://unaids.org.br/terminologia/>

7 REFERÊNCIAS

ABREU, Clara Leitão. **Amor que se vende, amor que se compra: representação do amor e imaginário amoroso na publicidade brasileira do Dia dos Namorados de 2015**. Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGUIAR, E. Medicina: uma viagem ao longo do tempo. Domínio público, 2010. *In*: Gewehr, R. B.; Baêta, J.; Gomes, E.; Tavares, R. Sobre as práticas tradicionais de cura: subjetividade e objetivação nas propostas terapêuticas contemporâneas. **Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**, volume 28, número 1, 33-43, 2017.

ALMEIDA, J. M.; de OLIVEIRA, A. M. O PODER DA PALAVRA: Linguagem, Ideologia e Educação. **Revista Húmus**, 6(16). 2016.

ANTICO, Thaís. A era de ouro da propaganda: um olhar analítico sobre as mudanças ocorridas nos anúncios brasileiros nos anos 80. **Anais do Conic-Semesp**. Volume 1, Faculdade Anhanguera de Campinas - Unidade 3, 2013.

BACON, F. *Novum Organum*. *In*: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Citado por: BATISTA, Josiel de Oliveira; MOCROSKY, Luciane Ferreira; MONDINI, Fabiane. Sujeito e objeto na produção do conhecimento científico. **ACTIO**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 44-59, out./dez. 2017.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Masculinidade e seus outros nos estádios de futebol. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2021.

BATISTA, Josiel de Oliveira; MOCROSKY, Luciane Ferreira; MONDINI, Fabiane. Sujeito e objeto na produção do conhecimento científico. **ACTIO**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 44-59, out./dez. 2017.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. *In*: LEMES, Luiz Fernando Rodrigues; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Homofobia e heteronormatividade masculina no futebol: comentários na página d'O Popular no Facebook sobre time homossexual. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Joinville - SC – 2, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANCO, R. Medicina e saúde em o Nascimento da Clínica de Michel Foucault. – Belo Horizonte, **Sapere Aude**, v. 12 – n. 23, p. 102-113, Jan./Jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude-recebe-mais-4-1-milhoes-de-doses-de-vacinas-covid-19-da-fiocruz/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/ist>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

BRÍGIDO, Edimar Inocêncio. Michel Foucault: Uma Análise do Poder. **Rev. Direito Econ. Socioambiental**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 56-75, jan./jun. 2013.

Brito, A. M.; CASTILHO, E. A. de; Szwarcwald, C. L. Aids e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, 34(2): 207-217, mar-abr, 2000.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. 1 ed. São Paulo: 2019.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. **Revista de Estudos da Religião**, dezembro, 2008.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6.ed. rev. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARVALHO, Rosângela Tenório de. A alma feminina em santinhos católicos. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 27, n. 61, p. 205-226, set./dez. 2022.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 2, n. 02, 2012.

CORREIA, Bruna de Albuquerque. **Cobertura jornalística sobre o HIV/aids: um estudo discursivo das notícias no portal TNH1**. Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2020.

COSTA, Ângelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. Homofobia e Preconceito contra Diversidade Sexual: Debate Conceitual. **Temas em Psicologia** – Vol. 23, nº 3, 715-726, 2015.

DANFÁ, L., SANTOS ALÉSSIO, R. L. dos, SOUZA SANTOS, M. de F. de; CARNEIRO DE MORAIS, E. R. Preconceito e descontextualização normativa: considerações metodológicas ilustradas pelas representações sobre AIDS na África e Africano. **Psychologica**, 60(2), 83-99, 2017.

DANTAS, Ibarê. A Tutela Militar em Sergipe, 1964/84: partidos e eleições num estado Autoritário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. *In*: REIS, Carla Darlem Silva dos. *Gazeta De Sergipe: “Gazeta Combativa”?* (1959-1968). **Revista Crítica Histórica**. Ano V, nº 10, dezembro, 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo (1931-1994)**. Projeto Periferia, 2003. E-book.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992. *In*: PARAÍSO, Marlucy Alves. *Composições curriculares: culturas e imagens que fazemos e que nos fazem*. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.9, n. esp., p.108-125, out. 2008.

DELEUZE, Guilles. **Conversações, 1972-1995**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DREIFUSS, R. A.; DULCI, O.S. As forças armadas e a política. *In*: SORJ, B., and ALMEIDA, MHT., orgs. **Sociedade e política no Brasil pós-64** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

FERNANDES, Maria De Fátima Alves. **Hemovigilância: análise das informações disponíveis para sua implantação, de acordo com a (re)investigação de casos de aids associados à transfusão**. São Paulo; [Dissertação de Mestrado – Faculdade de Saúde Pública da USP], 2001.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26 Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FONSECA, Thales. O estruturalismo e algumas de suas vicissitudes: política e sujeito. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 32, n. 2, p. 387 – 409, mai-ago, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forence-Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Revista Eco-Pós**, 7(2), 2009.

FRY, P; MACRAE, E. O que é homossexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. *In*: PEREIRA, Diogo Fagundes. Homossexualidade em cena: da naturalidade ao preconceito. Revisitando a produção científica nacional. **Revista Eletrônica da Graduação/Pós-Graduação em Educação – Itinerarius Reflectionis**. Volume 13, número 2, 2017.

GAUSSET, Q. AIDS and cultural practices in Africa: the case of the Tonga (Zambia). *Social Science & Medicine*, 52(4), 509–518, 2001. *In*: SOVRAN, Steven. Understanding culture and HIV/AIDS in sub-Saharan Africa. **Journal of Social Aspects of HIV/AIDS**, vol. 10 N°. 1 mar., 2013.

GEWEHR, R. B.; BAÊTA, J.; GOMES, E.; TAVARES, R. Sobre as práticas tradicionais de cura: subjetividade e objetivação nas propostas terapêuticas contemporâneas. **Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**, volume 28, número 1, 33-43, 2017.

GIAROLA, Flávio Raimundo. Novo Século, Novo Milênio. Intelectuais e representações do futuro na passagem do século XX para o XXI. **Revista de Teoria da História**, 25|2, 2022.

- GÓES, José Cristian. **JORNALISMO E SENSACIONALISMO: Enquadramento, criminalização da pobreza e implicações éticas no Jornal Cinform**. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.
- GOMES JÚNIOR, Lázaro Moreira. Gênero, sexualidades e liminaridades no futebol. **5º Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais, UFG**, 2019.
- GOSSEL, Daniel, Tabloid Journalism. **The Editors of Encyclopaedia Britannica**. Jan 22, 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/tabloid-journalism>. Acesso em: 15 de março de 2025.
- GREEN, James N. **Revolucionário e gay: A extraordinária vida de Herbert Daniel – Pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão**. 1º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- ITUASSU, Arthur. 2016. Prefácio. *In*: HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LAMAS, D. R. M.; CONDÉ, P. P.; MOLLICA, A. M. V.; OLIVEIRA, C. A. F. GARATUJAS: considerações sobre a importância da interpretação dos desenhos na Educação Infantil. **Revista Científica UNIFAGOC – Multidisciplinar: Volume VII**, n. 2, 2022.
- LEITE, Kelma Lima Cardoso. O que fez da AIDS a peste atemorizante do século XX? Uma análise das implicações simbólicas. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 14, n. 41, p. 159-169, ago. 2015.
- LEMES, Luiz Fernando Rodrigues; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Homofobia e heteronormatividade masculina no futebol: comentários na página d'O Popular no Facebook sobre time homossexual. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2**, 2018.
- LOPES, Myriam Bahia. O sentido da vacina ou quando o prever é um dever. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, III (1): 65-79, Mar-Jun. 1996.
- MARQUES, M. C. da C. Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. 9 (suplemento): 41-65, 2002.
- MELLO, Gustavo Moura de Cavalcanti. Pós-Modernismo: entre a Crítica e a Ideologia. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 39, n. 1, p. 233-258, Jan./Mar., 2016.
- MENDES, Cristiano. Pós-estruturalismo e a crítica como repetição. **Revista Brasileira De Ciências Sociais - VOL. 30 N° 88**, 2015.

MESSA, Gedeon Eloeno Rodrigues; VINHAS, Luciana Iost. Ser portador de HIV/AIDS é ser homossexual masculino? O pré-construído nos processos de significação. **Dossiê Especial “Discurso, Gênero, Resistência”**. Leitura, Maceió, n. 69, mai./ago. 2021.

MONTECIO, Gabriela Alencar; ROSA, Marcelo Victor Da. “Aqui reina o respeito, mas...”: as dimensões pedagógicas do aplicativo Grindr em Campo Grande, MS. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 27, n. 61, p. 141-164, set./dez. 2022.

MOURA, Juliana Martins. RAÍZES DA BELEZA: Cabelo como símbolo de representação cultural na sociedade de consumo. **Centro Universitário De Brasília – UniCEUB**. Brasília, maio de 2007.

MOURA, Luciana Melo de; SHIMIZU, Helena Eri. Representações sociais de saúde-doença de conselheiros municipais de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 27 [1]: 103-125, 2017.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; GOUVÊA, George. O signo da culpa na história das doenças. ‘Usos do Passado’ — **XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ**, 2006.

NICHIATA, L.Y. I.; SHIMA, H. Sistema de informação em AIDS: limite s e possibilidades. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 33, n.3, p. 305-12, set. 1999.

NICHIATA, L.Y.I. Epidemia da AIDS: os (des)caminhos da informação. São Paulo, 1995. 109 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo. In: NICHIATA, L.Y. I.; SHIMA, H. Sistema de informação em AIDS: limite s e possibilidades. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 33, n.3, p. 305-12, set. 1999.

OLIVEIRA, Danilo A. de; Sales, SHIRLEI Rezende. Pedagogia do erotismo no currículo bareback: a transgressão às normas do uso do preservativo nos vídeos pornôs. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 27, n. 61, p. 117-139, set./dez. 2022.

OLIVEIRA, Danilo Araújo de; FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Currículos culturais não escolares: sobre um campo em constante expansão, invenção e criação para afirmação da vida. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 27, n. 61, p. 3-12, set./dez. 2022.

OLIVEIRA, Romilton Batista de. A comemoração de datas histórico-culturais e religiosas na escola: um lugar de memória e de representações. **II Seminário Anual de Ciências Sociais da Uesc**, 2009.

PACKARD, R.M.; EPSTEIN, P. Epidemiologists, social scientists, and the structure of medical research on AIDS in Africa. *Social Science & Medicine*, 33(7), 771 –783, 1991. In: SOVRAN, Steven. Understanding culture and HIV/AIDS in sub-Saharan Africa. **Journal of Social Aspects of HIV/AIDS**, vol. 10 N°. 1 mar., 2013.

PAIVA, V. S. F.; FERRARA, A. P; ODARA, M., PARKER, R. Enfrentamento Religioso e Política: As Lições da Resposta à Aids. **Temas em Psicologia** – Vol. 21, nº 3, 883-902, 2013

PARAÍSO, Marlucy Alves. Composições curriculares: culturas e imagens que fazemos e que nos fazem. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.9, n. esp., p.108-125, out. 2008.

PEIXOTO, Fernanda. Os anos 80, o novo jornalista e a imprensa no Brasil. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 3, n. 4, 2008.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIAGET, Jean. A Linguagem e o Pensamento da Criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. In: PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIMENTEL-JÚNIOR, Clívio. Cidadania nas políticas de currículo da educação em ciências: conduta padrão, diferença e hospitalidade incondicional. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 34, n. 68, p. e56[2024], 2024.

PIMENTEL-JUNIOR, Clívio. Desconstrução de Fundamentos Educacionais, Hiperpolitização e Hegemonia: implicações da teoria do discurso nos estudos curriculares. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 1–14, 2022.

PIMENTEL-JÚNIOR, Clívio. Deslocamentos Discursivos e as Competências das Ciências da Natureza na BNCC: contingência, precariedade e a impossibilidade de um “todos” para o currículo. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 14, n. Especial, p. 1–13, 2021.

PIMENTEL-JÚNIOR, Clívio. Os Objetos de Conhecimento Podem Errar De Endereço? destinerâncias curriculares e cidadania por vir. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. e71709, 2025.

PIMENTEL-JUNIOR, Clívio. Política padrão, currículo e ensino de biologia: quais caminhos para a diferença? **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 16, n. nesp.1, p. 649–669, 2023

PIMENTEL-JÚNIOR, Clívio; CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito. Pesquisa (Auto)Biográfica em Chave Pós-estrutural: conversas com Judith Butler. **Práxis Educativa**, v. 12, n. 1, p. 203-222, jan/abr, 2017.

PINTO, Maria Aparecida. Os precursores do jornalismo de celebridades e suas adjetivações: entre perfis, muckrakers, sob sisters e colunistas sociais. **Revista Discente**, CPDOC | FGV, Mosaico, Volume 7, Número 10, 2016.

PINTO, Maurício Rodrigues. Torcidas livres e queer em campo: Sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. Março, 2018. Citado por: GOMES JÚNIOR, Lázaro Moreira. Gênero, sexualidades e liminaridades no futebol. **5º Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais**, UFG, 2019.

PROETTI, Sidney. Importância dos espectadores, como formadores de audiência, em relação às suas expectativas. **Revista Lumen**, Nº 2, São Paulo Novembro, 2016.

REIS, Carla Darlem Silva dos. Gazeta De Sergipe: “Gazeta Combativa”? (1959-1968). **Revista Crítica Histórica**. Ano V, nº 10, dezembro, 2014.

ROSA, Tiago Barros. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

SÁ, Geraldo Ribeiro de. O Presídio: um percurso entre o passado e o presente. **Revista Interdisciplinar Do Direito** - Faculdade De Direito De Valença, 11(2), 2017.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Rev. Estud. Fem.** vol.09, n.01, 2001.

SANTOS, Janderson Saulo Dos. **O “Jornal De Sergipe” (1879 A 1882): Aspectos Políticos Provincias No Século XIX**. Monografia, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2022.

SANTOS, JP.; BERNARDES, NMG. Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas. In ZANELLA, AV., et al., org. **Psicologia e práticas sociais** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

SANTOS, N.J.S. As mulheres e a AIDS. 243 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. In: NICHATA, L.Y. I.; SHIMA, H. Sistema de informação em AIDS: limites e possibilidades. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 33, n.3, p. 305-12, set. 1999.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do Imperador - D. Pedro II um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEIDL, Ernesto. A formação de um Exército à brasileira: lutas corporativas e adaptação institucional. **Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho**, vol. 29, núm. 2, São Paulo, 2010.

SILVA, Anderson Moraes de Castro e. Do império à República considerações sobre a aplicação da pena de prisão na sociedade brasileira. **Revista EPOS**; Rio de Janeiro – RJ; Vol.3, nº 1, janeiro-junho de 2012.

SILVA, Fábio Ronaldo; GUEDES, Raquel da Silva. A mídia impressa e a construção narrativa sobre a AIDS no Brasil no final do século XX: Uma relação perigosa. **Rev. C&Trópico**, v. 44, n. 1, p. 143-162, 2020.

SILVA, Isabela Lapa; SILVA, Viviane Rufino da. Breve panorama histórico e introdutório da análise crítica do discurso. **Revista Ao Pé Da Letra** - Volume 19.1, 2017.

SILVA, R. S.; ARAÚJO, L. F.; CASTRO, J. L. C. Representações sociais da privação de liberdade: uma análise prototípica entre usuários do sistema penitenciário. **Actualidades en Psicología, Universidad de Costa Rica**, 37(135), julho-dezembro, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. Toledo: Editora Fasul, 2016.

SODRÉ, M. Gente boa e gente fina. *In*: Observatório de Imprensa. 26/08/2003. Ed. 239. Citado por: PINTO, Maria Aparecida. Os precursores do jornalismo de celebridades e suas adjetivações: entre perfis, muckrakers, sob sisters e colunistas sociais. **Revista Discente, CPDOC | FGV, Mosaico**, Volume 7, Número 10, 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. Ed. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

SOUZA, R. M. O cavalheiro e o canalha: Maneco Müller, Walter Winchell e o apogeu dos colunistas sociais após a Segunda Guerra Mundial. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. *In*: PINTO, Maria Aparecida. Os precursores do jornalismo de celebridades e suas adjetivações: entre perfis, muckrakers, sob sisters e colunistas sociais. **Revista Discente, CPDOC | FGV, Mosaico**, Volume 7, Número 10, 2016.

SOVRAN, Steven. Understanding culture and HIV/AIDS in sub-Saharan Africa. **Journal of Social Aspects of HIV/AIDS**, vol. 10 N°. 1 mar., 2013.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B.; MENEGON, V. M.; LYRA, J.; LIMA, H.; A construção da AIDS-notícia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 17(4):851-862, julho, 2001.

SPINK, Mary Jane P.; CARVALHEIRO, José da Rocha. Os múltiplos sentidos das vacinas para a aids. **Psicologia USP**, Vol. 13, N°.1, 79-10, 2002.

ST. PIERRE, Elizabeth. A. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós-investigação”. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 1044–1064, 2018.

TAVEIROS, Nicolas de Souza Lima. **O conceber dos corpos de Carnaval: uma análise sobre identidade e performatividade**. Universidade De São Paulo, Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização), São Paulo, 2020.

TELES, Eduardo Lopes; SÁ, Antônio Fernando de Araújo. “Cabelo, barba e bigode”: memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007). **Ponta de Lança**, São Cristóvão v.2, n. 3, out. 2008 - abr. 2009.

TEODORESCU, Lindinalva Laurindo; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil, v. 1: as respostas governamentais à epidemia de aids**. Brasília: Ministério

da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015.

TRAJANO FILHO, W.; DIAS, J. B. O Colonialismo Em África E Seus Legados: Classificação E Poder No Ordenamento Da Vida Social. **Anuário Antropológico 40** (2):9-22. 2018.

WYLLYS, J. 2018. Prefácio. *In*: GREEN, James N. **Revolucionário e gay: A extraordinária vida de Herbert Daniel – Pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão**. 1º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.